

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**O JUDAÍSMO ENCALACRADO: MÍSTICA E RELIGIÃO EM A
HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR**

por

Evandro César Cantária da Silva

Orientador:

Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães

Dissertação de Mestrado apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, para obtenção do grau de Mestre.

São Bernardo do Campo — Março de 2006.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Evandro César Cantaria da

O judaísmo encalacrado: mística e religião em a hora da estrela, de Clarice Lispector / Evandro César Cantaria da Silva. São Bernardo do Campo, 2006.
146 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Orientação de : Antonio Carlos de Melo Magalhães

1. Literatura e religião 2. Lispector, Clarice, 1920-1977 – Crítica e interpretação 3. A hora da estrela – Crítica e interpretação I. Título.

CDD 291.175

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães
Presidente – UMESP
Universidade Metodista de São Paulo

Prof. Dr. Cláudio de Oliveira Ribeiro
UMESP
Universidade Metodista de São Paulo

Prof. Dr. Antonio Manzatto
UNIFAI
Centro Universitário Assunção

DEDICATÓRIA

Para Juliana

AGRADECIMENTOS

À CAPES e ao IEPG pelas bolsas de pesquisa durante o mestrado.

Sou profundamente grato, à Juliana, esposa, amiga e amada, por seu amor e paciência, por sua graça e ternura, em todos os meus encontros e desencontros dentro do mundo clariceano.

Ao Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães, amigo e orientador deste trabalho, por suas palavras fraternas e seus incentivos constantes. Obrigado!

Aos amigos Alê, Cida, Di e Lú, pela caminhada e companheirismo desde meus tempos de infância paulistana.

Ao amigo Luis Carlos Albuquerque, companheiro de hoje e de sempre, que mesmo distante, faz-se presente com sua graça de irmão.

Aos familiares de ontem e de hoje, que em sua confiança e afeto, fizeram-se participantes nesta caminhada severina.

Aos amigos Roy e Samuel, testemunhas oculares de meu martírio, companheiros de tempos saudosos.

Ao amigo Hebert, pela revisão do trabalho, pelas sugestões e notas, e, sobretudo, pelas piadas e causos, palavras fundamentais no desfecho desta pesquisa.

A Léia e Angela, pelo apoio nesta reta final de trabalho.

SILVA, Evandro César Cantária da. *O Judaísmo Encalacrado: mística e religião em A Hora da Estrela, de Clarice Lispector*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SINOPSE

O objetivo deste trabalho foi o de demonstrar a importância e pertinência do diálogo entre literatura e religião, concentrando o âmbito de sua pesquisa a partir das relações entre a escritura de Clarice Lispector e as ressonâncias de uma tradição (judaísmo), que embora não tenha sido assumida pela autora, persiste, encalacrada em toda a sua obra. Tendo, como objeto de pesquisa o romance *A Hora da Estrela*, esta dissertação procurou entender como o drama da narrativa, em seu jogo de tensões e identidades, em sua pluralidade de títulos e referências, sinaliza também um profundo problema com a religião. Focando, de forma especial a personagem Macabéa, este estudo procurou compreender como as referências da personagem, sua dificuldade com as palavras, seus desencontros do outro (tu) e sua rejeição social, revelam um grave problema de ordem teológica, demonstrando os equívocos de uma sociedade, que fundada sobre o prisma da religião, massacra os mais fracos. O desfecho do livro sinaliza uma possível epifania, mas, desvela-se num fracasso da religião e de seu poder salvífico. O trabalho procurou a partir dos principais temas do romance, perceber suas correspondências com o tema da religião. Pode com isso, a partir das contribuições de Scholem, ver como dilema existencial e subjetivo da personagem possui proximidade com o drama místico cabalístico, além disso, perceber as correlações entre a obra clariceana e textos da tradição judaica, quer na sua referência explícita (nome da personagem), como também, em seu aspecto de busca, em sua forma de midrash e nas inúmeras exegeses e comentários que propicia. Finaliza seu esforço, levantando uma discussão ética sobre os valores teológicos da sociedade e seus profundos equívocos, ante a vida e morte da pobre Macabéa, uma mulher que viveu a religião nos limites da própria existência.

SILVA, Evandro César Cantária da. *Judaism at Risk: mysticism and religion in the Hour of the Star, Clarice Lispector*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006. (Masters Dissertation).

ABSTRACT

The objective of this work was to demonstrate to the importance and relevancy of the dialogue between literature and religion, concentrating the scope of its research from the relations between the writing of Clarice Lispector and the resonances of a tradition (judaism), although it never was assumed for the author, persists, risk in all its workmanship. Having, the object as research the novel the Hour of the Star, this dissertation sought to understand the drama of the narrative in its play of tensions and identities, in its plurality of headings and references, also signs of deep problem with the religion. Focusing especially on the Macabéa personage, this research sought to probe the references of the personage, its difficulty with words, its failures in meeting of the other (hou) and its social rejection. These problems discloses a serious problem of theological order, demonstrating the mistakes of a society, that established on the prism of the religion and massacres weakkest. The outcome of the book signs possible epiphany, but, disclose in the a failure of the religion and its power to save. Based on the principle themes of the novel, perceive its correspondences with the subject of the religion. From this, based on the contributions of Scholem, it is possible to see how the existential and subjective quandary of the personage approximates the mystic tragedy cabalistic. Besides to perceive the correlations between the text of author and texts of the jewish tradition, in its explicit reference (name of the personage), as well as, in its aspect of search, its form of midrash and the innumerable exeges and commentaries that it propitiates. The final contribution of the text is to raise an ethical quarrel regarding the theological values of the society, and its profound errors, in light of the life and death of the poor Macabéa, a woman who lived her religion to the limits of her own existence.

Em algum lugar do infinito, ou infinitamente preenchido, Deus faz avançar e recuar as peças doutros jogos que joga, é demasiado cedo para preocupar-se com este, agora só tem de deixar que os acontecimentos sigam naturalmente o seu curso, apenas uma vez ou outra dará com a ponta do mindinho um toque a propósito para que algum acto ou pensamento desgarrados não quebrem a implacável harmonia dos destinos.

José Saramago, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*

*Que deve transmitir a religião para a miséria da vida e para as injustiças que acontecem?
Deve expressar a vontade de que a injustiça, de que a tortura do inocente até a morte e o triunfo do carrasco não sejam a última palavra.*

Max Horkheimer

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo I - O Poder da Palavra: Linguagem e Religião e o Dilema do Texto	14
1.1 Literatura e Religião e o Debate na Atualidade	15
1.2 Nas Veias da Tessitura Clariceana	21
1.2.1 A Biografia de uma Fugitiva	24
1.2.2 Entre Bichos e Crimes	29
1.2.3 A Temática da Existência	36
1.3 Linguagem e Religião e o Drama de Clarice Lispector	39
1.3.1 Escritura Metafórica-Metafísica	40
1.3.2 O Estilo Bíblico de Clarice Lispector	43
1.3.3 A Hora da Estrela: Vida e Morte Macabéa	49
1.3.4 Midrash Contemporâneo	51
Capítulo II - A Saga Bíblica de Macabéa	58
2.1 Macabéa: Um Nome que ninguém tem	62
2.1.1 Nas Mãos de Boa Morte	70
2.1.2 Do Sertão para o Mundo	71
2.1.3 A Rejeição de Macabéa	73
2.2 Os Perigos do Mundo	76
2.2.1 O Problema das Palavras	77
2.2.2 Inadequação Espacial e Fracasso Existencial	81
2.3 A Falsa Profecia	83
2.3.1 O Desvelar de Macabéa	84
2.3.2. Falsa Profecia ou Anúncio de Esperança	87
2.3.3. A Força do Nome e a Explosão do Destino	89

	10
Capítulo III - Crítica, Mística e Confissão _____	93
3.1. O Espaço da Vida e a Crítica à Religião _____	94
3.1.1. O Fracasso dos Símbolos _____	96
3.1.2. Crítica à Religião _____	100
3.2. Nos Caminhos de Scholem _____	106
3.2.1. O Problema da Linguagem _____	108
3.2.2 Os Segredos das Palavras _____	112
3.2.3. Do Vazio do Mundo ao Mundo do Vazio _____	117
3.3. O Judaísmo Encalacrado _____	121
3.3.1. A Vingança do Texto _____	123
3.4. Macabéia e a Luta pela Vida _____	127
3.4.1. Mística Agônica _____	128
3.4.2. Quanto ao Futuro _____	131
Conclusão _____	134
Bibliografia _____	138

INTRODUÇÃO

Tem-se destacado nos últimos anos, um considerável acréscimo em estudos e publicações sobre as relações entre literatura e religião. Debate emblemático, porém, cativante que, se de um lado, ainda espregueia os largos da marginalidade em alguns espaços, por outro, encontra-se em profusa e intensa discussão em ambientes acadêmicos, que já se desvencilharam do espírito dogmático e fragmentário da modernidade. É fato, que estamos lidando com saberes, que circunscritos por suas linguagens e configurações ao longo da história dos saberes, foram polarizados em espaços opostos.

Por isso tudo, constata-se com muito louvor estes novos tempos que manifestam, à contramão dos fundamentalismos e niilismo recentes, um desejo de interação e diálogo. Temas e debates que antes restringiam-se ao mundo da teologia, estão presentes na realidade dos estudos literários, como constatação da presença intensa e perquiridora da religião nas narrativas e criações poéticas. Abordagens restritas ao *locus* da crítica literária têm sido alvo de enfoques e problematizações nos estudos de religião.

É inegável, ventos de diálogo têm impulsionado novas abordagens e estudos sobre o fenômeno humano. Contudo, constatamos como advertência *a priori*, que nos circunscrevemos numa área limite, tensa e polêmica: a escritura de Clarice Lispector. Dona de uma obra que ocupa lugar de destaque em nossas letras, Clarice Lispector não se pormenorizou pela rotina literária, ao contrário, criou um mundo ficcional complexo, tenso,

mágico e, sobretudo, humano. Ao focar o tema da religião em Clarice, fazemo-lo a partir da constatação de que Clarice possuía uma profunda preocupação religiosa. Não a preocupação confessional ou dogmática e, sim, a preocupação absoluta de Tillich, aquela preocupação fundamental com o destino e a condição da existência humana.

Quando trazemos à baila das discussões o romance *A Hora da Estrela*, pretendemos dialogar e entender como o problema social que se anuncia no romance, está intimamente ligado à questão ontológica e ao problema da religião. Em Clarice constata-se um aspecto de totalidade, o que faz com que a sua abordagem da pobreza seja feita de forma muito mais profunda. Macabéa é o alvo de Clarice, é o outro dentro de sua última narrativa; um outro que ela persiste encontrar e faz disso sua razão última. Em Clarice, literatura e religião se engalfinham no dilema dos seres humanos, em sua busca pelo outro, pela palavra, pelo nome indizível.

Buscando alcançar a escritura clariceana, sem impor qualquer definição ou conceito que a ela não caberia, procuramos primeiramente focar algumas das principais abordagens feitas sobre a interface teologia e literatura. Além disso, apresentamos as principais características do mundo clariceano: seus debates, aspectos e enfoques, além de caracterizar a narrativa que pretendemos analisar e discutir.

Num segundo momento, adentramos ao mundo de *A Hora da Estrela*, tentando analisar e dialogar em torno dos principais acontecimentos da vida de Macabéa, mostrando seu desconhecimento do nome, sua inconsciência histórica e sua alienação existencial. E ainda, a realidade trágica e violenta que apresenta o romance, o assassinato do pobre.

Por último, escolhemos debater em torno dos temas que se desvelam a partir de *A Hora da Estrela*. Focando a ambígua abordagem da religião dentro do romance, constatamos perplexos o fracasso simbólico da religião, sua incapacidade em alcançar e dar sentidos aos sujeitos. De outro lado, sondamos como o texto clariceano desvela profundas e

intensas correspondências com textos da tradição mística judaica. Com isso, assumimos como pressuposto que persiste em Clarice Lispector um judaísmo encalacrado, que vem à tona no romance como um ato de vingança do texto, como um acerto de contas da autora com a sua própria história e condição.

Circunscrevemos ao final um debate ético, primeiro levando em consideração que Macabéa, em sua história, caminhou imbuída de uma mística agônica, numa busca desenfreada de um outro (tu) que sempre se pôs mais distante de si. Por fim, ousamos discutir a questão ética do romance e sua relação direta com o tema da religião e com o problema de Deus.

Dessa forma, compreendemos que *A Hora da Estrela*, o último romance de Clarice Lispector, desvela sua relação existencial e agônica com o texto, com a vida e com esse *outro*, esse “Deus abscondito” que persiste passear em sua escritura, embora, nunca atingido e nomeado.

Sinto que existe uma palavra, talvez unicamente uma, que não pode e não deve ser pronunciada. Parece-me que todo o resto não é proibido. Mas acontece que eu quero exatamente me unir a essa palavra proibida¹.

¹ BORELLI Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.84-85.

CAPÍTULO I

O PODER DA PALAVRA: LINGUAGEM E RELIGIÃO E O DILEMA DO TEXTO

Se embrenhar nos caminhos da linguagem e da religião será sempre trilhar os dilemas mais radicais do ser humano. Nosso projeto se atreve a tal façanha, pois entende como um caminho incontornável, quando se quer estudar e refletir sobre a narrativa de Clarice Lispector. Problematizar a linguagem é preciso. Só isso bastaria, para nos determos em grande parte de nosso trabalho, e é o que de certa forma iremos fazer. Contudo, estamos trabalhando numa zona de confluência, de diálogo, queremos tecer uma colcha multifacetada, um trabalho interdisciplinar, que possa trazer ao encontro e à interação, literatura² e religião³. Como se pode ver, estamos numa arena de gigantes, e longe de nós, a

² É impossível, se embrenhar numa pesquisa sobre literatura e religião, sem antes, deixar claro e preciso os pressupostos que ajudarão a construir nosso método de leitura. Ao falarmos em literatura, estamos recorrendo àquilo que é usual nos estudos literários, que é o de entender o fazer literário como: "... atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem". In: LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. São Paulo: Ática, 1991. p.7-8. Essa definição de Lajolo, vai ao encontro da tese de Antonio Magalhães, em sua teoria sobre a relação entre teologia e literatura, que se caracteriza por ressaltar que a força do texto literário, reside no "... fato desta ser também um discurso sobre o mundo e o sentido da existência humana em meio à complexidade de suas relações e motivações inconscientes". MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000, p.122. Isto posto, assumimos como pressuposto em nosso trabalho que literatura é uma forma de conhecimento humano da realidade, que privilegiando a intuição como primado de seu trabalho, possibilita uma experiência de recriação, ressignificação e de ampliação de nosso mundo, vida e entendimento, nisto reside a força e a capacidade polissêmica da literatura.

³ Falar de religião é conforme Rubem Alves, falar de uma linguagem, que ao longo da história oscilou entre um poder quase absoluto e uma referência quase sepultada. Nossa compreensão parte do pressuposto que religião, tal qual a literatura, é uma intérprete da cultura, não a única, mas com certeza uma das mais importantes em sua capacidade de narrar os mitos constitutivos da existência humana, sua força em estabelecer civilizações, em criar sentidos de vida e ressignificar esperanças históricas. "Literatura e religião se confundem, pois ambas expressam

arrogância de enfrentá-las sozinho. Caminhos já foram percorridos, estudos desenvolvidos e abordagens feitas e refletidas, sobre as possíveis relações e distâncias entre literatura e religião, e mais especificamente, sobre teologia e literatura. Desta forma, alguns nomes devem vir à baila, algumas teses devem ser refletidas antes de propriamente adentrarmos ao mundo ficcional de Clarice Lispector. Com isso, queremos traçar algumas afirmações e resultados de pesquisas que se deteram em estudar a interface literatura e religião.

1.1 Literatura e Religião e o debate na atualidade

O debate sobre as relações entre os saberes, tem em muito acalentado a discussão em torno da interface literatura e religião, sobretudo, nos últimos anos. A discussão tem levantado, de uma maneira geral, as proximidades, especificidades e distâncias que marcam ambos os saberes. Isso pode ser visto pelo número considerável de publicações e pesquisas em torno desta interface. Delimitamos em nossa leitura, pontuar as principais teses e resultados de algumas pesquisas feitas nos últimos anos no Brasil. Nos deteremos na leitura e análise de três trabalhos que se ocuparam com a relação entre literatura e religião, outros estudos ficarão de fora, nesse primeiro momento de nossa abordagem, mas de forma alguma são considerados menores em sua importância e pionerismo em torno da interface teologia e literatura⁴.

o corriqueiro, as firulas e mesquinhez do cotidiano, ao mesmo tempo que nos puxam para o insondável, para algo que nenhuma atitude reprodutora da satisfação cotidiana conseguirá atingir, porque o que procuramos vem da parte de além, mas está ao mesmo tempo de uma certa forma visível aos olhos...”. In: MAGALHÃES, Antonio. op. cit., p.179

⁴ Dentre esses textos, vale destacar o pioneiro trabalho organizado por Jean-Pierre Jossua e Johann Baptist Metz, na revista *Concilium* 115, já no ano de 1976, cujo trabalho compõem-se de artigos de teólogos preocupados em entender a relevância e a contribuição da literatura para a teologia. Em solo brasileiro, destaca-se o livro de Antonio Manzatto, *Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*, de 1994, texto que ocupa lugar de relevância nos estudos sobre a relação teologia e literatura, por ser o primeiro grande texto a problematizar tal diálogo interdisciplinar. Por ser o primeiro, não lhe faltaram leituras e, consequentemente críticas, em grande parte, ao método empregado na pesquisa, que de uma forma consensual, não atesta positivamente para um diálogo entre os saberes, ao contrário, corrobora um uso funcional da literatura pela teologia. Críticas à parte, não se pode diminuir sua importância enquanto texto primeiro. Outro trabalho singular é a tese de doutorado de *Eli Brandão*, sobre a poética de João Cabral de Melo Neto. Pesquisa ampla e intensa sobre as relações intrínsecas entre teologia e literatura, e mais especificamente, entre os textos literários e textos teológicos. O percurso do pesquisador em torno de teorias lingüísticas, filosóficas e literárias

Waldecy Tenório: a explosão do sagrado

Primeiramente, destacamos as importantes inferências de Waldecy Tenório em torno da poética de João Cabral de Melo Neto, em seu estudo *A Bailadora Andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral*. Trabalho que se situa numa conflituosa zona de estudos, uma vez que a pesquisa foca à obra de um poeta assumidamente ateu, de profunda tradição racionalista e que incorpora o método geométrico como sua arte poética⁵. Tenório faz um profundo percurso dentro da poética de João Cabral. Consciente dos limites que toda leitura tem⁶, ele construirá um método de leitura que fará perceber e evidenciar o movimento que se dá dentro da obra do poeta pernambucano, que sai de seu ensimesmamento radical e assume novos contornos, para dizer sobre as coisas de seu tempo e lugar⁷. A leitura de Tenório tornar-se-á mais contundente, quando diz que: “... o poeta vai se distanciando da racionalidade que fechou o homem, do solipsismo que por vezes marca a poesia moderna e, assumindo a vocação do faroleiro, acende a luz – ou a linguagem?”⁸. Uma vez abandonado o frígido racionalismo, o poeta começa a ser mais perceptível do dilema que marca o ser humano que vive nas estradas de sua região, por isso, há um profundo deslocamento em sua poética que o leva “... para o existencial, para a origem e o sentido da vida, para a possibilidade mesmo da transcendência”⁹.

O grande desfecho do trabalho de Tenório será a afirmação de que a poética de João Cabral, ao assumir o drama da existência, passa por uma radical virada antropológica, que

se desdobrará na cabal afirmação de que a obra *Morte e Vida Severina*: “... é amostra de uma relação transtexto-discursiva e de uma multifacetária ponte entre teologia e literatura, encontro entre a revelação poética, e a revelação teológica, palimpsesto através do qual podemos entrever como por transparência as narrativas do nascimento de Jesus dos Evangelhos de Mateus e Lucas”. In: SILVA, Eli Brandão. *O Nascimento de Jesus-Severino no Auto de Natal Pernambucano como Revelação Poético-Teológica da Esperança*: Hermenêutica transtexto-discursiva na ponte entre Teologia e Literatura. 2001. (Tese de doutorado – UMESP), p.11.

⁵ “Quando João Cabral começa a escrever, um transfundo positivista perpassa toda a cultura da época [...] Paul Valéry, Jorge Guillén e, entre nós, Joaquim Cardoso, são representantes dessa poética racionalista cuja influência será decisiva na obra de João Cabral”. In: TENÓRIO, Waldecy. *A Bailadora Andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral*. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial; São Paulo: FAPESP, 1996, p.52.

⁶ Idem, Ibidem. p.47.

⁷ Idem, Ibidem. p.92.

⁸ Idem, Ibidem. p.97.

⁹ Idem, ibidem. p.94.

se desvela na proposição de uma poética que possui alma, e que caminha decisivamente para o outro, para o leitor. Ao contrapor a morte com a renovação da vida, em *Morte e Vida Severina*, o filósofo será taxativo em dizer:

Se João Cabral nos mostra uma situação de morte, que a ideologia dos integrados fabrica, e ainda assim nos mostra também a explosão da vida, é porque a visão de mundo, que ele expressa em sua obra, faz o percurso dialético que vai da lucidez à esperança¹⁰.

A morte que é vencida pela nova vida, esse é o grande anúncio de esperança em *Morte e Vida Severina*. Anúncio que carrega dentro de si uma denúncia da injustiça que é praticada sobre o povo severino. O poeta da métrica e da racionalidade é, também, um homem tomado pelo sentimento de compromisso e engajamento com o povo pobre de sua realidade, de modo que Waldecy Tenório, é incisivo ao dizer:

A obra está feita, é um depoimento a favor do povo severino. Orá, dirá Guardini, evocando Dostoiévski, quem não acredita em Deus também não acredita nesse povo de Deus, mas quem acredita nesse povo de Deus é senhor do mistério de Deus, mesmo que até aí não tenha acreditado nele. Direi por isso que João Cabral é teólogo? Direi, como Maritain falando de Chagall, que ele tem um sentimento evangélico inconsciente¹¹.

Está posta, a afirmação central do trabalho de Tenório, como não nos cabe neste ponto, um julgamento maior dos limites ou avanços dessa obra. Pelo menos, temos a obrigação em dizer que em alguns aspectos ela será cabal para o nosso estudo, nos ajudando a perceber como o sagrado pode ser visto e descoberto nas entrelinhas do texto literário. Em Waldecy Tenório aprendemos que a obra de arte fala do mundo e quer afetar o cotidiano da vida humana¹². Além disso, desvencilhamos um método de leitura que por ser profundamente teórico e dialógico, nos faz perceber que atrás de uma poética enrijecida pelas estruturas da língua e pelos condicionamentos do pensamento, pode desvelar uma

¹⁰ TENÓRIO, Waldecy. op. cit., p.136.

¹¹ Idem, ibidem. p.140.

¹² Idem, ibidem. p.110.

sonora e viva evidência de compromisso com o ser humano, nos seus sonhos, dilemas e mistérios mais profundos¹³, eis a Bailadora Andaluza¹⁴ de Waldecy Tenório.

Antonio Magalhães: Deus no espelho das palavras

Outro trabalho significativo sobre a relação entre teologia e literatura é o livro *Deus no Espelho das Palavras*, de Antonio Magalhães. Resultado de uma pesquisa do teólogo em torno da interface teologia e literatura, no afã de vislumbrar suas proximidades, especificidades e contribuições ao longo da história. Não se trata de um texto analítico sobre uma obra literária, muito embora lance luzes para isso, mas de uma investigação em torno da relação literatura e cristianismo. O pesquisador desvela seu pressuposto básico, já na primeira linha de seu trabalho: “O Cristianismo é uma religião do livro”¹⁵. A partir desta afirmação, o teólogo construirá sua argumentação de que toda a força que o cristianismo desenvolveu na formação do ocidente, se deu justamente pelo fato de ser literatura¹⁶. Essa relação intrínseca entre teologia e literatura, faz atentar para as variadas razões que causaram distanciamento entre ambos os saberes ao longo dos tempos e, sobretudo, para um tipo de acirramento que ocorreu a partir do evento da modernidade.

O grande interesse de Antonio Magalhães é o de promover um diálogo interdisciplinar que respeitando as alteridades de ambas, possa em muito ampliar o horizonte dos saberes e a própria compreensão do humano. Neste sentido, ele pretende recuperar a capacidade dinâmica e hermenêutica da teologia, por meio de seu diálogo com a literatura. Pois, constata com muita evidência o péssimo caminho que a teologia adotou, quando se

¹³ “Teólogo inconfessável? [...] a religião faz parte da cultura não como dogma nem como crença, mas como grito. É também assim que a teologia está presente na poesia de João Cabral. O poeta grita até mesmo no quarto dos santos e chega a temer que isso seja blasfêmia. Não é. Blasfêmico teria sido o silêncio”. In: TENÓRIO, Waldecy. op. cit., p.164.

¹⁴ “Por tudo isso, quando vemos a poesia de João Cabral aproximar-se da transcendência, não é ainda o fim da viagem nem da leitura. É o começo da dança como desdobramento da revelação poética. Eis por que proponho um brinde à bailadora”. In: Idem, ibidem. p.167.

¹⁵ MAGALHÃES, Antonio. op. cit., p5.

¹⁶ Idem, ibidem. p5.

engalfinhou nas trilhas do normativismo autoritário e, posteriormente, no simulacro da ciência.

Por meio deste diálogo, Magalhães quer recuperar o potencial da literatura para a teologia, superar a visão reducionista e preconceituosa que a crítica religiosa lançou às artes desde os primeiros séculos da era cristã. Oportunidade não só para a literatura, mas, muito mais ainda, para a própria teologia, que tem um momento privilegiado de superar o condicionamento epistemológico a que foi colocada na modernidade¹⁷, bem como o distanciamento radical que teve dos temas vitais para a sua própria revisão e ampliação¹⁸. Além disso, e o mais importante, que uma vez superado os reducionismos epistemológicos que ambas passaram no decorrer da história, Magalhães quer mostrar que a interface teologia e literatura acontece na dinâmica dos próprios textos, “... permitindo que ambas se pertençam na interpretação do mistério e do sentido mais profundo de nossas vidas”¹⁹. Nesta afirmação se resume a grande tese de Magalhães, que teologia e literatura possuem, por meio da força simbólica-narrativa de seus textos, o falar dos possíveis do ser humano.

Salma Ferraz: o Deus saramaguiano

Por último, destacamos o trabalho de Salma Ferraz, *As Faces de Deus na obra de um ateu*, resultado de uma tese de doutorado que como bem apresenta o título, pretende trabalhar as imagens de Deus dentro dos romances do escritor português José Saramago. Entendemos como relevante o trabalho de Salma em dois aspectos: primeiro porque se trata da leitura de uma estudiosa da literatura que assume discutir a relação teologia e literatura, problematizar seus postulados e costurar suas relações, e faz isso passeando dentro da obra de um escritor confessadamente ateu. Ela assume como pressuposto que o tema Deus é um

¹⁷ “A teologia dialogou e, por isso, usufruiu e sofreu com todas as virtudes e mazelas da chamada modernidade. Uma das influências mais marcantes foi a forma como o conceito de conhecimento científico plasmou todas as ciências no nosso século e, por conseguinte, a teologia”. In: MAGALHÃES, Antonio. op. cit., p.153.

¹⁸ Idem, ibidem. p.157.

¹⁹ Idem, ibidem. p.207.

eixo condutor e estruturador da obra do ficcionista português²⁰. A partir desta consideração, a pesquisadora faz uma leitura temática de alguns romances de José Saramago, procurando construir a partir destes, um vitral, que apresenta uma visão multifacetada de Deus. Um segundo aspecto que nos chama atenção é a forma como a pesquisadora trabalha a sua leitura a partir das categorias da crítica literária, como a tematologia, e ainda, alguns conceitos-chaves do teórico russo Mikhail Bakhtin. A autora constrói um método de leitura que permite perceber as ironias, os sarcasmos e as confissões a que estão ligadas a religião cristã, e a sua figura central, o Deus Todo-Poderoso. Porém, mais do que isso, ela permite perceber como se constrói na narrativa uma espécie de anti-teologia, uma resposta às incoerências e equívocos do cristianismo. E como sabemos bem, para negar é preciso tê-lo assumido anteriormente. A autora desvenda as inversões que ocorre dentro dos romances de Saramago sobre eventos e temas da fé cristã. Estas inversões têm seu exemplo mais agudo na leitura que faz no *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, apontado este como um “*evangelho às avessas*”²¹. O grande resultado do estudo de Salma Ferraz é trazer à tona como o tema Deus pode ser evidenciado e desvelado dentro do mundo ficcional. Além, de ver neste o grande tema de Saramago, o que a leva a dizer, que “... embora seja ateu, em sua obra Deus está presente e participa do destino da humanidade”²². O que a faz resumir a obra de Saramago como uma antiteodicéia, um grande conjunto sistemático que dialoga profundamente com a tradição da qual quer negar, eis o vitral de Saramago.

Leituras e discussões à parte, de uma forma geral, os três textos aqui discutidos, bem como, tantos outros que serviram para acalantar e ampliar nossa compreensão sobre a discussão teologia e literatura, de uma forma ou de outra serão incorporados e utilizados ao

²⁰ FERRAZ, Salma. *As Faces de Deus na Obra de um ateu - José Saramago*. Juiz de Fora: UFJF; Blumenau: Edifurb, 2003, p.19.

²¹ “O título do livro – *Evangelho Segundo Jesus Cristo* – nos remete a um evangelho humanista que é construído por um evangelista que relê, pelo lado demoníaco, episódios bíblicos dificilmente questionados, instaurando assim um “mundo às avessas”, um evangelho profano marcado pela “cosmovisão carnavalesca...”. In: Idem, *ibidem*. p.148.

²² Idem, *ibidem*. p.200.

longo de nosso trabalho. Nos detemos nestes três, por serem textos com especificidades bem próprias, e que de uma forma bem peculiar em muito acrescentarão nossa incursão dentro do texto clariceano. Isto posto, cabe a nós criarmos e descobriremos a melhor maneira de se enveredar no mundo de Clarice Lispector. Sabemos que tal façanha é arriscada. Por isso, assumimos alguns cuidados prévios para orientar nossa empreitada:

- 1- dialogar com os principais estudiosos de Clarice Lispector;
- 2- colher indicações para a compreensão do texto clariceano;
- 3- entender como o tema do sagrado/religião se movimenta em seu texto.

Feitas estas considerações, temos agora como desafio adentrar “as veias da tessitura clariceana”, ultrapassar o “portão principal” e iniciar-se dentro da narrativa de Clarice Lispector. Eis o nosso desafio!

1.2 Nas veias da tessitura clariceana

Adentrar as veias da tessitura clariceana é arriscado, exige estratégias e formas bem claras. Por isso, queremos seguir este mundo ficcional, primeiramente, passando por aquilo que é incontornável em Clarice, sua errante e fugidia biografia, aspecto intrínseco de sua própria ficção. Posteriormente, queremos problematizar algumas temáticas e imagens que circulam na escritura clariceana: em primeiro lugar, a presença constante de animais e crimes em alguns de seus romances e contos; e logo em seguida, a temática impulsionadora de toda a sua obra, o drama da existência.

Para tatearmos este mundo complexo e enigmático, nos valem de algumas “pistas” dadas por alguns dos seus principais interlocutores. A partir disso, a própria forma de leitura que levantaremos em nosso trabalho, nos faz concordar com o que diz, Yudith Ronsenbaum: “Seja como for, o diálogo possível com a obra dessa escritora terá de fazer-se aos poucos, de forma tateante e fragmentária, de um modo mais alusivo do que afirmativo – como são

na verdade, os seus escritos”²³. Portanto, ao focar nossa atenção no método de leitura do texto clariceano, não nos cabe, e é isto que Rosenbaum quer chamar atenção, suscitar afirmações rápidas e imprecisas. Pois, a narrativa de Clarice Lispector exige uma luta, um tempo e uma disposição de leitura e reflexão que em muito problematiza e dificulta a tarefa do pesquisador, o que nos faz concordar com Luciana Picchio, quando diz que: “A leitura de Clarice é difícil e trabalhosa. Exige do leitor a mesma atenção concentrada e tensa, mas também o mesmo intenso abandono que se intui presente no ato da escrita”²⁴. Concentração e abandono são características imprescindíveis para a leitura de sua obra, não é por outra razão, que a própria autora pressupõem um leitor-modelo²⁵, alguém que como ela não se restrinja às conveniências e formalismos que impregnam o fazer literário²⁶.

Em outras palavras, nossa tarefa é árdua e sedutora, pois se faz com uma autora que não se encapsula facilmente a definições e padrões arbitrariamente estabelecidos²⁷. Entendemos que o drama e a busca que se espreita na ficção clariceana, não podem ser meramente rechaçados (o que pode ocorrer com alguns leitores de primeira viagem) a classificações imprecisas e torpes. Cair em definições reducionistas e simplistas é um dos problemas que podem ocorrer ao trabalhar com o mundo literário de Clarice Lispector. Não é esta nossa intenção, bem como, não pode ser de qualquer estudo que pretenda focalizar a obra da escritora. Devido a todos estes riscos, que podem ocorrer com uma pesquisa que intencione ver os aspectos religiosos e metafísicos da escritura clariceana, especialmente a

²³ ROSENBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002. p.13.

²⁴ PICCHIO, Luciana Stegagno. *Epifania de Clarice*. In: Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, vl. 9, 1989. p.18.

²⁵ “Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar. Aquelas pessoas que, só elas entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, o personagem G.H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria”. In: LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* Ed. crítica, Coord. Benedito Nunes. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago de Chile: Allca XX, 1988. (2ª ed. 1996, 1ª reimp. 1997 – Coleção Archivos, 13).

²⁶ Conf. SÁ, Olga de. *A Escritura de Clarice Lispector*. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2000, p.26.

²⁷ “Mitificada ou rejeitada ao longo de mais de 30 anos de produção literária – passando por romances, contos e crônicas e livros infantis, a mulher e escritora Clarice Lispector resiste a todas as tentativas de enquadramentos, classificações ou definições”. In: ROSENBAUM, Yudith. Op. cit., p.8.

sua marca bíblica, atentamos para algumas observações fundamentais feitas por estudiosos e críticos da autora. Um exemplo muito próprio está na própria biografia de Clarice Lispector, o fato de ser judia, pode sugerir como condição *sine qua non* a percepção das marcas e os aspectos judaicos em sua obra. Contudo, como bem chama atenção Berta Waldman, em seus estudos sobre autores judeus na literatura brasileira: “É sem dúvida insuficiente afirmar que a presença de elementos judaicos na literatura brasileira se deve ao fato de os autores serem judeus”²⁸. Para tanto, a pesquisadora cria um método próprio para ler e vicejar os temas e errâncias do legado da cultura judaica sobre escritores de nosso século e pátria. Waldman destaca o duplo movimento que pode se configurar no texto: “... o processo de criar referência e o de apontar para o referente”²⁹. O primeiro aponta para a memória, algo que se inscreve sem ser determinado, enquanto o segundo “... é apontar para uma organização de matiz judaico, quer seja ela vinculada à tradição, à religião, à vida comunitária etc.”³⁰, ou seja, mais importante do que ver no texto sinagogas, templos, festas comunitárias ou referências a religião. É justamente no indeterminado, no não-dito, que devem estar nossa atenção e intuição como pesquisadores. Semelhante discussão foi feita por alguns teólogos e críticos literários ao trabalharem as proximidades entre teologia e literatura, quando, em suma, repudiaram qualquer pretensão de fundamentar à discussão desta interface, no simples fato de verem no texto literário a presença das palavras: Deus, igreja ou religião, como bem argüiu Antonio Manzatto³¹.

Refutar o lugar-comum é imprescindível num trabalho que quer peregrinar nas entrelinhas da narrativa de Clarice Lispector. É preciso olhar com atenção os caminhos e

²⁸ WALDMAN, Berta. *Entre Passos e Rastros: Presença Judaica na Literatura Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp/Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003. p.XXI.

²⁹ Idem, *ibidem*. p.XXI.

³⁰ FRIEDMAN apud WALDMAN, Berta. *ibidem*, p.XXI.

³¹ “... o critério que determina a pertinência ou importância de uma obra não é a presença de palavras como Deus ou Igreja em sua narração, nem a presença do papa ou de padres como personagens”. In: MANZATTO, Antônio. *op. cit.*, p.69.

impasses que se desvelam no texto, e que apontam para uma narrativa (ou melhor, uma autora) que assumiu o escrever como destino absoluto³².

Feitas estas considerações, podemos trilhar uma trajetória de estudo que possa por em evidência, os dilemas e percursos do mundo ficcional de Clarice Lispector. Tendo com isso, clara indicação que é nas veias da tessitura clariceana que queremos passear, pois só elas podem desvelar a vida e a condição desta estranha e misteriosa mulher, chamada Clarice Lispector.

1.2.1 A biografia de uma fugitiva

O enfoque à biografia no estudo crítico da literatura causou profundos debates nos séculos XIX e XX, em torno daquilo que é especificamente literário, e de como a literatura se relaciona com a realidade social, histórica e psicológica a que está interposta cronologicamente. Estes debates têm suas origens no biografismo de Sainte-Beuve³³ e nas teorias deterministas que tomaram conta da crítica literária, ao final do século XIX³⁴. Por essas e outras razões, a nossa intenção ao lançar mão da biografia da autora em nosso trabalho, não é o de possibilitar possíveis explicações casuísticas ao conjunto literário desenvolvido por Clarice. Ao contrário, o que nos interessa é a narrativa clariceana, é o texto, tal como pontua Massaud Moisés, é dele que queremos partir em nossos esforços³⁵.

³² CAMPOS, Haroldo de. apresentação. In: SÁ, Olga de. op. cit., 17.

³³ “Nas primeiras décadas do século XIX, com o Romantismo, a crítica literária passa a processar-se sistematicamente, destacando-se, então, o crítico francês Sainte-Beuve (1804-1868) e seu método biográfico: um processo de descrição que procurava explicar elementos da obra, através da vida do autor, fazendo uma abordagem da sua biografia. Desta, o ressalva o crítico a educação na infância, a hereditariedade, o físico, o ambiente, ou ainda experiências importantes. Até os ancestrais do autor podiam ser considerados. Devia ser focado o comportamento do autor em relação à religião, à natureza, às mulheres, etc. Chegava-se a reproduzir anedotas ou mesmo bisbilhotices sobre a vida cotidiana do autor”. Conf. SANTOS SOARES, Angela Maria. A Crítica. In: SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1985, p.93.

³⁴ “Sob a influência do Positivismo de Augusto Comte, cuja característica principal era o naturalismo, procurou-se aplicar à literatura os métodos das ciências naturais: da biologia, da física, da química; destacando-se nessa tendência crítica Hippolyte Taine [...] Taine relaciona a produção literária com as condições sociais, focalizando o público literário, e com a política. Um outro traço caracteriza tal posição crítica: o cientificismo, que seria desenvolvido sob o influxo e domínio do Positivismo. A influência deste se faz sentir na segunda metade do século XIX”. Idem, ibidem. p.93.

³⁵ MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 14ª ed., 2003. p.25.

Entretanto, como o próprio crítico nos lembra: “... toda a análise textual é contextual”³⁶, em outras palavras, o texto sempre suscitará o local e as condições em que se produziu, ele sempre será algo “... aberto aos influxos de fora, da cultura em que foi produzido, da língua em que foi elaborado, da sociedade que o motivou”³⁷. Não se trata aqui de cair nos biografismos ou psicologismos determinantes do século XIX. Biografia é tarefa para historiador, é ele quem está preocupado com o extratextual, com os acontecimentos que decorrem fora da ficção. Ao contrário do que pretende este trabalho, cuja tarefa é focar o produto literário. No entanto, entendemos que a narrativa de Clarice Lispector é um destes textos que, como frisa Massaud Moisés, sempre suscitará suas referências contextuais. Nas palavras de Berta Waldman:

Há autores em relação aos quais os dados da vida entremeiam com a obra, compondo um único objeto. Para Clarice Lispector, no entanto, o fato importante, o acontecimento maior foi certamente o texto. Nele e a partir dele é possível levantar não os seus dias, mas o seu modo de viver os dias. E de morrer³⁸.

É o texto clariceano, somente ele terá condições de desvelar a própria autora. Pois:

(...) é impossível demarcar, em seus romances onde se inicia o livre curso da personagem, pois esta é sempre tomada pela introspecção da sua autora. É a interioridade de Clarice Lispector que se exprime em seus textos, através de suas personagens que, apesar dos diferentes rostos, adquirem traços de um só EU³⁹.

Em outras palavras, não há linhas divisórias bem demarcadas entre o que é literário e o que é existencial⁴⁰ em Clarice Lispector. Por estar numa zona limítrofe, conforme

³⁶ MOISÉS, Massaud. p.17.

³⁷ Idem, ibidem p.17.

³⁸ WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.* 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 1992. p.14.

³⁹ TREVISAN, Zizi. *A reta artística de Clarice Lispector*. São Paulo: Pannartz, 1987, p.41.

⁴⁰ Assumo a palavra existencial em detrimento da palavra biográfico, para fugir da possível leitura burlesca de reduzir o texto a história de sua autora. Não é o intento do projeto em questão, e espero que isto fique evidente nos próximos capítulos. O que pretende-se mostrar é que em Clarice, vida e obra se entremeiam, a ponto do fazer literário se configurar como o grande destino da autora, a sua única chance existencial.

Massaud Moisés⁴¹, entendemos assim, passear pela história de vida desta errante escritora de nossas letras. Primeiramente, atendendo a um propósito didático, que é o de tornar conhecida a sua biografia. E em segundo lugar, é o demonstrar como a literatura se entremeia na experiência existencial de Clarice Lispector. Numa última palavra, não se trata aqui trazer luzes do biográfico para explicitar o textual mas, ao contrário disso, apontar como a vida da autora é refém de sua própria obra, o seu grande destino⁴².

Clarice Lispector nasceu em Tchetelnik (Ucrânia) a 10 de dezembro de 1920⁴³, filha de Pedro e Marieta Lispector. Ao que tudo indica, só no início de 1921, e mais precisamente, no mês de fevereiro, é que a família Lispector (pai, mãe e três filhas: a mais velha com oito anos, a do meio com quatro e a mais nova, Clarice, recém-nascida) teria chegado ao Brasil. A fuga da terra natal tinha motivos seríssimos: a Pós-revolução de 1917, que embrenhou a Rússia num profundo conflito interno de posições⁴⁴, e que afetava direta ou indiretamente a vida dos judeus que lá viviam. Portanto, Clarice já nasceu na estrada, fugindo de um destino pior em sua terra natal⁴⁵. Os Lispector vivem cerca de três anos e meio em Maceió e depois mudam-se para o Recife (quando Clarice já estava com quatro anos). A infância é envolta em sérias dificuldades financeiras. A mãe morre quando ela tinha nove anos de idade. Por volta de 1934, a família se transfere para o Rio de Janeiro, onde Clarice começa a trabalhar como professora particular de português. A relação

⁴¹ MOISÉS, Massaud. op. cit., p.25.

⁴² Conf. TREVISAN, Zizi. op. cit., p.80.

⁴³ “Nas duas últimas décadas de vida, Clarice adota diferentes datas de nascimento. Embora alguns documentos seus continuem fiéis ao ano de 1920 e embora a crítica adote, durante logo tempo, o de 1925. Clarice registra as datas de 1921, 1926, 1927 ...”. In: GOTLIB, Nádia Battela. *Clarice – Uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p.59.

⁴⁴ “... de um lado contavam com a vitória dos *vermelhos*, que tentavam vencer as dificuldades da fome e obrigavam os camponeses a entregar os grãos colhidos. De outro, os russos “brancos” tentavam sufocar a revolução e promoviam *pogroms*, ou seja, violentas perseguições aos judeus, com saques, assassinatos, estupros, pelos territórios que iam ocupando, como a Ucrânia, depois de serem obrigados a abandonar Moscou, já dominada pelos *vermelhos*”. In: Idem, *ibidem* p.62.

⁴⁵ “Clarice nasceu em viagem, quando a família já emigrava para a América. Nasceu em Tchechenilk. Mas os pais não eram dali. Vinham de outro lugar da Ucrânia. De onde, exatamente? Não se sabe. Sabe-se que Elisa, a irmã mais velha, nasceu na aldeia de Sawranh, circunscrição de Balta, Podolsk. Quando passaram por uma aldeia chamada Tchechelnik [...] nasceu Clarice, nessa aldeia pequena, que nem figura no mapa. Depois, seguiram viagem”. In: Idem, *ibidem*. p.62.

professor/aluno seria um dos temas preferidos e recorrentes em toda a sua obra - desde o primeiro romance⁴⁶. Em 1941, Clarice iniciou seu curso na Faculdade Nacional de Direito, ela estuda *Direito* por contingência. Em seguida, começa a trabalhar na *Agência Nacional*, como redatora. No jornalismo, conhece e se aproxima de escritores como Antônio Callado, Hélio Pelegrino, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Alberto Dines e Rubem Braga. Os passos seguintes são o jornal *A Noite* e o início difícil do livro *Perto do Coração Selvagem*.

A angústia era porque o romance a perseguia – e as idéias vinham a qualquer hora, na rua, no jornal, na faculdade. Nesse momento, surge uma das características mais marcantes do seu método de escrita: anotar as idéias a qualquer hora, em qualquer pedaço de papel⁴⁷.

Em 1943, casa-se com Maury Gurgel Valente, e no ano seguinte, ela publica *Perto do Coração Selvagem*. Em plena Segunda Guerra Mundial, o casal vai para a Europa, muda-se para Nápoles (Itália). O romance desnorteia a crítica literária⁴⁸, mas é com ele que Clarice ganhará seu primeiro prêmio literário, o prêmio da Fundação *Graça Aranha*. A autora permanece em Nápoles até 1946. Durante a II Guerra, presta ajuda num hospital de soldados brasileiros. Por telegrama, sabe do prêmio recebido pelo romance deixado no Brasil. Em Nápoles, em 1944, conclui *O Lustre*, livro iniciado no Brasil e que seria publicado em 1946. A obra é um tanto ofuscada pela estréia de Guimarães Rosa na literatura, com *Sagarana*, que na época captava a atenção da crítica.

⁴⁶ GOTLIB, Nádía Battela. o. cit., p.137.

⁴⁷ ABDALA JR., Benjamim; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Clarice Lispector*/Seleção de textos, notas e estudos biográfico, histórico e exercícios. São Paulo: Abril Educação, 1981, p.4.

⁴⁸ “Um mês após a publicação de *Perto do Coração Selvagem*, a imprensa especializada começava a se manifestar a respeito do livro. Sérgio Millet escreve [...] relatando desde seu enfado diante do estranho nome da autora [...] até a surpresa que a leitura lhe causara. Muitos outros nomes aplaudiram a estréia de Clarice, entre os quais: Guilherme Figueiredo, Roberto Lyra, Breno Accyoli, Lauro Escorel, Dinah Silveira de Queiroz, além dos amigos Ledo Ivo e Lúcio Cardoso. Merece destaque, a resenha do jovem Antonio Candido, na qual chama o romance de uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados. Cabe ainda citar, a crítica de Álvaro Lins que chama o livro de experiência incompleta e filia-o à linha de Virginia Woolf e James Joyce, dando como certa a sua influência. A crítica abate Clarice, conforme correspondência a sua irmã. Embora reitere que não tinha lido ainda nenhum dos dois autores”. Conf. cronologia estabelecida por Nádía Battela Gotlib In: *Clarice Lispector*. Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo: IMS, 2004, p.14.

Acompanhando a carreira do marido, Clarice Lispector viveu 15 anos fora do Brasil, entre: Nápoles, Berna (onde nasceu seu primeiro filho, Pedro), Torquay (Inglaterra) e Washington (onde nasceu seu segundo filho, Paulo, e onde morou durante oito anos). Em 1959, separa-se de seu marido e retorna ao Brasil, fixando residência no Rio de Janeiro juntamente com seus dois filhos. A Revista *Senhor* começa publicar mensalmente seus contos, mantém também, uma coluna no Jornal *Correio da Manhã*. Durante esse período publica os contos *Alguns contos* (1952), *Laços de família* (1960), e os romances *O lustre* (1946), *A cidade sitiada* (1949) e *A Maçã no Escuro* (1956). A escritora que cresce em renome, prosseguiu escrevendo e sendo traduzida no exterior (inglês, francês, tcheco, espanhol etc.). Os pedidos do filho Paulo em escrever uma historietta sobre um dos coelhos do menino, viraria em 1964, seu primeiro livro infantil, intitulado *O mistério do coelhinho pensante*. Em 1965, Benedito Nunes publica *O Mundo de Clarice Lispector*, primeiro livro dedicado integralmente à obra da escritora. Em 14 de Setembro do mesmo ano, ocorre um acidente que irá influenciar decididamente a vida da autora: foi vítima de incêndio doméstico que por muito pouco não a matou, mas que deixou profundas marcas no corpo e na alma da escritora.

Em 1973, publica *Água Viva*, livro que anteriormente já havia tido dois títulos: *Atrás do Pensamento* e *Objeto Gritante*, mas ainda não representavam o que autora de fato queria compor. Em 1975, é convidada a participar do I Congresso Mundial de Bruxaria, realizado em Bogotá, onde apresenta o seu enigmático e icônico conto *O ovo e a galinha*. No ano de 1977, Clarice participa do *Panorama Especial* da TV Cultura, em São Paulo, evento que se tornou o único registro audiovisual da autora, onde ela revela a composição de um livro que contava a história de uma nordestina. A autora solicitou que a entrevista só viesse ao ar após a sua morte, e “... se mostra reservada, imprevisível e aparentemente pouco à vontade”⁴⁹.

⁴⁹ Conf. cronologia estabelecida por Nádia Battela Gotlib In: op. cit., p.36.

Ironia ou destino? O fato é que Clarice morre meses depois, no dia 9 de dezembro de 1977, véspera de seu aniversário – às 10h30. É uma sexta-feira e, em observância às leis judaicas quanto ao *shabat*, não pôde ser enterrada. O enterro aconteceu no Cemitério Comunal Israelita, no Rio de Janeiro, no dia 11, domingo. No dia 28 de dezembro daquele ano, a TV Cultura levou ao ar a entrevista com a escritora. Clarice Lispector levou uma vida afastada de reuniões sociais e detestava ter sua privacidade invadida. Viveu de direitos autorais (que precisam ser completados com trabalhos de tradução e crônicas escritas para a imprensa). E, como nos fala Antonio Callado: “Clarice era estrangeira na terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noitinha numa cidade desconhecida onde há uma greve geral de transportes”⁵⁰.

Esse caráter incidental, perambular e, acima de tudo, errante, que está expresso em sua obra. Como nos fala Cecília Prada: ‘Sua literatura erigia-se já em torno do desejo de descer em profundidade no ser humano, à procura de uma coisa que sempre lhe escapava, a essência do ser’⁵¹. É essa busca e trajetória que marca toda a sua narrativa, que possibilitará uma pluralidade de temas, uma movimentação de sentidos e a descoberta de imagens e sons. É nesta plurisignificativa tessitura literária, que se inscreve a vida errante e intensa desta mulher brasileira, chamada Clarice Lispector.

1.2.2 Entre bichos e crimes

A obra de Clarice Lispector é permeada por uma infinidade de bichos, animais e imagens, que apontam decisivamente para a visualização dos elementos grotescos da existência, para o desvelamento de figurações mitológicas. O que se pode dizer, contudo, é que há na obra da autora um clima de fascínio e de pavor por bichos, e isso se apresenta em

⁵⁰ Antonio CALLADO apud GOTLIB, Nádia Battella. op. cit., p.52.

⁵¹ PRADA, Cecília. *Estranha e Apaixonada*. São Paulo: Revista Problemas Brasileiros, v.35, nº 323, p. 42.

muitas de seus textos⁵². Não bastasse isso, alguns de seus romances e contos narram situações de crimes e violência, fatos que de uma maneira geral, apontam para um certo tipo de denúncia ou pesquisa da autora. O interesse em destacar a figuração de bichos e crimes, tem o propósito de demonstrar a relação destes com as questões metafísica que pairam em sua narrativa e, mais do que isto, com os elementos demoníacos que ressoa em algumas de suas obras. Para tornar mais clara nossas considerações, trazemos à tona algumas idéias de Georges Bataille em sua *Teoria da Religião*, onde ele traça uma profunda relação dos elementos fundamentais da experiência religiosa com as origens primitivas e animais do ser humano, a sua consideração de que: “a animalidade é o imediatismo ou a imanência”⁵³. Ou seja, a animalidade aponta para o concreto e real da vida, para sua radicalidade mais explícita. E talvez seja por isso que Bataille considera que nada mais fascina e cativa o ser humano do que olhar para crueldade e constatar o seu aspecto precário, bem como, a sua dimensão de mistério e transcendência.

Esse olhar paira em algumas das personagens de Clarice, tal como aquela mulher do conto *O búfalo*, que vagava num zoológico, e olhava compulsivamente o movimento dos animais dentro de suas realidades grotescas. Se trata da história de uma mulher que procurava um amor, um *outro*, e tem nesse mundo de animalidades o único espaço de contato, ou ainda, como dirá Gilda Salem Szklo:

Este texto nos fala do aprofundamento da náusea como revelação do ser. Ele narra uma experiência espiritual, em que o sacrifício e o sacrilégio se cruzam; a redenção significa a anulação da personalidade, no plano moral, social, e o amor simboliza a entrega do “Ego” (o Eu) a potências cósmicas não diferenciadas, não éticas, que têm um lado sombrio e infernal, e um lado luminoso e divino⁵⁴.

⁵² “Não ter nascido bicho é uma minha secreta nostalgia. Os bichos me fascinam. Eles são o tempo que não se conta. Pareço ter horror daquela criatura viva que não é humana e que tem meus próprios instintos embora livres e indomáveis. Às vezes eletrizo-me ao ver bicho. Estou agora ouvindo o grito ancestral dentro de mim: parece que não sei quem é mais a criatura, se eu ou o bicho”. In: WALDMAN, Berta. op. cit., p.19.

⁵³ BATAILLE, Georges. *Teoria da Religião*. São Paulo: Ática, 1993. p.19.

⁵⁴ SZKLO, Gilda Salem. “*O Búfalo*”. *Clarice Lispector e a Herança da Mística Judaica*. In: Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, p.108.

Se trata da experiência de uma mulher que da sua subjetividade gritava: “Oh Deus, quem será meu par neste mundo”⁵⁵. Onde amor e ódio perpassam radicalmente:

(...) é uma relação em que predominam o amor e a aversão, a culpa e o remorso, a arrogância e a piedade, o bem e o mal, sem nenhuma preocupação com a harmonia. O caos a interessa: o momento de solidão profunda e o Nada⁵⁶.

A epifania no conto ocorre quando: “Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos”⁵⁷. Uma experiência que demonstra no olhar, o encontro da pura manifestação do bem e do mal, do amor e do ódio. Aquilo que ela mais queria, era aquilo que mais odiava: “E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos”⁵⁸. Essa experiência que entremeia desejo e repulsa, desvela de forma paradigmática o papel e a presença de animais na ficção de Clarice Lispector.

A visão beatífica do búfalo, culminando na percepção do ser, domina toda a existência e a ultrapassa. Não se trata mais do bem e do mal, nem do belo nem do feio; é simplesmente o real absoluto: o Nada, ainda silencioso, mas já luminoso⁵⁹.

A narrativa recria no mundo do texto uma realidade onde o belo e o grotesco se tocam, onde o mítico parece ressoar suas linhas e, ainda, onde a experiência mística do absorto e do nada, tem profundos e absolutos fundamentos no cotidiano da vida, em suas mais inesperadas e estranhas situações. Como afirmou Mendes de Souza, a obra clariceana se trata de uma escrita de errância⁶⁰, que nos causa profunda estranheza e perplexidade.

E, por isso, vale destacar que:

⁵⁵ LISPECTOR, Clarice. O Búfalo. In: *A Palavra é Amor*. Ricardo Ramos (org.). 2ª ed., São Paulo: Scipione, p. 80.

⁵⁶ SZKLO, Gilda Salem. op. cit., p.108.

⁵⁷ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p. 86.

⁵⁸ Idem, ibidem. p.86.

⁵⁹ SZKLO, Gilda Salem. op. cit., p.109.

⁶⁰ “Situando-se numa zona de fronteira, a literatura de Clarice implica a exclusão de qualquer tipo de hierarquizações e propõe a instauração de um espaço de errância: não ser de nenhum lugar ou amplamente existir numa gravitação que é de todos os lugares”. In: SOUSA, Carlos Mendes de. *A Revelação do Nome*. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo: IMS, 2004, p.140.

O texto de Clarice nos permite penetrar num espaço em que as mentalidades ocidentais formadas nos axiomas rígidos da lógica cartesiana são postas em xeque. Somos introduzidos num universo de pensamento que pressupõe a coexistência e mesmo a fusão de realidades aparentemente as mais contraditórias⁶¹.

Em outras palavras, a escritura de Clarice Lispector não se coaduna em definições e conceituações, todas incorrem no perigo da imprecisão e da inadequação. Se trata de um texto onde o real é posto em evidência e em xeque a todo instante. Assume-se o prosaico da existência para dele transpor a possibilidade do poético, do místico, do existencial, ou seja, é uma tentativa desesperadora e radical de superação do brutal da vida. É por isso que a animalidade perpassa tão intensamente sua obra, tal qual em *A Paixão Segundo G.H.*, onde a narradora-personagem se defronta com a matéria-viva da vida, com o cru da existência: “Diante de meus olhos enojados e seduzidos, lentamente a forma da barata ia se modificando à medida que engrossava para fora. A matéria branca brotava lenta para cima de suas costas como uma carga”⁶².

Essa imagem que se espraia da experiência de G.H., que põe a olho nu a precariedade da existência, ao mesmo tempo, que suscita o desencadeamento das forças simbólicas que se exprimem do inseto, causando na personagem um deslocamento visceral do seu real cotidiano⁶³. Ou ainda, a própria experiência de arrebatamento de que é tomada a personagem do conto *O búfalo*, só atestam e evidenciam o aspecto de violência e desfiguramento que marca toda a obra de Clarice. E traz à tona que “o animal para Clarice, está próximo das fontes do ser, do Deus imanente na matéria, pois não criou uma alma, não construiu uma sentimentaço, que nos distancia das raízes do ser”⁶⁴. E é desejo de retorno ao “mundo das origens”, que caracteriza o dilema de algumas de suas personagens, e só

⁶¹ SZKLO, Gilda Salem. op. cit., p.108.

⁶² LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.11.

⁶³ “... o animal exterioriza as forças traçoeiras que solapam a estabilidade desse mundo e que desalojam GH do círculo da existência cotidiana”. In: NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, 2ª ed., São Paulo: Ática, 1995, p. 61.

instiga nossa curiosidade sobre as proximidades que há entre a narrativa clariceana e algumas das teorias de Bataille⁶⁵.

Ademais, não só de bichos e animais vive a escritura clariceana, trata-se também de uma ficção que fala de crimes, de violências e de atropelamentos. Waldman, analisando a sua obra a partir do prisma da Lei, dirá que: “Se se analisa a ficção de Clarice Lispector à luz deste mandamento, nota-se que sob seu texto corre um rio de água contaminada pelos despojos de incontáveis assassinatos⁶⁶. Ou seja, trata-se de uma obra que também fala de acontecimentos do nosso cotidiano, mas o faz procurando desvelar o que está nas entrelinhas do real, numa procura do sensível e essencial da vida. Por isso, que em algumas vezes, sua obra também é filiada a uma escrita do mal, pois se trata de uma ficção que: “Não é uma equação. Clarice diz, repetidamente, que deve ser entendida com o corpo, pois com ele escreve. Isto significa que sua escritura orienta-se para o pólo da sensibilidade e se coagula em superícones...⁶⁷”.

Não há lógica cartesiana ou qualquer outro tipo de intenção universalizante que capte a obra de Clarice e a limite a uma definição ou palavra. Ela resiste a todas as definições. Desta forma, até mesmo a temática do crime que se apresenta em sua obra deve ser vista com muita mais argúcia do que se pode parecer. Um exemplo disso pode ser visto em *A Maçã no Escuro*, romance que narra a peregrinação do personagem Martim, que foge da sua casa, depois de supostamente ter assassinado sua esposa, se desloca da cidade (urbano) para uma fazenda (rural), para poder se esconder de sua ação. Benedito Nunes, dirá que:

O personagem foge duplamente: das conseqüências do crime e do seu próprio passado. E na medida em que foge fisicamente, o crime se transforma num ato positivo de ruptura com a sociedade e a fuga, num

⁶⁴ SÁ, Olga de. *Uma metafísica da matéria ou uma poética do corpo*. In: Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo: IMS, 2004, p.140.

⁶⁵ “Tudo indica que os primeiros homens estavam mais perto que nós do animal; talvez o distinguíssem deles mesmos, mas sem dúvida mesclada de terror e de nostalgia [...] Sem dúvida alguma, o que é sagrado atrai e possui valor incomparável, mas ao mesmo instante isso parece vertiginosamente perigoso para esse mundo claro e profano onde a humanidade situa seu domínio privilegiado”. In: BATAILLE, Georges. op. cit., p.32.

⁶⁶ WALDMAN, Berta. op. cit., p.155.

⁶⁷ SÁ, Olga de. op. cit., p.328.

movimento de evasão interior [...] Podemos distinguir nessa trajetória, entre a transgressão inicial cometida e a final sanção do crime, as etapas de um itinerário, que Martim percorre, após a ruptura com o passado e com a sociedade, à busca de si mesmo, de sua identidade pessoal⁶⁸.

O suposto crime (pois descobre ao final do romance que a mulher não havia morrido) de Martim coloca em cena e discussão a temática do paraíso, Martim é o novo Adão que falha e, que por falhar, foge da presença aterrorizadora de sua consciência. Esse percurso, que Nunes destaca com muita ênfase, é um período de profundo silêncio, Martim perde a linguagem e se esconde no rural (no abscôndito da existência), e ali vive como um trabalhador, renegando a palavra como meio de se ligar ao mundo, e vive apenas a trabalhar, como num ato sacrificial, numa tentativa de redenção. À medida que o romance avança, a história de Martim toma novas nuances, tal como a sua relação amorosa, se assim podemos chamar, a relação que tinha com as irmãs proprietárias da fazenda onde trabalha, Ermelinda e Vitória. O que aos poucos vai instaurando em Martim a concretude da vida, sobretudo, a partir do momento em que reassume a linguagem. Contudo, suas inferências metafísicas não dão cabo do destino que o atinge. Martim é preso pelo seu crime.

Entretanto, o grande ato de Martim, que não se concretizou as vias do fato, não tem importância para a própria narrativa.

Isso porque se trata de um crime abstrato, simbolizado como uma forma de alcançar a liberdade. O crime é conduzido, pois, não como um obstáculo, uma derrota, um delito, mas como um gesto livre a partir do qual o protagonista poderá construir com as próprias mãos o seu destino⁶⁹.

O que importaria destacar é o movimento que o ato desencadeou, a peregrinação que proporcionou a Martim, mas nem isto é capaz de livrar o personagem da consequência do pecado.

Martim tenta alcançar uma terceira margem ao final, rejeitando fórmulas e símbolos rançosos, mas essa tentativa não ultrapassa a esfera da

⁶⁸ NUNES, Benedito. op. cit., p.40.

⁶⁹ WALDMAN, Berta. op. cit., p.60.

subjetividade, não se concretiza no ato, não o protege, portanto, daquelas leis sociais das quais tentara escapar no início⁷⁰.

O crime abstrato não o livrou da pena concreta. Mas, se em *A Maçã no Escuro* o crime assume um feição simbólica e incompleta, no conto *Mineirinho*, ele é concreto e completo. O conto narra a história de um bandido por nome Mineirinho que é assassinado pela polícia com 13 tiros, “quando um só seria suficiente”⁷¹. Neste conto, a narradora deixa entrever uma inversão proposital, Mineirinho, o bandido é visto como o inocente, enquanto a polícia que cumpre a Lei, é culpada. O que, segundo Waldman, pode ser visto como:

(...) uma outra ética serve de suporte à posição da narradora que reivindica no jogo das ponderações a participação de um “justiça prévia”, espécie de sabedoria capaz de olhar a si própria e ver que todos os homens “lama viva, somos escuros, e por isso nem mesmo a maldade de um homem pode ser entregue à maldade de outro homem” porque assim este cometerá livre e aprovadamente um crime de fuzilamento⁷².

A ficção clariceana assume narrar o cotidiano, a partir de suas entrelinhas e margens, Clarice procura dar linguagem àqueles que não a possui⁷³. A temática do crime desvela em sua obra um processo muito maior, o dilema do fracasso humano, ou nas palavras de Regina Helena, se trata de uma deseroização, de uma desistência. O projeto humano pode fracassar sucumbido ante a violência e animalidade da existência, o que deflagra que há um grito interno em sua escritura⁷⁴, procurando revelar a trágica realidade em que revivem muitos de seus personagens. Peregrinar pela escritura clariceana, é trafegar por uma estrada cercada de

⁷⁰ ARÊAS, Vilma. WALDMAN, Berta. *Eppur, Si Muove*. In: Clarice Lispector: a paixão segundo C.L. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 1992. p.142.

⁷¹ Júlio LERNER apud GOTLIB, Nádia Battella. op. cit., p.457.

⁷² WALDMAN, Berta. “*Não Matarás*”: um esboço da figuração do “crime” em Clarice Lispector. In: op. cit., p.159.

⁷³ “Tocar na falta seria a arte? [...] Ela reaparece ao longo de toda a obra de Clarice Lispector, lá onde ela é “a palavra de quem não pode” (Água Viva), e lá onde quer dar a palavra aos personagens que não a têm ou a perderam, e que não tem quase forma humana: mendigo, criminoso, criança, Macabéas, mulheres vivendo da própria perdição”. In: OLIVEIRA MACHADO, Regina Helena de. *Crime e desistência nos textos de Clarice Lispector*. Remate de Males – Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, p.130.

⁷⁴ Idem, ibidem. p.123.

bichos e crimes. Dilacerada ante o drama humano, e totalmente envolta em narrar o dilema que o encapsula, e assim tentar tornar possível a sua epifania, a sua salvação.

1.2.3 A temática da existência

Situamo-nos ao certo, na mais evidente e fundamental questão da obra clariceana: o drama da existência humana. É verdade que, ao se expressar assim, podemos incorrer no lugar-comum de nomear a escritora como existencialista, tal como já foi feito no passado por alguns críticos literários. O que importa em nosso trabalho é perceber como este tema se relaciona com os outros aspectos da obra de Clarice, e como pode ser entendido como uma temática que desvela a preocupação da escritora com o sentido último do ser.

O filósofo paraense Benedito Nunes, autor do primeiro texto crítico sobre a obra da autora⁷⁵, faz uma série de estudos, destacando as principais características, as temáticas mais comuns, bem como, seus aspectos filosóficos. Nunes assume os personagens clariceanos como difíceis de se caracterizar e irá dizer que:

Em cada um deles é a existência, como fonte substancial de todos os conflitos interpessoais que se apresenta, infiltrando-se no cotidiano, produzindo a retração da personalidade social e que, desgastando a crosta protetora de sentimentos e atitudes criados pelo hábito e pela cultura, transcende os nexos objetivos, social ou historicamente estabelecidos, para impor-se como força dominante, primitiva e caótica⁷⁶.

A partir dos estudos do filósofo, pode-se perceber mais claramente, as proximidades com idéias e temáticas que caracterizam o existencialismo. Como nos fala, Olga de Sá:

Sem discutir a posição filosófica pessoal da escritora ou admitir a influência direta de uma dada filosofia sobre Clarice, Benedito Nunes focaliza temas importantes de sua ficção, apontando-lhes afinidades marcantes com a filosofia da existência⁷⁷.

⁷⁵ GOTLIB, Nádía Battella. *A Descoberta do Mundo*. In: Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo: IMS, 2004. p.30.

⁷⁶ NUNES apud SÁ, Olga de. op. cit., p.51.

⁷⁷ SÁ, Olga de. op. cit., p.51.

O que caracterizará as leituras de Nunes⁷⁸, é a busca em compreender o problema existencial que se expressa nas linhas clariceanas, e sua relação direta com a questão da linguagem e do ser, o que demonstra sua profunda vinculação com o pensamento heideggeriano. Outras vozes trouxeram à tona a temática existencial em Clarice, como por exemplo, Assis Brasil, que num ensaio de 1969, filia a autora ao existencialismo kierkegaardiano, isto falando especificamente da obra *A Paixão Segundo G.H.*, destacando a atitude positiva diante do drama da vida, em oposição ao absurdo de Camus, da qual só resta a aceitação humana⁷⁹. Outro nome é o do crítico Massaud Moisés, que a vincula à fenomenologia e ao existencialismo, especialmente na análise que faz dos livros *Laços de Família* e *A Legião Estrangeira*⁸⁰. Nunes, ao contrário dos dois, irá aproximá-la do existencialismo sartreano, dado a náusea e repulsa que paira em seus textos ante ao absurdo e ao convencionalismo da vida. No entanto, o mais importante no trabalho do estudioso, e que em muito nos interessa enquanto possibilidade de leitura interdisciplinar (filosófica e teológica), é a advertência que faz quanto ao perigo reducionista de se ler o mundo ficcional clariceano, por meio de uma categorização do sistema filosófico. Atestar e perceber temáticas e características afins, tem muito mais haver com: “... uma afinidade concretizada no âmbito da concepção do mundo de Clarice Lispector, mas que não determina de fora para dentro essa concepção. É existencial a temática que lhe serve de arcabouço”⁸¹.

Portanto, não se trata de uma definição *a priori*, mas, ao invés disso, se trata de uma temática que se movimenta intensamente em sua escritura e salta aos olhos do leitor. Em outras palavras, a obra desta brasileira nascida na Ucrânia, é uma reflexão sobre a condição humana em sua mais profunda transparência e radicalidade e, além disso, de como este ser

⁷⁸ Nunes lançou em 1973, o livro *Leitura de Clarice Lispector*. Em 1989, o relançou com o título *O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, onde faz uma revisão do texto e inclui dois novos ensaios.

⁷⁹ BRASIL, Assis. *Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1969, p.85.

⁸⁰ SÁ, Olga de. op. cit., p.47.

⁸¹ NUNES, Benedito. op. cit., p.100.

expressa sua subjetividade em face de um mundo que lhe nega a possibilidade de *ser-aí*. Por isto, concordamos com Plínio W. Prado Jr, quando diz que:

A escritura clariceana é um modo de autoreflexão permanente sobre o que se sente e sobre a forma de dizê-lo, sem traí-lo. Ela vem continuamente meditar sobre si mesma (inclusive para se destruir ...), por exemplo a partir da perda da linguagem do herói de *A Maçã no Escuro*, da luta para dar forma da narradora da *Paixão*, ou da próxima frase em *Água Viva* ...⁸²

Temos em nossa frente um mundo ficcional que pulsa por buscar intensamente o humano⁸³, em sua dimensão mais profunda. Por se inscrever assim, a existência, muito mais do que um problema de ordem conceitual ou ideológica, é para Clarice uma possibilidade radical que deve ser pensada a todo instante, por isso, irão articular em sua prosa inúmeras temáticas e motivos⁸⁴, que configurarão no dizer de Benedito Nunes, numa concepção de mundo, numa visão própria da realidade e do ser humano.

Sendo assim, podemos apresentar e dialogar em torno de alguns eixos e temáticas que são centrais no estudo e na compreensão da escritura de Clarice Lispector. Diálogos que muito mais serviram para instigar o estudo, do que propriamente aprofundar a questão. São pontos que servirão para dar clareza e objetividade àquilo que queremos fazer, que é tentar ouvir e compreender o grito interno que se propugna na narrativa clariceana. Isto feito, podemos já iniciar nossa tarefa dentro de questões que serão mais focais em nossa pesquisa, como compreender a nomeação escritura metafórica-metafísica para esse conjunto literário tão vasto e rico. Além disso, teremos como tarefa problematizar as relações e as

⁸² PRADO JR, Plínio W. *O impronunciável: Notas sobre um fracasso sublime*. Remate de Males – Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, p.24.

⁸³ “Em cada romance, em cada história verdadeira, mas inventada, há uma busca, uma demanda, mesmo no sentido místico-iniciatório do termo: a ascensão de Joana da infância até a morte-sem-medo (de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo), em *Perto do Coração Selvagem*; o caminho de Virgínia rumo à morte ‘predestinada’ em *O Lustre*; o itinerário de Lucrécia, em *A Cidade Sitiada*, até a esquálida e pungente aventura de *Macabéa*...”. In: PICCHIO, Luciana Stegagno. op. cit., p.18-19.

⁸⁴ “Autoconhecimento e expressão, existência e liberdade, contemplação e ação, linguagem e realidade, o eu e o mundo, conhecimento das coisas e relações intersubjetivas, humanidades e animalidade, tais são os pontos de referência do horizonte de pensamento que se descortina na ficção de Clarice Lispector, como a *dianóia* intrínseca de uma obra na qual é relevante a presença de um intuito cognoscitivo, espécie de *eros* filosófico que a anima”. In: NUNES, Benedito. op. cit., p.99.

possibilidades entre o texto literário de Clarice e sua referencialidade judaica. Por último, entraremos pela “porta” da *A Hora da Estrela*, tentando já apresentar e dialogar em torno do romance que é o objeto central de nosso estudo. Por tudo isso, entendemos que nosso trabalho, não é outro, senão o de perceber o drama que se desvela no mundo textual lispectoriano, e de como isto, traz em seu bojo, uma profunda, intensa e bela relação entre linguagem e religião.

1.3 Linguagem e religião e o drama de Clarice Lispector

Começamos a dar corpo e forma àquilo que queremos vislumbrar a partir do mundo de Clarice Lispector. E a partir de agora, queremos começar a dialogar em torno das características gerais da obra clariceana e, mais detalhadamente a partir das considerações mais amplas acerca de seu texto, sua unidade temática, sua categorização como escritura metafórica-metafísica como o faz Olga de Sá, e problematizar as suas ressonâncias bíblicas. Para assim, assumir *A Hora da Estrela* como um texto que desvela em seus entrelinhas, vestígios de um judaísmo inconfesso. Consideramos que estes aspectos a serem abordados, em muito nos ajudarão entender aquilo que se tornou usual na crítica clariceana, que sua obra é uma reflexão sobre a linguagem⁸⁵. Mas, além disso, o de perceber como essa reflexão, é marcada radicalmente pela busca para tentar dar forma (palavra) àquilo que é indizível, em tornar evidente aquilo que está no abscôndito da vida, em revelar o núcleo da vida, a matéria-viva do ser. Todo esta movimentação e intensidade, desvela uma escritura que tem em seu próprio bojo, a consciência do fracasso da linguagem⁸⁶.

⁸⁵ “Transposta a pauta para os grandes romances – *A Maçã no Escuro* e *A Paixão Segundo G.H.* [...] Essas duas grandes obras são uma profunda reflexão da artista sobre a linguagem...”. In: PRADA, Cecília. op. cit., p. 44.

⁸⁶ “Eu tenho à medida que designo – e este é esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem”. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.113.

Linguagem e religião se problematizam na tessitura clariceana, pois ambas reconhecem a incapacidade em narrar e descrever algo que escapa à volúpia da palavra e ao enclausuramento do conceito. A escritura clariceana se caracteriza por ser um texto-obra aberta a todas direções⁸⁷, passível de variadas leituras, demarcada por um excesso de referências e efeitos⁸⁸, imbricada por uma estranheza textual e, acima de tudo, obcecada pela busca e entendimento do grande mistério que envolve o ser humano, e o aflige em suas dimensões mais profundas.

1.3.1 Escritura metafórica-metafísica

Olga de Sá, em seu livro *A Escritura de Clarice Lispector*, denominou o mundo narrativo de Clarice Lispector de escritura metafórica-metafísica. Os grandes méritos de seu trabalho, foram o de reunir e dialogar em torno dos principais autores e críticos que haviam pensado e debatido a obra clariceana até aquele momento⁸⁹. E, além disso, o de promover uma leitura das obras de Clarice a partir de referenciais da filosofia, da crítica literária e da semiótica, o que permitiu compreender o mundo ficcional clariceano, como um *corpus* literário, intimamente ligado e imbricado, uma escritura na acepção maior da palavra.

A trajetória da pesquisadora dentro da obra clariceana, procurou sondar os principais eixos-temáticos e icônicos que se articulam e se movimentam na sua narrativa. Ao buscar

⁸⁷ “Privilegiar um único sentido em vez de o jogo das significações, a palavra em vez da voz, na coerência de sua obra, é negar sua proposta básica: a de uma linguagem aberta para a revelação (uma linguagem como destinação da idéia, realidade ativa verbo em busca de permanência). A intenção da narrativa de Clarice é acordar sentidos (sensações e sentimentos) no tempo da fala”. Cf. RÉGIS, Sonia. *O Pensamento Judaico de Clarice*. O Estado de São Paulo, 14 de Maio de 1988. Disponível em: <<http://www.clarice-lispector.cjb.net>>. acessado em: 11 de abril 2005.

⁸⁸ “Os termos que lhe saem da pena, porque a palavra é sua quarta dimensão, estão saturados dos efeitos epifanicos já apontados: jóia que refulge no ar, glória estranha no corpo, matéria sensibilizada pelo arrepio dos instantes, alegria e canto de aleluia!”. In: SÁ, Olga de. op. cit., p.201.

⁸⁹ O livro *A Escritura de Clarice Lispector*, é resultado de uma dissertação de mestrado sobre a orientação de Haroldo de Campos, no final da década de 70. A pesquisadora faz na primeira parte de sua obra, uma verdadeira varredura em todos os textos e obras que haviam focalizado a obra da autora, até aquele momento. E o divide como: fortuna crítica; década de 40 e 50, e década de 60 e 70. Sem dúvida, a pesquisa se configura num dos mais importantes textos sobre a obra de Clarice, por seu caráter perquiridor e dialógico. É uma tentativa de descer até o fundo no mundo ficcional, tateando seus principais eixos-temáticos e icônicos, e um interessante debate em torno das principais vozes que se debruçaram sobre a intrincada narrativa clariceana.

isto, Olga de Sá, bem como tantos outros investigadores do ato criativo de Clarice Lispector, constatou que a escritora, ao contrário dos introspectivos de sua época, preocupou-se com a camada sensível da linguagem, com o significante⁹⁰. Essa preocupação com o significante, com a imagem acústica que perscruta em seu texto, leva Olga de Sá: “... definir o estilo de Clarice Lispector como centrado no polo metafórico da linguagem”⁹¹.

Sua aventura pela linguagem⁹² é feita sob os auspícios do risco e da improbabilidade, portanto, situando-se numa área limite, entre o literário e o não-literário, quase que as margens do fazer estético⁹³. Essa marca inquestionável e intrínseca da obra de Clarice, sempre fará com que seus interlocutores levantem como debate as relações e distinções entre o belo e o grotesco. Todo este debate é necessário, devido ao trabalho intenso de uma escritora que não se contentou em trilhar os caminhos comuns da atividade literária, e se fez dona de uma obra intensa, estranha e emblemática. Mas, resta-nos entender melhor, por que pode se nomear sua ficção como metafórica e metafísica.

Só pode ser metafórica uma obra literária que se ocupa em problematizar a linguagem, o próprio ato criativo, a própria literatura. Essa complexidade que se desvela em suas linhas só vem reforçar a tese de que se trata de uma autora que, não querendo seguir os caminhos sugeridos pela linguagem clássica⁹⁴, se embrenha na instauração de um texto desviante, caracterizado por um: “... processo de significação das palavras, centralizado na área da referência (pensamento) enfatiza o fazer inventivo da palavra no texto”⁹⁵.

⁹⁰ “Diríamos hoje que os introspectivos daquela época não foram convincentes ao nível da linguagem, não se preocuparam com a camada sensível da linguagem, com o significante, como o fez Clarice Lispector”. In: SÁ, Olga de. op. cit., p.131.

⁹¹ Idem. ibidem p.143.

⁹² “Ela se aventura: não segue os caminhos batidos. Em que se aventura? Num novo ritmo de ficção, numa pesquisa da linguagem para transmitir sua pessoal interpretação do mundo...”. In: Idem, ibidem, p.25.

⁹³ “... essa escritura acabará por subverter os limites reconhecidos entre belo e não-belo, entre literatura e não literatura, logo entre o que é e o que não é escrever. É assim que ela atesta algo que não pode ser pronunciado, articulado ou julgado, ao menos segundo as regras e os critérios em vigor, os do gênero de discurso da crítica literária incluídos”. In: PRADO JR, Plínio W. op. cit., p.24.

⁹⁴ TREVISAN, Zizi. op. cit., p.163.

⁹⁵ Idem, ibidem. p.163.

Essa ênfase no ato criativo e na busca de novas possibilidades da palavra, revela uma autora que questiona permanentemente o processo convencional da linguagem⁹⁶, e a sua relação com um ser que transparece quotidianamente em crise. Com a visão de mundo e a representação de ser humano que se descobre em seu texto, só intensifica nossa concordância com a idéia de que Clarice era possuidora de: “... uma linguagem simbólica que alude sem definir, verbaliza acentuando a riqueza expressiva da carga imagética (lírica), numa confirmação do ilimitado campo de probabilidades do registro poético”⁹⁷. O elemento metafórico estabelece o aspecto polissêmico e multivoco de sua obra. E, por ser metafórica:

Não há no mundo de Clarice Lispector, senão uma hierarquia provisória. As grandezas são aparentes, tudo existe por demais. Mesmo aquilo que é pequeno, insignificante ou vil, pode ser objeto de uma visão penetrante, que se estende além da aparência. As coisas representam fisionomia dupla: o comum, exterior, produto do hábito, e a interna, profunda, da qual a primeira se torna símbolo⁹⁸.

Tudo é simbólico na escritura de Clarice Lispector, nada pode ser desprezado ou desconsiderado, quando se trata de um texto cujo o real e o cotidiano são alvos de radicais problematizações. São nas cenas mais comuns da vida que podem se instaurar os imprevistos e as experiências mais intensas e decisivas da existência. É isso que Clarice quer focar. Ela traz para o dilema da linguagem aquilo que ela narra no drama da vida. Ou seja, em Clarice a linguagem complexa é uma mera representação da complexidade das relações humanas, de suas buscas e desencontros⁹⁹.

Por problematizar o ser humano, e suas indagações e buscas mais intensas, é intitulada de metafísica. Alfredo Bosi, já na sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, dirá que:

Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em

⁹⁶ TREVISAN, Zizi. op. cit., p.160.

⁹⁷ Idem, ibidem. p.156.

⁹⁸ NUNES apud SÁ, Olga de. op. cit., p.166.

⁹⁹ “A imposição de uma linguagem complexa se justifica pela complexidade estrutural das relações entre os homens e entre os homens e as coisas – o que parece falta de sentido – é o sentido”. In: Idem, ibidem. p.154.

crise [...] Trata-se de um salto do psicológico para o metafísico, salto plenamente amadurecido na consciência da narradora¹⁰⁰.

Esse salto para a dimensão metafísica, sempre se instaurará por meio da epifania¹⁰¹, aquela situação banal e cotidiana que é tomada pelo inesperado. Essa sensação de uma possível surpresa, de um imprevisto, faz com que instaure em seu texto uma área de estranheza e complexidade e, acima de tudo, de polissemia, possibilitando múltiplas leituras e sensações.

É uma escritura metafórica-metafísica, pois como tal, assume a ambigüidade do ser que quer narrar. De modo que sua narrativa é demarcada pela intensificação do conflitos das polaridades¹⁰², tornando-se altamente emblemática, complexa e simbólica. Sinalizando o aspecto de mistério e drama que marca decisivamente a vida humana e a seduz de forma tão intensa e radical. Esse clima de mistério, estabelece a impressão de que algo a mais pode ser dito e experimentado em sua narrativa.

1.3.2 O estilo bíblico de Clarice Lispector

Nosso esforço visa discutir neste momento, as ressonâncias bíblicas e os vestígios judaicos que transparecem nas entrelinhas do texto clariceano. Pretendemos não apenas ver

¹⁰⁰ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª ed./6ª reimp. São Paulo: Cultrix, 1976. p.476.

¹⁰¹ O crítico literário e poeta Afonso Romano de Sant'ana é um dos primeiros a caracterizar e denominar como epifania, o processo desvelador que ocorre nas personagens clariceanas. O crítico é muito claro em pontuar o conceito em seu aspecto místico-religioso, mas destaca a importância que este conceito tem para a literatura, como: "... o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam súbita na consciência dos figurantes, e a grandiosidade do êxtase pouco tem a ver com elemento prosaico em que se inscreve o personagem [...] Em Clarice o sentido de epifania se perfaz em todos os níveis: a revelação é o que autenticamente se narra em seus contos e romances. Revelação a partir de experiências rotineiras: uma visita ao zoológico, a visão de um cego na rua, a relação de dois namorados ou a visão de uma barata dentro da casa". In: SANT'ANA, Afonso Romano de. *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*. 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 1975. p.187-188.

¹⁰² "A dualidade existencial (vida/morte) expressa num só cântico em diferentes textos, faz-se revelar na prática de uma linguagem simbolicamente antitética: corpo/alma; exterioridade/interioridade; lógico/ilógico; verdade/mito; razão/loucura; demoníaco/divino; humano/inumano; expressivo/inexpressivo; organização/desorganização; heroização/deseroização; concreto/abstrato; ver-dizer/pensar-sentir; presente/passado-futuro; alegria/dor; dia/noite; verbal/pré-verbal; realidade/magia". In: TREVISAN, Zizi. op. cit., p.158.

o que outros estudiosos disseram a respeito do estilo ou marcas bíblicas da ficção de Clarice. Avançando mais em nosso trabalho, a partir de agora, queremos dar voz e vez às idéias que estamos levantando acerca da narrativa clariceana, especialmente *A Hora da Estrela*, objeto de nosso estudo. Desde os primeiros escritos dedicados à sua obra, destacou-se a sua maneira estranha e sutil de articular a linguagem. O jovem Antonio Candido, já em 1943, em seu artigo de recepção do livro *Perto do Coração Selvagem*, destaca entre outras coisas, que:

Com efeito, êste romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente¹⁰³.

Em certa medida, Antonio Candido já previu, de forma ainda incidentária, algumas características que são cabais na compreensão do mundo ficcional de Clarice Lispector. Ao denominar *Perto do Coração Selvagem* de romance de aproximação, ele já de certa forma, como dirá Olga de Sá, o coloca como um romance de perspectiva metafísica. Além disso, ele será muito claro em pontuar o aspecto de busca e relação que caracteriza este primeiro romance da autora, definição que pode ser aplicada a toda sua obra. Entretanto, a fala de Antonio Candido tem muita importância porque ele destaca o aspecto de problematização da linguagem que há em *Perto do Coração Selvagem*, pontuando isso como a grande qualidade do romance e, podendo assim, ser considerado a maior contribuição de Clarice para a literatura brasileira. Uma vez que, segundo o próprio crítico, as letras brasileiras naquela época, estavam marcadas por um certo ostracismo criativo, por uma “comodidade do ramerrão”¹⁰⁴. Clarice preferiu o risco, e produziu um romance que a leva a espaços

¹⁰³ CANDIDO, Antonio. *No Raiar de Clarice Lispector*. In: Vários Escritos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. p.127.

¹⁰⁴ Idem, *ibidem*. p.127.

poucos explorados, possibilitando a literatura penetrar os labirintos mais retorcidos da mente, ou como dirá José Wildzeis Neto:

A escritura de Clarice pretende mudar a linguagem, colocar o não-verbal no verbal, o não-ser da linguagem no ser da linguagem e ter no sentido denotativo da palavra, o meio indireto de dizer algo que pertence a outra esfera do ser¹⁰⁵.

Podemos considerar que a grande marca da narrativa de Clarice Lispector fixa-se no aspecto problematizador da linguagem, sobretudo, na sua relação direta como instrumento de desvelação do ser. Portanto, os dramas das personagens são dilemas configurados na linguagem. Assim, fica mais evidente, claro e fundamentado dizer que Clarice tem um estilo profundamente bíblico. Muitas foram as vozes que destacaram esta característica emblemática na escritura clariceana. Massaud Moisés, na leitura que faz dos contos *Laços de Família* e *A Legião Estrangeira*, destaca como uma das características o tom bíblico que marca alguns contos da autora, que juntamente com a música de fundo de outros, expressa, no dizer de Olga de Sá: “uma das possíveis saídas para a náusea existencial, que acompanha a descoberta de que o homem ignora a própria razão de viver e é condenado a uma solidão incurável”¹⁰⁶. O crítico já dá algumas linhas a que tipo de situação está ligado a marca e o estilo bíblico.

A referencialidade bíblica em Clarice está intimamente ligada ao problema do sofrimento, do drama e da angústia que se presencia no texto bíblico. Neste sentido, Nelson Vieira em muito nos ajudará, pois destaca o interesse da bíblia na literatura de Clarice Lispector¹⁰⁷. Além de interesse, o pesquisador nos fala de uma afinidade, de um contato e

¹⁰⁵ WILDZEIS NETO, José. *Cabala e Filosofia em Água Viva*. Lorena: Revista Ângulo/Fatea, http://angulo.fatea.br/angulo_95/angulo95_artigos07.htm Acesso em: 14/set/04.

¹⁰⁶ SÁ, Olga de. op. cit., p.49.

¹⁰⁷ “... nota-se através de sua linguagem mística e espiritual mais seu interesse por uma temática evocativa da Bíblia, sobretudo o Antigo Testamento, uma certa afinidade com a literatura e a cultura hebraica”. In: VIEIRA, Nelson H. *A expressão judaica na obra de Clarice Lispector*. Remate de Males – Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, p.207.

presença. Essa marca bíblica de Clarice Lispector pode ser claramente vista, em inúmeras citações de textos bíblicos nas páginas de sua ficção.

Porém, mais do que a presença de textos bíblicos, é no próprio desenvolvimento da narrativa que se coaduna a referencialidade bíblica. Olga de Sá nos mostra que “Clarice Lispector segue um modelo bíblico, mas o reverte, freqüentemente, na construção de seu próprio itinerário”¹⁰⁸. Isto é, paralelo ao ato criativo de Clarice, ocorre um ato dissimulador com o texto sagrado e, interposto a isso, a construção de paralelismos. A pesquisadora mostra alguns exemplos destas inversões ao analisar *A Paixão Segundo G.H.*¹⁰⁹, e dirá que a narrativa: “chega ao limite quando G.H. pratica o ritual da manducação da barata, por analogia com a comunhão dos cristãos”¹¹⁰. Sá destaca o recurso do paralelismo como algo consciente no ato criativo de Clarice Lispector, e deixa bem claro que se trata de um recurso fundamentalmente bíblico¹¹¹.

Por mais evidente que seja a presença da Bíblia em alguns textos da autora, será nas entrelinhas da sua narrativa que as marcas bíblicas, ou ainda, “os arquétipos judaicos” estarão presentes. A expressão mostra bem o que de fato ocorre no processo literário da escritora, primeiro, porque se trata de uma referencialidade inconsciente, porém, plenamente presente, como afirma Waldman, em seus estudos sobre autores judeus-brasileiros:

(...) deveria o índio ler Lévi-Strauss ou consultar o computador do Museu do Homem para reconhecer-se em sua sociedade ou para escolher uma esposa? Esse saber faz parte de seu inconsciente, assim como, presumo eu, o inconsciente de um judeu recebe sua marca talmúdica desde as primeiras palavras que lhe dirige a sua mãe.[...]Teria Clarice Lispector conhecido o *Talmud* ou a *Torá*? Provavelmente não, como não os conhece a grande

¹⁰⁸ SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 1993. p.125.

¹⁰⁹ “Cristo diz: “Meu reino não é deste mundo” (Jo 18,36). Diz G.H. E seu reino, meu amor, também é deste mundo (PSGH, p.177). Na Bíblia: quem comeu do fruto proibido cometeu o pecado de orgulho, quis ser como Deus sem o auxílio Dele, e é portanto, punido. G.H.: Escuta, não te assustes: lembra-te que eu comi do fruto proibido e no entanto não foi fulminada pela orgia de ser”. In: Idem. *ibidem*, p.126.

¹¹⁰ loc. cit., p.126.

¹¹¹ “O paralelismo é indício de intensa atividade [...] Às vezes pode ser um “recheio”, um modo de arredondar uma expressão. É sempre atraente para o leitor. Mas, no fundo, é uma das manifestações mais claras do contraste entre a riqueza da realidade e a limitação da linguagem...”. In: TOSAUS ABADÍA, João Pedro. *A Bíblia como Literatura*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.114.

maioria dos judeus em todos os tempos. Mas isso não é impedimento para que tais textos tivessem ocupado um lugar em seu espaço psíquico, passando a elemento de estruturação de sua linguagem¹¹².

Há um inconsciente judaico ainda que recalcado, que persiste em seu inconsciente, que se mostra em sua maneira indissociável de compreender a vida, as pessoas e a escrita. Esse “arquetipo” é desvelado na sua escritura quando na sua própria linguagem o judaísmo é assumido. É claro que não se trata aqui de sobrepujar a Clarice a um confessionalismo religioso, não é esta a intenção desta afirmação. Essa é a afirmação central em nosso percurso, e será melhor desenvolvida ao longo texto, contudo, já podemos indicar que:

Ao valorizar o espaço em branco, o não-dito, a pausa, o silêncio, C.L. admite o fracasso da linguagem e o impasse em que se encontra a ficção quando pretende expressar o que não tem nome: a “vida crua”, o “núcleo de vida”, o “neutro”¹¹³.

Persiste na escritura de Clarice Lispector uma sensação de que algo não pode ser dito, que ainda escapa à lógica do texto, à volúpia da palavra. O Judaísmo como religião refuta a representação imagética do divino e radicaliza na palavra, ou seja, no texto, a presença e a força de sua mensagem. O que coloca o judaísmo como uma religião profundamente marcada pelo problema da linguagem. Como nos lembra o estudioso da mística judaica Gershom Scholem, a limitação da linguagem é um tema do misticismo judaico¹¹⁴ e, mais do que isto, a linguagem é um obsessão para o judaísmo. Deus é o próprio paradigma da linguagem, é nela que ele deve ser buscado. Tudo isso nos leva a concordar com Waldman, quando diz que “... o texto de Clarice Lispector, ainda que à revelia, está concernido a essa tradição que se desenvolve a partir de um silêncio, de uma ausência”¹¹⁵.

¹¹² WALDMAN, Berta. op. cit., p.19.

¹¹³ Idem, ibidem. p.12.

¹¹⁴ “Eles verberam contínua e amargamente a inadequação essencial das palavras para exprimir seus verdadeiros sentimentos, mas, apesar de tudo, se comprazem nelas, delicias-se com a retórica e nunca desistem de tentar expressar o inexprimível por meio de palavras”. In: SCHOLEM, Gershom. *As Grandes Correntes da Mística Judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1995, p.16-17

¹¹⁵ WALDMAN, Berta. op. cit., p.13.

A ficção clariceana tem uma preocupação radical com o ser humano e a sua realidade. Tenta encontrar uma linguagem que tente traduzir e sondar as inquietações e dilemas que se propagam no interior humano. Sua busca pela narrativa, é ao encontro de algo que ainda que referencializado, nunca é plenamente anunciado, configurando-se como um “simulacro denotativo” de sua escritura¹¹⁶. Suas personagens vivem dilemas, no entanto, sempre vivem a iminência de uma transfiguração, a epifania da narrativa. Tudo isso, amplia o aspecto profundo, estranho e sedutor de sua obra literária. Provoca a atenção da crítica para todos os detalhes de seu texto, e, se caracteriza assim, por ser um texto de todo e de nenhum lugar. Linguagem polissêmica por natureza, prolífica, emblemática e absolutamente radical, todas estas características demarcam a ficção de Clarice Lispector, como possuidora de um estilo bíblico. E, partindo disso, podemos ampliar esta definição de estilo bíblico para a compreensão de sua obra como uma “escrita de fidelidade”, pois: “... todo o trabalho de linguagem que Clarice Lispector empreende em sua obra permanece, consciente ou inconscientemente, fiel à interdição bíblica de delimitar o que não tem limites, de representar o absoluto¹¹⁷”.

E, se assim podemos compreender a narrativa clariceana, que tal qual a bíblica, lida com os limites da linguagem, debate o problema da representação e propicia uma esfera de mistério e polissemia que atinge a todos os lugares e dimensões. Fazendo-nos estranhos em nossa própria casa, desterrados em nossa própria terra e perplexos diante de nossa própria condição. Podemos então, dizer que *A Hora da Estrela* é uma narrativa pedagógica, ou melhor seria dizer, um ensinamento que retomando uma velha história, nos conta uma situação que persiste acontecer nos meandros de nossa sociedade.

¹¹⁶ “reinvenção despistante do propósito adâmico de uma nomeação absolutamente a-referencializada”. In: SOUSA, Carlos Mendes de. op. cit., p.180.

¹¹⁷ PRADO JR, Plínio W. op. cit., p.25.

1.3.3 A Hora da Estrela: Vida e Morte Macabéa

Chegamos ao nosso local de enfrentamento, o espaço onde se concentrará grande parte de nosso trabalho e esforço, o romance *A Hora da Estrela*. Com a finalidade de sondar e compreender o dilema em que está incrustada a retirante Macabéa, partindo disso, objetivamos debater as temáticas e tensões que o romance provoca. Como só se pode iniciar um diálogo, tendo em vista um conhecimento mínimo do outro, no nosso caso, a obra *A Hora da Estrela*. Cabe aqui, antes de adentrarmos propriamente a problematização que estamos enfocando no texto literário, apresentar em algumas palavras, a história da narrativa, ou como observará Benedito Nunes, as histórias que movimentam o texto:

Três histórias se conjugam, num regime de transação constante em *A Hora da Estrela*. A primeira conta a vida de uma moça nordestina que o narrador, Rodrigo S. M., surpreendeu no meio da multidão [...] A segunda história é a desse narrador interposto, Rodrigo S. M., que reflete a sua vida na vida da personagem, acabando por tornar-se dela inseparável, dentro da situação tensa e dramática de que participam. Mas essa situação, que os envolve, ligando o narrador à sua criatura, como resultante do enredamento pela narrativa, das oscilações do ato de narrar, hesitante, digressivo, a preparar a sua matéria, a retardar o momento inevitável da fabulação, constitui uma terceira história – a história da própria narrativa¹¹⁸.

Inevitavelmente, vez ou outra, teremos que polarizar entre estas três histórias, que se movimentam e se coadunam na narrativa clariceana, muito embora nosso olhar queira focar de forma especial, a saga bíblica de Macabéa. A nota acima já antecipa um pouco daquilo que queremos apresentar neste primeiro momento, para posteriormente problematizar de forma mais ampla e profunda a relação das personagens com a figura central do romance, bem como, as temáticas que se desvelam desta tensão constante que marca *A Hora da Estrela*.

Já conhecemos o nome do narrador da história, Rodrigo S. M.: homem da classe média e de erudição, que dilacerado por questionamentos e impasses, passa a escrever sobre

¹¹⁸ NUNES, Benedito. op. cit., p.161-163.

a vida de uma moça nordestina, que viu de relance numa rua do Rio de Janeiro, perdida em seu olhar vago e impreciso¹¹⁹. Se trata de uma pessoa pouco interessante, que “...mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz a falta a ninguém”¹²⁰. O narrador Rodrigo S. M., que ao que parece também possui origem nordestina¹²¹, muito embora com outra formação cultural, por várias vezes: “justifica a pobreza da narrativa por causa das dúvidas em relação à vida e à literatura”¹²². Se trata de um narrador que está questionando e problematizando a todo instante o ato criativo, a própria literatura e, por conta disso, se entranha num fortíssimo dilema sobre o poder da palavra e sua capacidade em mostrar a precariedade da vida humana, sobretudo, quando esta tem a forma ontológica de uma mulher que apenas reduzira-se a si.

O nome da personagem Macabéa só aparece no romance muitas páginas depois, após muitas reflexões e ponderações do narrador sobre a questão da escrita, sobre o problema da jovem nordestina e sobre a sua própria condição humana e existencial como escritor. É este o narrador, que falará sobre Macabéa, uma moça vinda do sertão de Alagoas, e que encontra na cidade grande um espaço de oposições. Os outros personagens estão todos ligados ao espaço social da jovem, muito embora nunca tenham estabelecido com ela uma relação de alteridade e afetividade. Destacamos, as quatro moças que moram com Macabéa no pequeno quarto de um sobrado velho, e com quem vive uma relação social tênue e vazia.

¹¹⁹ LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.12.

¹²⁰ Idem. *ibidem*, p.13.

¹²¹ No romance essa idéia sobre a origem do narrador não parece clara, o que o texto nos diz é que: “...É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei do Nordeste”. In: Idem, *ibidem*. p.18. Clarisse Fukelman é explícita em afirmar que o narrador também possui uma origem nordestina, para nosso trabalho, a questão não é central, e sim o fato de que esta situação como tantas outras que aparecerão ao longo do romance serão decisivas para demonstrarem que Clarice Lispector não consegue se esconder por trás de seu narrador Rodrigo S. M., é o único livro onde Clarice explicita sua autoria, já na dedicatória do livro nos fazendo entender que o livro possui um caráter de confissão. Desta forma, a autora que viveu no nordeste quando criança, é possível aqui referenciar aquilo que Nádia Gotlib chama de “catarse de um passado nordestino”. Nossa compreensão porém, deste aspecto, é que não se trata de um expurgo, uma rejeição desta referência cultural. Mas, ao invés disso, de um acerto de contas, um desabafo e a manifestação de um texto que quer falar das contradições sociais que marcam a vida dos retirantes.

¹²² GUIDIN, Márcia Lúcia. *Roteiro de Leitura: a hora da estrela de Clarice Lispector*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1998, p.35.

Olímpico, nordestino, valente e forte, que empenha com orgulho o fato de já ter assassinado um homem, que será seu namorado por algum tempo, e igualmente a ela também não possui a “cultura”¹²³ que tanto poderia lhes ajudar em sua salvação. Macabéa e Olímpico vivem um curto relacionamento de amor, um amor sem *eros*, sem corpo, e de poucas palavras. Ambos transfiguram com suas referências nominais, as duas tradições filosóficas na qual está calcado o ocidente, desvelam duas estruturas de mentalidades distintas entre si, mas, que marcam profundamente a obra clariceana. Duas formas de pensar, que através da força simbólica dos nomes, não alcançam dentro da realidade do texto-obra um momento de coesão e encontro.

No romance, ocorre um quase triângulo amoroso, uma vez que, Olímpico não coloca a nordestina em pé de igualdade com Glória, a colega de trabalho, que é oposta a Macabéa. Ao final da história aparece a cartomante, “... estereótipo da figura mística bem construída pela experiência narrativa de Clarice”¹²⁴, que terá papel decisivo no destino da pobre sertaneja. Que no desfecho da história morre atropelada, vítima de um carro estrangeiro, que possui o símbolo de uma estrela. Eis a hora da estrela!

1.3.4 Midrash Contemporâneo

Nossa tarefa anterior, cumpriu um aspecto didático e metodológico, o de tornar mais perceptível a história e os temas com que iremos trabalhar. Contudo, nosso desafio é muito maior, pois assumimos que *A Hora da Estrela* desvela inúmeras referências e imagens que apontam para a presença do sagrado. Aspectos filosóficos, ou mesmo religiosos, já foram

¹²³ Macabéa possuía um rádio que lhe informava as horas, notícias e curiosidades históricas, num dado momento ela ouviu na rádio a palavra cultura, e o narrador descreve de forma muito interessante e irônica a forma com que procura entender o que é cultura: “Eu gosto tanto de ouvir os pingos de minutos do tempo assim: tic-tac-tic-tac-tic-tac. A Rádio Relógio diz que dá a hora certa, cultura e anúncios. Que quer dizer cultura? – Cultura é cultura, continuou ele emburrado. Você também vive me encostando na parede. – É que muita coisa eu não entendo bem. O que quer dizer “renda per capita”? – Ora, é fácil, é coisa de médico”. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.18.

¹²⁴ GUIDIN, Márcia Lígia. op. cit., p.59.

muito pontuados em suas obras, e discutidos ao longo dos estudos de sua narrativa. O que nota-se é que há um consenso que marca boa parte dos críticos de Clarice, mas que evidencia uma certa preocupação, ou mesmo medo com relação à caracterização e à tematização das obras da autora, com aquilo que pode ser chamado de místico ou mesmo teológico. Yudiht Rosenbaum, falando do estilo único e inconfundível, dirá que:

Ainda que Clarice também explore a intimidade, priorize a experiência interior e toque a esfera de metafísica, o mistério que emana de seus textos advém de uma sondagem milimétrica da alma e não de alguma transcendência mística religiosa¹²⁵.

Em certa medida, o que podemos apreender da advertência de Rosenbaum tem haver com aquilo que estava no bojo da poesia de João Cabral, na década de 40 e início de 50, isto é, o “fazer poético” assumido-se como um ato milimétrico, uma verdadeira busca em fazer uma “engenharia da palavra”¹²⁶. O que se trata na verdade, de uma recusa ao lugar-comum, que ainda hoje paira no ideário de muitas pessoas, que o poeta é alguém que recebe ou possui algum tipo de inspiração divina para compor sua obra. Caminhando nessa direção, concordamos com Yudith Rosenbaum, o trabalho não “advém” de alguma transcendência religiosa, esta é uma afirmação que deixa claro, primeiramente, que o papel do estudioso é com o texto, com a experiência direta e sensível da palavra, da literatura. Não nos cabe um julgamento de intenções do autor, pois seria cair num espaço arriscado de especulação extratextual, o que de certa forma já foi advertido por Antonio Candido quando fala sobre a “crítica das influências”¹²⁷. A questão então, está muito mais naquilo que a obra aponta, do que necessariamente naquilo que a antecede.

¹²⁵ ROSENBAUM, Yudith. op. cit., p.23-24.

¹²⁶ “Abandonado nos livros que se seguiram a Pedra do Sono os resquícios surrealistas dêste, Cabral de Melo Neto passou a realizar, desde O Engenheiro e Psicologia da Composição, um verso substantivo e despojado que, se parecia partilhar com os formalistas de 45 o rigor métrico, na verdade instaurava um novo critério estético, o rigor semântico, pedra-de-toque de sua radical modernidade. Mallarmé, Valéry, Drummond e Jorge Guillén (aos quais se poderia juntar o não citado Montale) são os marcos que passam a nortear o seu universo, vítreo”. In: BOSI, Alfredo. op. cit., p.522.

¹²⁷ CANDIDO, Antonio. op. cit., p.127.

Nesse caminho, Plínio W. Prado Jr. faz um balanço muito oportuno sobre a questão das abordagens feitas à obra de Clarice, e o crítico é muito claro em referenciar a escritora dentro de um estilo bíblico. Contudo, é veemente em negar expressões do tipo “misticismo”, “revelação” ou “epifania” como categorias que possam ser usadas para pensar a escritura de Clarice, uma vez que, segundo o crítico: “... essa terminologia teológica conota, aliás, uma dimensão edificante e uma religiosidade que é estranha ao sentido trágico que habita uma escritura profundamente irreconciliada e não reconciliante”¹²⁸.

Um caminho equivocado adotado pelo crítico, pois, além de revelar um possível ranço religioso, o que ainda é comum nos estudos de literatura dado a fatos históricos que marcaram a relação entre literatura e religião¹²⁹. Demonstra um certo “reducionismo perigoso”, uma vez que, a literatura e a própria obra de arte nesse caso, deveriam estar protegidas de possíveis terminologias e compreensões teológicas. Contudo, ainda que esteja dentro de uma certa tradição que se criou sobre a forma de se pensar a relação arte e religião, a posição de Prado Jr. é, a nosso ver, equivocada, pois não se fundamenta quando o assunto em pauta é o estudo da literatura, especialmente, a obra clariceana. Entender categorias teológicas como termos edificantes e, além disso, criar uma cisão e oposição ao texto clariceano, é desconhecer que:

Os vestígios da herança religiosa nos poemas e romances apontam para questões que superam os aspectos meramente estéticos do texto e colocam-nos diante de temas fundamentais da própria vida humana e de seus conflitos¹³⁰.

¹²⁸ PRADO JR, Plínio W. op. cit., p.25.

¹²⁹ O teólogo Antonio Magalhães, em seu estudo sobre a relação teologia e literatura, detecta que com o advento da modernidade, com estardalhaço filosófico da *Aufklärung* e a crítica veemente dos mestres da suspeita, a religião foi posta radicalmente as margens da ciência e da compreensão de vida e de mundo, isto fica claro em seus estudos, quando diz, que: “Nesta época de críticas profundas, todas com a sua devida pertinência, o cristianismo tende a ser visto mais como um obstáculo do que como parceiro de diálogo, a fé torna-se mais empecilho do que interlocutora e Deus, por conseguinte, passa a ser visto como um péssimo princípio literário”. In: MAGALHÃES, Antonio. op. cit., p.26.

¹³⁰ Idem, ibidem. p.138.

Em outras palavras, existe uma profunda relação entre linguagem religiosa e linguagem literária. É na força polissêmica e metafórica da linguagem que a religião comunica seus mitos, símbolos e conteúdos. As narrativas míticas evidenciam com grande força, a ambigüidade humana, a exemplo da literatura. E quando pensamos na escritura clariceana, vemos isso em grande intensidade e ebulição. Em Clarice, a linguagem está em constate problematização, acima disso: “... a palavra, em seu texto, extrapola a limitada e simplista função de representar, nominalizar o mundo objectual. Mais que isso, ela cria um novo mundo”¹³¹.

A escritura clariceana problematiza a racionalidade ocidental¹³², não admite inferências que não se sobrepujam ao entretecer constante de sua tessitura literária, e tenham no elemento imaginativo o único referencial para sondagem de seu texto. E evoca em suas gamas de sentidos e referências, todas as dimensões da existência humana. É em razão disso, que ao contrário de Plínio W. Prado Jr, Olga de Sá não terá nenhum problema em admitir que categorias da religião e da mística, possam ser usadas para a ajudar a desvendar os impasses da obra clariceana¹³³.

A Hora da Estrela, o último livro escrito e publicado pela autora ainda em vida, também o mais social de todos os seus romances. Inscreve-se quase como um ato de resposta, por privilegiar um tipo de literatura que buscava o interior em detrimento da realidade exterior, de modo que não faltaram à autora, quem a chamasse de alienada e desengajada da concretude da vida. Talvez por isso, em várias situações encontra-se a autora falando de sua obra literária através de um ato de explicação, como que se estivesse respondendo a esses ataques: “... os meus livros não se preocupam com os fatos em si,

¹³¹ TREVISAN, Zizi. op. cit., p.163.

¹³² “Lidando com a matéria-prima, o texto se distancia do cogito, da lógica. A palavra transformando-se em isca e pesca a não palavra, nas entrelinhas. Assim nasce sua escritura, que se lê como se ouve uma música”. In: SÁ, Olga de. op. cit., p.282.

¹³³ “Em nosso caso, as acepções religiosa e mística do termo são importantes, porque têm reflexos no sentido literário, concretamente, no uso que esses processos fizeram Joyce e Clarice Lispector”. In: SÁ, Olga de. op. cit., p.51.

porque para mim o importante não são os fatos em si, mas a repercussão dos fatos no indivíduos”¹³⁴. O que nos leva a dizer que sua escritura está preocupada com a repercussão dos fatos da vida na ordem interna do ser. Essa característica não desaparece em *A Hora da Estrela*, ao contrário, é ampliada numa tentativa de busca do sujeito, em seu estado mais precário, em seu desprovimento existencial. Tudo isso, só intensifica o aspecto de força e busca que se movimenta no romance, e, conseqüentemente, evidencia certos arquétipos judaicos que estão em suas entrelinhas. Por isso, como bem nos lembra Yudith Rosenbaum, não se pode fugir do referencial simbólico do nome da personagem¹³⁵, pois: “ao atribuir à personagem de *A Hora da Estrela* o nome Macabéa, Clarice Lispector transpõe para seu texto elementos simbólicos de um registro matricial judaico”¹³⁶.

Nelson H. Vieira afirma que *A Hora da Estrela* é uma reescritura do livro dos Macabeus, por isso, constata-se um verdadeiro movimento de mitos e arquétipos judaicos no decorrer do texto clariceano¹³⁷. As ponderações do crítico são importantíssimas, e serão em muito problematizadas ao longo de nosso trabalho, sobretudo, quando destaca que há um estilo talmúdico que se configura no narrar de Rodrigo S.M., bem como, quando nos proporciona a leitura de certas temáticas que pairam em *A Hora da Estrela*. Contudo, entendemos que Berta Waldman avança um pouco mais a questão de como pode ser propriamente entendida a característica da narrativa, uma vez que, além de colocá-la como uma reescritura do texto bíblico, o que não ainda diz tudo, já que toda obra literária é por

¹³⁴ Conf. *Clarice por ela mesma*. Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo: IMS, 2004. p.62.

¹³⁵ ROSENBAUM, Yudith. op. cit., p. 60.

¹³⁶ WALDMAN, Berta. op. cit., p.19.

¹³⁷ “Esta novela, repleta de tom e filosofia judaicas, parece ser um tipo de resposta ou um testamento ao seu implícito judaísmo. Pois esta narrativa é uma adaptação da história apócrifa dos macabeus ao mundo contemporâneo, representado pela cidade do Rio de Janeiro onde a sua heroína Macabéa, uma pobre menina nordestina, se torna o símbolo dos zelotas bíblicos – os Macabeus. Além disto, o narrador da novela, um escritor burguês que procura entender a inócua figura de Macabéa, se lança em verdadeiro estilo Talmúdico, num discurso analítico de auto-questionamento sobre tais temas como identidade, resistência passiva, auto-realização, conflito, repressão e, por cima de tudo destino, assim evocando a importância de reconhecer dentro do homem e da sociedade o poder vibrante de mitos tradicionais perante a complexidade esmagadora do mundo contemporâneo”. VIEIRA, Nelson H. op. cit., p.207.

essência reescrita¹³⁸, a pesquisadora situa a narrativa como paralela ao texto bíblico dos Macabeus, o que é muito interessante, pois preserva a alteridade dos textos, mas permite o contraste de ambos, como num espelho, frente a frente, para tornar mais claro a percepção das diferenças e proximidades que marcam as duas narrativas.

A Hora da Estrela é assumido como um midrash contemporâneo, um texto que retoma uma história do passado, e o quer pensar a partir do hoje, a partir da cidade grande, para ver como vive e resiste esta legítima descendente dos personagens bíblicos. Por ser midrash, a história de Macabéa é tido como uma reflexão, um comentário, uma busca em querer compreender o trágico e errante destino dessa mulher bíblica. E, além disso, como a narrativa demonstra a confluência tensa e agônica que marcará a relação narrador e personagem. Tensão que se evidencia nos vários títulos da obra, e no sentimento de culpa que sinaliza¹³⁹.

O romance é entendido como um livro que fala da crise da literatura moderna¹⁴⁰, mas, além disso, é uma metáfora de um judaísmo em crise, um ato de confissão de uma autora que no limiar de sua existência faz um acerto de contas com a sua própria identidade, história e religião. Um livro que propõe uma pergunta radical, sobre o sentido e o destino da vida humana nesta realidade gritante, que é o mundo moderno e capitalista dos grandes centros, espaço onde o ser humano é relativizado radicalmente em sua dignidade. Onde se deflagra com muita facilidade, uma violenta cena de desprovimento total do ser humano das dimensões simbólicas da vida, da força pulsiva do eros e, da possibilidade de encontro do

¹³⁸ “... todo texto traz marcas de outros textos que, consciente ou inconscientemente, foram apropriados pelo seu autor. Estas marcas podem estar mais ou menos explícitas, mas, para que haja a identificação de uma relação intertextual ou hipertextual num texto e o processo inter ou hipertextual se efetive, é necessário que os mesmos façam parte do universo cultural do leitor”. In: SILVA, Eli Brandão da. op. cit., p.97.

¹³⁹ *A Hora da Estrela*, é um livro com treze títulos, todos de uma forma de outra, atestam o caráter trágico da narrativa, revelam um tom de culpa e confissão: “*A Culpa É Minha*”, “*A Hora da Estrela*”, “*Ela Que Se Arranje*”, “*O Direito Ao Grito*”, “*Quanto Ao Futuro*”, “*Lamento de um Blue*”, “*Ela Não Sabe Gritar*”, “*Uma Sensação de Perda*”, “*Assovio no Vento Escuro*”, “*Eu Não Posso Fazer Nada*”, “*Registro dos Fatos Antecedentes*”, “*História Lacrimogênica de Cordel*”, “*Saída Discreta Pela Porta dos Fundos*”.

¹⁴⁰ FUKELMAN, Clarisse. *Escrever estrelas (ora, direis)*. apresentação de *A Hora da Estrela*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p.19.

outro, e, por último, da própria consciência de si. O midrash que propõe ser *A Hora da Estrela*, nos instiga a querer pensar e ver como a vida de Macabéa, pode ser a denúncia de uma lógica social e existencial que priva o ser humano da própria vida, o que torna a narrativa uma palavra final. Ela que havia sido acusada de alienada, nos escreve uma narrativa que é um soco no estômago¹⁴¹:

(...) *A Hora da Estrela* acha-se mergulhado no desassossego da ausência de sentido de tudo e de todos. É um livro de caça. O narrador-escritor está diante da morte de Deus enquanto horizonte de sentido no homem e para o homem e, ao mesmo tempo, padece da figura poderosa do Criador. Vai ele, então, vasculhar a sua interioridade que, no entanto, sempre lhe escapa. Vai ele indagar o sentido da existência de Macabéa e sua tosca manifestação de vida¹⁴².

Se trata de uma reflexão que perpassa e alcança todas as dimensões, como é toda a escritura de Clarice Lispector, uma narrativa que se figura no limite do literário, em busca da palavra quê de conta do incomensurável mistério e enigma que nos atordoa. Nosso trabalho então, é tentar debruçar sobre este midrash, sobre este enigma e desafio que a autora nos propõe, este texto-obra que “não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira”¹⁴³.

¹⁴¹ “Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago”. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p. 83

¹⁴² FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.9.

¹⁴³ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p. 13.

CAPÍTULO II

A SAGA BÍBLICA DE MACABÉA

O título acima com toda a certeza sugere problemas, revela tensões e, talvez por isso, requer algumas considerações necessárias. Primeiro, estamos propriamente no mundo ficcional, focamos as linhas de *A Hora da Estrela*, o mundo do texto conforme Paul Ricoeur¹⁴⁴. Portanto, para nós a realidade considerada a partir de agora não é o real vivido, como quer a sociologia; o real pensado, como quer a filosofia; ou a transcendência do real, como quer a teologia. Nos defrontamos com o real ficcionalizado, com o texto propriamente dito, com as camadas imaginárias e significativas que projetam desse mundo chamado literatura¹⁴⁵. Intitular de saga bíblica o percurso da personagem Macabéa dentro da narrativa pode sugerir engodos ou estranhamento aos mais desavisados. Não se trata de enclausurar a ficção numa expressão abarcadora, ou de solapar arbitrariamente um conceito como direção a ser seguida. Nossa via não é outra, senão a de construir a partir da narrativa, um método de diálogo e leitura, que privilegiando as temáticas filosóficas e religiosas que se desvelam

¹⁴⁴ “Ricoeur chama de mundo do texto, o mundo próprio ao texto único. Um mundo que não é o da linguagem cotidiana, pois se trata de um distanciamento que a ficção introduz em nossa apreensão do real”. In: SILVA, Eli Brandão. op. cit, p. 99.

¹⁴⁵ Anatol Rosenfeld em seu estudo sobre o papel e a compreensão da personagem na literatura, explicita as diferenças estruturais e intencionais do texto ficcional e do texto não-ficcional, mesmo quando a obra em questão é um romance histórico, portanto, uma possível leitura da realidade concreta de um dado momento da história humana. O escritor literário não pode ser confundido com o historiador, dando como exemplo o esquema de Lima Barreto em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, quando cita o personagem histórico Marechal Floriano, pois mesmo quando faz isto: “O autor parece convidar o leitor a permanecer na camada imaginária que se sobrepõe e encobre a realidade histórica”. Conf. ROSENFELD, Anatol. *Literatura e Personagem*. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p.21.

em sua escritura, pretende perceber o costado judaico¹⁴⁶ que se mostra nas entrelinhas de seu último romance, assumindo este, como objeto de sondagem e debate de nossa reflexão.

Personagem e Literatura

Para melhor considerarmos o papel e a função que Macabéa representa na trama literária clariceana, vale a pena, fazermos algumas considerações sobre o papel e o sentido da personagem na obra ficcional¹⁴⁷. Anatol Rosenfeld sublinha problemas básicos a serem considerados no estudo do texto literário. Partindo de uma compreensão estruturalista, e sublinhando o aspectos e esquemas universais que marcam todos os textos¹⁴⁸, o autor avançará dizendo que o específico do literário é o de possuir aspectos esquemáticos que configurados na obra, com apreço e qualidade estética necessária, provocam “imaginação concretizadora do apreciador”¹⁴⁹. Rosenfeld verificará três problemas básicos na consideração da obra literária: o ontológico, o lógico e o epistemológico. O crítico situa no primeiro a discussão sobre a relação personagem e mundo real. Será enfático em situar nas “objectualidades puramente intencionais” a capacidade do texto literário de provocar e constituir uma realidade. Com isso, ele conceitua que: “uma das diferenças básicas entre o texto ficcional e outros textos reside no fato de, no primeiro, as orações projetarem contextos objectuais e, através destes, seres e mundos puramente intencionais”¹⁵⁰. Se na

¹⁴⁶ Entendemos como necessário e incontornável em nosso foco de análise de *A Hora da Estrela*, deixar claro que nossa leitura pretende trabalhar com os pequenos detalhes, aspectos ou situações, que intensificando os interstícios da escritura clariceana, são capazes de revelar os aspectos judaicos que se desvelam em sua obra. Não se trata de confinar Clarice ao confessionalismo religioso, não é nossa intenção, nem muito menos o caso, uma vez que o judaísmo, diferente do cristianismo, não precisa da adesão formal confessional, o judaísmo é uma religião étnica, circunscrita a uma comunidade de pessoas que expressam as mesmas origens étnicas, as mesmas práticas religiosas. Contudo, mais do que religião, entendemos judaísmo como uma cultura, como um dos eixos culturais mais importantes para o processo civilizatório ocidental e, esta cultura é o que privilegiamos ler em Clarice Lispector, tal como faz Berta Waldman, quando diz que: “Essas considerações tornam-se necessárias para esclarecer meu intento que não é o de transformar Clarice Lispector em escritora étnica, circunscrevendo seu texto a uma espécie de gueto literário, mas sim o de estudar o costado judaico de sua ficção como uma expressão da cultura brasileira, que conta com a participação histórica dos judeus em sua expansão pelo continente americano...”. WALDMAN, Berta. op. cit., p.18.

¹⁴⁷ Sobre esta temática, somos devedores aos estudos de *Anatol Rosenfeld e Antonio Candido*.

¹⁴⁸ Conf. ROSENFELD, Anatol. op. cit., p.13.

¹⁴⁹ Idem, ibidem. p.14.

¹⁵⁰ Idem, ibidem. p.17.

questão ontológica, o ser do texto deve ser entendido como um ser intencional, um ser possível, que independe da realidade extra-literária, já no problema lógico, o que vem à tona é a discussão sobre a distinção essencial entre obra literária (melhor ainda, seria dizer obra de arte em geral) e o texto não-ficcional, já que ambos possuem aspectos comuns, inclusive, no aspecto das objectualidades intencionais. A diferença essencial é que o texto não-ficcional (obras científicas, reportagens, diários etc.) possui a intenção séria da verdade, pretende reportar exatamente o real e, justamente por isso, sugere juízos e apontamentos. Por pretender o sério e o real, pode ser chamados de falso, de errado ou mentiroso, quando a intenção séria faltar¹⁵¹. Muito embora possua uma estrutura comum, o texto ficcional em muito se distancia dos outros textos, dado as suas intenções. A lógica do texto literário não é a mesma de um texto científico ou jornalístico, pois:

É essa intenção diversa – não necessariamente visível na estrutura dos enunciados – que transforma as orações de uma obra ficcional em “quase-juízos”. A sua intenção não é séria. O autor convida o leitor a deter o raio de intenção na imagem de Mário, sem buscar correspondências exatas com qualquer pessoal real deste mesmo nome¹⁵².

Se por um lado, o olhar do leitor se movimenta conforme a direção que o autor dá, por dentro dos inúmeros detalhes e circunstâncias que dão aparência de real à situação imaginária, por outro, é justamente este paradoxo que desvela as intenções ficcionais da obra de arte, em especial, da literatura. Se isto resolve o problema lógico, somente com o aparecimento do personagem no texto é que se revela propriamente a ficção.

É geralmente com o surgir do ser humano que se clara o caráter fictício (ou não-fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma situação concreta em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária¹⁵³.

¹⁵¹ ROSENFELD, Anatol. op. cit., p.18.

¹⁵² Idem, ibidem. p.19-20.

¹⁵³ Idem, ibidem. p.23.

Conforme Rosenfeld, é o surgimento do personagem, que instaura o aspecto de totalidade e situação concreta do texto, embora ainda insuficiente para determinar sua ficcionalidade, que ainda depende do “acréscimo de qualquer detalhe” para declarar o seu aspecto fictício ou não-fictício. O que, na verdade, quer assinalar o estudioso, é que a partir da “personagem” se estruturará e, portanto, se evidenciará todas as amarras do texto, todos os detalhes, palavras e esquemas, que decididamente contribuirão para sua valoração estética e, mais ainda, para seu propósito ficcional.

Antonio Candido, seguindo por outro caminho que não o do estruturalismo, trabalhará a importância da personagem no romance. Mas, a exemplo de seu colega, será enfático em pontuar que refletir sobre a personagem, seu papel no enredo e na obra, é pensar o destino da narrativa¹⁵⁴. O estudioso chama atenção para o enorme grau de complexidade que há no estudo de algumas personagens, especialmente de alguns autores da modernidade, uma vez que é no século XIX que nasce a noção de mistério do ser¹⁵⁵. Traçando um percurso que passa pelos postulados antropológicos das grandes linhas de pensamento do século XIX, o crítico literário trabalha a relação e diferença entre ser ficcional e ser real. Partindo das conceituações de Forster¹⁵⁶, Candido nos fará compreender que a personagem literária embora mais lógico que o ser existente, não é menos complexo do que este. Portanto, o mundo do romance nos sugere, da mesma forma que a realidade, um grau de complexidade e fragmentação que se experimenta a cada nova linha que se passa, a cada palavra que se lê. O ser ficcional vive mais intensamente, e o leitor tem muito mais chance de conhecer e compreender, pois tem diante de si uma interioridade que é desvelada a cada passo na trama narrativa. Por isso, deve-se acrescentar que o narrador, é de profunda importância para a

¹⁵⁴ “É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha de seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente”. Conf. CANDIDO, Antonio. *A Personagem do Romance*. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p.53.

¹⁵⁵ Idem, *ibidem*. p.57.

¹⁵⁶ E. M. Forster, autor de *Aspectos do Romance*, importante estudo que traça uma classificação dos personagens

revelação do enredo e da situação narrada, o narrador fala de seres fictícios que vivem radicalmente na realidade da obra. É por isso que o crítico literário conclui dizendo que é a organização do contexto ficcional que assegura a obra e, sobretudo, a personagem literária, profunda relevância e intensidade existencial.

2.1 Macabéa: um nome que ninguém tem

A personagem Macabéa é o foco de nossas análises e debates, queremos entender sua realidade social, descobrir suas emboscadas existenciais e problematizar seus dilemas relacionais. Necessário se faz então, retomar que a narrativa é contada por uma pessoa que vive abismalmente distante da personagem, seu nome: Rodrigo S.M., o narrador que se inscreve como autor do romance. Se trata de um narrador-autor-personagem¹⁵⁷, que tem a função de contar a saga miúda dessa jovem retirante. Entretanto, a narrativa se problematiza ainda mais, pois Clarice Lispector se identifica e se apresenta na dedicatória do livro, sugerindo, por meio disso uma narrativa “comprometida”. Na verdade, a escritora tenta inventar um alter-ego, para poder captar e entender a vida pobre e vazia da nordestina, ou seja, se trata de uma estratégia de busca, ao mesmo tempo, que é distância.

Esse autor-ficcional (burguês e escritor) vive a crise de tornar ficcional a história lacrimogênica de uma retirante nordestina¹⁵⁸. O autor assume desde o início a tensão que viverá na sua tarefa artística: “... a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu”¹⁵⁹. Essa ação de narrar a vida precária e medíocre da nordestina Macabéa, “a sua

dentro da obra literária.

¹⁵⁷ “Em *A hora da Estrela* temos um autor identificado e nomeado, Rodrigo S.M., que confundindo-se com a figura do narrador, escreve a história da personagem Macabéa. Ao narrar as fracas aventuras da personagem, ele fala de si mesmo, transformando-se, portanto, também em personagem do texto. Temos então a personagem narrada em terceira pessoa (ela, Macabéa) e um escritor-narrador-personagem narrando-se em primeira pessoa...”. In: GUIDIN, Márcia Lígia. op. cit., p.45.

¹⁵⁸ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.17.

¹⁵⁹ Idem, *ibidem*. p.19.

delicada e vaga existência”¹⁶⁰, é uma tentativa de dar “direito ao grito”¹⁶¹ a uma imensidão de sem vozes que vivem às margens da sociedade brasileira.

E quem é essa Macabéa? Conforme nos fala o narrador, é uma alagoana, raquílica e órfã¹⁶², criada por uma tia perversa que a submete a inúmeros castigos. Criou-se em Maceió, mas, embora formada na realidade da cidade, cresceu sobre a égide de um forte paradigma cultural e religioso, sendo formada por uma mulher “que não se casara por nojo”¹⁶³, o que deflagra a tematização da sexualidade dentro do romance, pois Macabéa deveria se evitar ser como “... uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem”¹⁶⁴. Esse universo simbólico e cultural forja a feminilidade opaca de Macabéa¹⁶⁵, desprovida de sensualidade, desconhecadora de sua corporeidade, embora, em tom de paródia a narrativa mostra que às vezes a nordestina sentia que estranhas sensações do corpo perturbavam a sua mente, indicando uma possível manifestação de desejo, o que porém era desmentido logo em seguida, dado a inconsciência que tinha do próprio *eros*, o que fazia a se penitenciar com vazias e instintivas súplicas de perdão¹⁶⁶.

O nome Macabéa retoma na narrativa, uma referência judaica, o que inevitavelmente nos faz lançar nossos olhos na narrativa bíblica dos Macabeus, sua referência intertextual. Queremos sim, olhar para este outro texto, sobretudo, tentando perceber suas possíveis correspondências. Contudo, nos interessa debater sobre os grandes temas que se revelam no romance, e como estes são perpassados por um dilema teológico, por um profundo drama humano. Neste sentido, direcionamos nossa leitura sobre a questão do nome da personagem,

¹⁶⁰ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.15.

¹⁶¹ “*Direito ao Grito*” é um dos 13 títulos da obra *A Hora da Estrela*, e revela muito bem uma das temáticas e tentativas que conduzirá a narrativa, a sua tentativa de ser um texto social, um panfleto de protesto, o aspecto de inacabamento e fracasso da narrativa, será melhor explicitado ao longo do trabalho.

¹⁶² Conf. LISPECTOR, Clarice. op. cit., p. 28.

¹⁶³ Idem, ibidem. p.28.

¹⁶⁴ Idem, ibidem. p.28.

¹⁶⁵ “Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer a sua vocação. A mulherice só lhe nascera tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol”. In: Idem, ibidem. p.28.

¹⁶⁶ “... Como é que num corpo cariado como o dela cabia lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério... ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e duas ave-marias para se acalmar”. In: Idem, ibidem, p.61.

que dentro da narrativa é estranha e interessantemente debatida. Quando o seu namorado Olímpico, lhe falou da estranheza de seu nome, a protagonista enigmaticamente respondeu:

Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo. – Parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor: - Pois como o senhor vê eu vinguei ... Pois é(...) ¹⁶⁷.

A trama que narra Rodrigo S.M. mostra claramente o grau de dúvida e de desconhecimento da personagem para com o seu nome, para com a sua identidade. A única coisa que sabe, seu nome é oriundo de uma promessa, ela não tinha nome até um ano de idade, portanto, possuía uma existência impessoal, ignota. É a situação-limite, o perigo da morte, a iminência do mal, que faz os seus pais colocar o nome por promessa à Nossa Senhora da Boa Morte. A prática da promessa, como sabemos bem, faz parte de um conjunto de práticas simbólicas entranhadas na vivência cotidiana das pessoas em grande parte da realidade brasileira, sobretudo, nos sertões do Brasil que distante dos grandes centros, também ficaram historicamente desassistidos pela religião institucional¹⁶⁸. Portanto, o seu nome está intimamente ligado a promessa, a possibilidade de cura, de salvação, ou seja, de uma expectativa de vida em meio ao perigo da morte, como ela mesmo diz: “pois como o senhor vê... eu vinguei”¹⁶⁹.

Neste sentido, o nome da personagem corrobora a sua referência bíblica. Contudo, o nome macabeus, possui uma origem incerta e seu significado é impreciso dentro dos estudos bíblicos, alguns estudiosos traduziram como: “martelo”, “cabeça-martelo” ou ainda,

¹⁶⁷ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.43.

¹⁶⁸ “Trata-se de apego a santos familiares ou criados pelo imaginário popular, cuja proteção se busca de uma forma mais permanente ou apenas episódica [...] temos o compromisso, que envolve uma espécie de contrato entre santo e devoto com finalidades específicas e limitado no tempo: trata-se das conhecidas promessas aos santos, que se apresentam como especialistas em determinado tipo de proteção.” Conf. NEGRÃO, Lísias. *A Religiosidade do Povo – visão complexiva do problema*. In: *A Religiosidade do Povo*. São Paulo: Paulinas, 1984, p.21.

¹⁶⁹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.43.

“predestinado por Javé”¹⁷⁰. Nos dois primeiros casos, o aspecto de resistência está assegurada, um pela referência a força e embate que caracterizam a vida dos heróis macabeus, o outro por alguma particularidade física, que em resumo não deixa de enfatizar o elemento de força e virilidade. Quanto ao último, muito provavelmente fruto de uma leitura teológica pós-bíblica dos eventos subsequentes a história dos macabeus, que dá ao caráter de heroísmo um *status* de uma eleição divina. Todos os sentidos e referências são emblemáticas ao texto clariceano, e nos pede que no mínimo, olhemos para as páginas de *A Hora da Estrela*, e tentemos vislumbrar se algum destes três aspectos, estiveram marcantes na existência dessa heroína bíblica. Quanto ao conhecimento da história bíblica, alguns sugerem que Clarice teria conhecido esta história por meio da literatura de cordel, onde a figura Macabéia é identificada com a idéia de resistência¹⁷¹. Indiscutivelmente, este é um aspecto singular e necessário em nossa problematização, bem como, o sentido de eleição divina que o seu nome também referencia. Resta sabermos, se essa descendente dos personagens bíblicos: mulher, pobre e nordestina, é de fato uma eleita de Javé? Se era, contudo, não sabia, pois não conhecia o significado do seu nome, o sentido de sua existência e história pessoal, pois termina o seu diálogo, dizendo: “ – Não faz mal, não faz mal, não faz mal...a gente não precisa entender o nome”¹⁷².

A questão do nome é uma das temáticas decisivas na obra de Clarice¹⁷³ e, chama atenção pelo grau de complexidade que instaura dentro da trama. Desconsiderar esta

¹⁷⁰ Macabeu (gr. μακαβαιοί, o que supõe um nome hebr. maqqābī ou maqqābay), apelido de Judas, terceiro filho de Matatias (1Mac 2,4). O sentido do nome não é muito certo. Geralmente é derivado de maqqābāh (martelo): pelos duros golpes que infligiu a seus inimigos, teria merecido o nome de martelo (cf. Carlos Martel). Outros (Perles; Dalman; Zeitlin) pensam que o nome se refere a uma particularidade física (p. ex. cabeça-martelo); Bevan supõe que M. vem de Makkabyahu (quanto a forma, cf. Matthenai), da raiz nāqab (marcar, determinar), que então significaria “predestinado por Javé.” In: VAN DER BORN, A. (org.) *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 4ª ed.; Petrópolis: Vozes, 1987, p.911-912.

¹⁷¹ Conf. VIEIRA, Nelson H. op. cit., p.209.

¹⁷² LISPECTOR, Clarice. op. cit., p. 44.

¹⁷³ “No problema da nomeação, um dos maiores que na sua obra se levanta, coloca-se a questão da impossibilidade de encontrar nomes. A impregnação de sensações (de aspirações, de estados) em que as personagens ou os narradores se vêem envolvidos, grande parte das vezes pela insuficiência da descrição dos nomes existentes, transvaza os limites da conceptualização que desse estado se pretendesse descritiva.” In: SOUSA, Carlos Mendes de. op. cit., p.169.

discussão é incorrer no erro de desprezar detalhes, vestígios e pistas que em muito são decisivas e fundamentais para a compreensão da própria obra literária. Em literatura nada pode ser desprezado. Como nos lembra bem Carlos Mendes de Sousa:

Desde o início as personagens interrogam os seus nomes ou os nomes do outro. Nessas primeiras interrogações pode querer parecer que pouca importância é dada ao facto de o nome próprio constituir uma forma específica de nomeação¹⁷⁴.

Se há uma atitude de busca e indagação por parte das personagens sobre os seus nomes, isso não ocorre em Macabéa. Ao contrário disso, a sua atitude é de passividade frente ao desconhecimento do seu próprio nome. Na análise de Berta Waldman, não conhecer o nome é crucial para Macabéa, pois:

(...) pensando a exclusão de Macabéa de um outro ângulo, pode-se observar que a ignorância com relação a origem bíblica de seu nome e a impossibilidade de alcançar esse conhecimento também deslocam a protagonista para um lugar à deriva, pois a matriz do nome guarda a informação inacessível de uma pertença¹⁷⁵.

Esse deslocamento provocado pelo não conhecimento de seu nome deflagra o desconhecimento que tinha da sua origem: tinha apenas poucas memórias e um mínimo de registro histórico, tudo isso, revela a condição de alguém que não tem o sentimento de pertença. É fato que o nome vem da promessa, desvela uma origem bíblica de resistência, mas, antes de tudo, revela um contra-senso, pois em nada se aproximava do caráter dos heróis bíblicos¹⁷⁶. Isto quer dizer que o nome de Macabéa é o anúncio de uma contradição histórica e social, sugerindo que aqueles que deveriam ser resistentes, na verdade, em nada resistem. Portanto, se trata da denúncia do estado de miséria social, psicológica, cultural e

¹⁷⁴ SOUSA, Carlos Mendes de. op. cit., p.172.

¹⁷⁵ WALDMAN, Berta. op. cit., p.22-23.

¹⁷⁶ Conf. FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.15.

espiritual de um povo, de uma “raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito”¹⁷⁷.

Conforme, o crítico português Carlos Mendes de Sousa, se a questão do nome é denúncia, e o é com certeza, contudo, não se limita a isto, pois para além desta temática, demonstra um profundo questionamento sobre o ser¹⁷⁸. Essa discussão sobre a temática do nome, já nos faz perceber, ressonâncias da tradição judaica dentro do mundo ficcional de Clarice Lispector. Estes aspectos serão melhor explorados ao longo de nosso percurso pela obra literária, mas, já temos condições de afirmar, em consonância com o que diz Sonia Régis, que:

Para Clarice, o nome é a confirmação dos atributos da realidade; o nome indica uma propriedade em potencial. Esse inesgotável jogo de significações está ligado à tradição judaica da escritura: a escritura é ao mesmo tempo revelação e ocultamento do sagrado; desejo de captar o é das coisas (essencialidade divina), descrever seus atributos e potencialidade; vontade, enfim, de entender pelo nome, uma qualidade secreta¹⁷⁹.

O problema do nome, nos mostra um jogo de significações que acontece dentro da escritura clariceana, o jogo de revelar e esconder. O grande tema que se debate, é sobre a capacidade da palavra em expressar e dizer a realidade da coisa em si. Pensar isto, e não perceber o dilema e tensão que isso causa dentro da narrativa é desconsiderar uma das questões mais vitais em Clarice, a questão da identidade, e mais ainda, a consciência de si. Quando pensamos no judaísmo, devemos nos lembrar que uma de suas questões mais radicais, senão a maior, é o mistério que existe sobre o nome de Deus. Segundo o estudioso de literatura hebraica Richard Friedman, que a questão do nome de Deus remonta a um

¹⁷⁷ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.80.

¹⁷⁸ Conf. SOUSA, Carlos Mendes de. op. cit., p.174.

¹⁷⁹ texto divulgado na internet: RÉGIS, Sonia. *O Pensamento Judaico de Clarice Lispector*. O Estado de São Paulo, 14/05/1988. Disponível em <<http://www.clarice-lispector.cbj.net/>> acessado em: 11 de abril 2005.

simbolismo, num primeiro momento profundamente ligado à força simbólica do templo de Jerusalém¹⁸⁰.

A destruição do templo, conforme Friedman, radicaliza um processo teológico de ocultamento da face de Deus, fenômeno que ocorre no judaísmo pós-bíblico, quando se dá a proibição de se pronunciar o nome de Deus. Esta proibição assume contorno radical na própria experiência existencial e religiosa do judeu. Isso é claramente visível quando olhamos para os vários movimentos místicos judaicos, quando todos de uma maneira geral, lidam com o drama do nome, com a limitação da linguagem, e assumem a palavra como possuidora de um caráter dúbio; isto é, possui um aspecto conhecido, mas esconde um caráter não-revelado, ainda não-dito, algo que carece de busca e pesquisa. Esse movimento de busca pela palavra, do próprio significado oculto que esconde, na verdade, se trata de um movimento de busca do próprio Deus, como nos fala o estudioso da mística judaica, Gershom Scholem. Para além do que se pode falar e conhecer de Deus, o misticismo judaico admite que existe dimensões e atributos do próprio Deus, que ainda não conhecemos e que estão escondidos dentro da própria interioridade da vida divina¹⁸¹.

Quando pensamos na obra de Clarice, não podemos esconder que o aspecto de estranhamento de sua narrativa, bem como o dilema existencial e o grau de complexidade de suas personagens, revelam para nós uma estrutura de mentalidade que não se coaduna com a geometria cartesiana que marca o homem moderno. Isto ainda se intensifica quando falamos da presença do elemento mágico em sua narrativa, não no aspecto da realidade, pois não há saídas fáceis no universo clariceano. Mas, na lógica que marca o seu texto, como já foi dito por alguns de seus estudiosos, em Clarice os opostos não apenas existem como

¹⁸⁰ Conf. FRIEDMAN, Richard Elliot. *O Desaparecimento de Deus: um mistério divino*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.155.

¹⁸¹ “O místico procura assegurar-se da presença viva de Deus, o Deus da Bíblia, o Deus bom, sábio, justo e misericordioso e a corporificação de todos os outros atributos positivos. Mas ao mesmo tempo ele não está disposto a renunciar à idéia do Deus oculto, que permanece eternamente incognoscível nas profundezas de Seu próprio Ser...”. In: SCHOLEM, Gershom. op. cit., p.14.

entidades binárias, acima disso, ambos se tocam e se fundem como uma mesma realidade¹⁸², o que sugere para nosso trabalho pensar a correspondência entre a lógica criativa de Clarice Lispector e a racionalidade mística judaica.

Isto nos serve para mostrar o lugar em que estamos, numa área tensa, uma escrita do não-lugar, que requer cuidado e atenção. Mendes de Sousa nos fala que a narrativa de Clarice:

Trata-se da passagem do testemunho (onde ecoa o nome do primeiro criador) e trata-se de o repetir em nome de Deus. O manifesto desejo de encontrar o nome, dizer o nome e encontrar o que é próprio do nome equivalerá ao desejo de dizer e encontrar o que é próprio de Deus¹⁸³.

Embora a obra de Clarice caminhe nessa direção, percebe-se que em *A Hora da Estrela* esse movimento é problematizado. Isso apenas acentua o grau de importância do texto, dentro do *corpus* ficcional¹⁸⁴. Macabéa, neste sentido, é o oposto de Severino, de *Morte e Vida Severina*. Embora Severino possua um nome comum ao seu universo cultural, ele cria etapas de identificação, até conseguir de fato situar sua existência, definir sua identidade, e mesmo no meio de tantos homônimos, ele consegue expressar sua originalidade¹⁸⁵. Macabéa, ao contrário, é única e, ao mesmo tempo, é nada. Seu nome é vazio, não desvela privilégios, e sim ausências, não demonstra exclusividade, mas ao contrário, reporta desfavorecimentos, seu nome é o seu destino. É esse destino e nome que queremos melhor entender ao longo das próximas páginas.

¹⁸² “O texto de Clarice nos permite penetrar num espaço em que as mentalidades ocidentais formadas nos axiomas rígidos da lógica cartesiana são postas em xeque. Somos introduzidos num universo de pensamento que pressupõe a coexistência e mesmo a fusão de realidade aparentemente as mais contraditórias”. In: SZKLO, Gilda Salem. op. cit., p.108.

¹⁸³ SOUSA, Carlos Mendes de. op. cit., p.174.

¹⁸⁴ “Este livro dialoga com todo o universo ficcional de Clarice, repontando, nele, questionadas, ironizadas e sofridas, as perplexidades da narrativa moderna em geral, e as de sua ficção em particular”. In: WALDMAN, Berta. op. cit., p.92.

¹⁸⁵ “Destacamos, portanto, não o fracasso do Severino em busca de sua identidade pessoal, mas o sucesso alcançado pela identidade excessiva construída. Severino é uma metáfora viva. Um personagem com excesso de sentido e de referência”. In: SILVA, Eli Brandão. op. cit., p. 207.

2.1.1 Nas mãos de Boa Morte

As referências que o texto-obra *A Hora da Estrela* nos dá sobre a personagem Macabéa revela grande parte das situações e contradições existentes no sertão nordestino. E, mais ainda, nos mostra com radicalidade e ironia a sina de exclusão e precariedade que marca o percurso ficcional da jovem retirante. Essa ação terá mais evidência quando a nordestina estiver num mundo que não é o seu, a realidade da cidade grande. Por enquanto, nos cabe perguntar em que grau e medida, esse universo social, cultural e religioso da protagonista Macabéa nos faz entender a sua sina. Ou talvez, o propósito do texto literário em trabalhar com minúcias que nos parecem dar indício de uma paródia, e ao mesmo tempo, de uma crítica a um modelo social e cultural estabelecido? O que nos propomos a fazer é tentar entender como o contexto da personagem diz muito da sua própria existência.

Colocar o nome de Macabéa na personagem principal é demonstrar que o texto trabalha com referências intertextuais, ou seja, outras histórias parecidas já foram contadas¹⁸⁶. Além disso, o narrador quer deixar claro que o propósito do texto é trabalhar com a realidade¹⁸⁷, demonstrar que a narrativa é uma história verdadeira¹⁸⁸, e situar que o aspecto de luta e resistência da personagem a eleva à categoria de uma figura bíblica, de uma heroína¹⁸⁹. Isso contribui para acirrar no texto clariceano inúmeras discussões de ordem temática e propositiva. Nos atemos aqui, em demonstrar que Macabéa possui pouquíssimas referências, apenas os pais que morreram na infância, uma única tia, que até morrer a criou com rigor e crueldade e depois os seus mínimos contatos com os seus parceiros de trama.

¹⁸⁶ Além da referência da narrativa bíblica dos Macabeus, como povo que sofre e resiste, poderíamos, acrescentar inúmeros textos que falam da vida difícil e precária do povo do sertão nordestino. Entre eles: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto; *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e tantos outros que a exemplo destes, servem para narrar as riquezas da cultura brasileira, bem como, denunciar a situação injusta e difícil do homem do sertão.

¹⁸⁷ “Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa”. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.17.

¹⁸⁸ “Se há veracidade nela e é claro que a história é verdadeira embora inventada”. In: Idem, ibidem. p.12.

¹⁸⁹ “Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica”. In: Idem, ibidem. p.30-31.

Macabéa foi desde cedo entregue aos cuidados de Nossa Senhora da Boa Morte, vive no seu primeiro ano de vida, sob os auspícios de uma iminente morte ainda em sua tenra existência humana. A prática da promessa além de atestar um dado religioso extremamente imbricado na vida social do povo brasileiro¹⁹⁰, deflagra também uma paródia, pois se tem algo que nunca deixou de acompanhar Macabéa, foi a morte. A morte dos pais, da tia, portanto, o desaparecimento e nulidade de suas referências e origens, e, ao final da narrativa, a sua própria morte. Mas, como disse a própria personagem: ela vingou, ela resistia¹⁹¹. Macabéa supera ao seu primeiro e quase fatídico ano de vida, e renasce sobre a égide de uma promessa que a acompanhará pelo resto de sua vida¹⁹². Renasce sobre um pacto de vida, mas vive sobre uma sentença de morte, é este trajeto existencial da personagem que queremos seguir e descobrir. O que mais poderá esconder o nome Macabéa?

2.1.2 Do sertão para o mundo

O narrador Rodrigo S.M. tece uma narrativa que problematiza o próprio ato criativo, é uma escrita de crise, que ora divagando em questões aparentemente filosóficas, é posteriormente visto falando de banalices do cotidiano. O que faz com que a narrativa, assuma como debate próprio, o dilema de ser um texto da grande literatura, como também

¹⁹⁰ A prática da promessa como pacto com uma entidade religiosa ou santo da igreja, deflagra um prática muito comum no contexto popular brasileiro, que desenvolveu-se a partir da introdução de um catolicismo ibérico, e que adaptado e ressignificado dentro da realidade do sertão, configurou-se como um catolicismo rústico, caracterizando-se num tipo de religiosidade: "... que dependem muito mais da criatividade dos leigos, que distantes do catolicismo oficial, desenvolveu suas peculiares visões de mundo. Nesse contexto, o culto aos santos proliferou e a necessidade mágica de manipular o que é visível levou esse povo ao que era percebido como mais próximo da vida cotidiana: os santos, o Cristo crucificado, a virgem Maria, e, da mesma forma, as representações materiais de anjos e demônios". In: CAMPOS, Leonildo Silveira. *A percepção e representação do mal na religiosidade popular brasileira* – Contribuições das Ciências Sociais para um debate teológico. Estudos de Religião, nº 21; Pós-Graduação em Ciências da Religião; São Bernardo Campo: UMESP, 2001, p.133.

¹⁹¹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.43.

¹⁹² O elemento promessa aparece também como um pertinente caminho a ser explorado e refletido em *A Hora da Estrela*. Contudo, limitamo-nos a situá-lo com um dos eventos que marcam a realidade e o destino existencial de Macabéa, revelando uma paródia com os elementos da religião como constitutivos do ser no mundo. Sobre a questão da "promessa", interessante discussão foi feita por Douglas Rodrigues da Conceição em *Fuga da Promessa e nostalgia do divino*, onde o pesquisador discute a temática e sua relação na trama de *Dom Casmurro*.

de ser um escrito banal, um texto kitsch¹⁹³, perfazendo a obra caminhar entre o belo e o grotesco, entre o estético e o superficial. Essa tensão se dá, justamente, por sua tentativa de tornar narrável a vida precária e dissoluta de uma pobre nordestina. O autor-ficcional demora muitas páginas até revelar o nome da personagem e situá-la dentro de seu contexto literário. Suas informações são dadas aos poucos, imiscuindo suas sensações sobre o ato de escrever, sua incoerência enquanto escritor, que alienado da realidade concreta da vida, tenta tornar literária e estética a existência grotesca de uma mulher inócua e desfavorecida. Por isso, sua narração se faz com ironias e desabafos, músicas e sussurros, reflexões e denúncias, amor e ódio, isto é, uma gama intensa de sensações que se escondem atrás do ato criativo, demonstrando o dilema insuportável que vive o autor, no momento em que tenta encontrar sentido para contar a vida severina de Macabéa.

A moça e a tia vão para o Rio de Janeiro¹⁹⁴, o que as coloca dentro do fortíssimo fenômeno que foi o ciclo migratório existente no Brasil, em meados das décadas de 60 e 70, quando milhares de nordestinos vieram para os grandes centros do sudeste brasileiro, sobretudo, São Paulo e Rio de Janeiro. Talvez, isto se explique pela expectativa e possibilidade de uma vida melhor, mais digna do que a vivida em sua terra natal, fugindo assim quem sabe, do ambiente de rapina que marca a vida do retirante¹⁹⁵.

Nossa pesquisa, pretende levar em discussão que a situação social intrincada no romance, é mais radical do que uma simples leitura sociológica dos fatos do cotidiano. Nosso caminho, é a via que Clarice nos dá em toda a sua obra, que é o de tentar captar dentro da narrativa as ressonâncias que a tragédia social da personagem repercute na

¹⁹³ “Material artístico ou literário convencionalmente considerado de má qualidade ou pretensamente artístico; às vezes é manifestação intencional de mau gosto, para agredir ou chocar”. In: GUIDIN, Márcia Lígia. op. cit., p.114.

¹⁹⁴ Conf. LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.30.

¹⁹⁵ Tenório, em seu brilhante trabalho sobre a poética de João Cabral de Melo Neto, destaca o ciclo migratório do retirante que sai do agreste e parte para a zona da mata, como uma fuga do ambiente de morte e tragédia que se experimenta em sua terra de origem, e destaca que: “O cassaco sabe agora que há, em sua vida, algo mais cruel do que a seca, do que o clima, do que a adversidade do meio natural: é o “ambiente de rapina”, do qual não pode escapar. Quer chegar logo ao Recife...”. In: TENÓRIO, Waldecy. op. cit., p.140.

construção de sua subjetividade, na definição de sua identidade, e na sua experiência com os planos mais altos e profundos da existência. Porém, o que demonstra claramente o narrador (na verdade Clarice) é que o seu novo espaço, não é sinônimo de bom lugar. Ao que parece, será nessa nova realidade, que transfigurará o deslocamento de Macabéa, sua marginalidade e rejeição.

2.1.3 A rejeição de Macabéa

É na metrópole, que se revela todo o desprovemento existencial de Macabéa. O autor-narrador-personagem escreve esta fatídica história, também como um meio de se livrar, de qualquer possibilidade de compromisso com a realidade dos desfavorecidos. Isto está claro num dos 13 títulos da obra: “Ela que se arranje”¹⁹⁶. Clarice Lispector, não segue a tipologia romanesca em voga desde o século XIX, pois debate, entre outras coisas, a idéia de “autor engajado”, e mostra que, de uma certa forma, na literatura da sua época também havia lugar para o escritor não-engajado, para aquele que não quer se imiscuir no mero debate das representações e tipologias sociais, se esquecendo da questão maior, o problema da condição humana¹⁹⁷.

Clarice inventa Rodrigo, que por sua vez inventa Macabéa, demonstrando o grau de complexidade, o jogo de identidades que ocorre na trama¹⁹⁸. O narrador de *A Hora da Estrela* se limita a contar as fracas aventuras de uma moça numa realidade toda feita contra

¹⁹⁶ Um dos 13 títulos de *A Hora da Estrela*, e, que serve como uma referência hipertextual, uma porta de entrada para o romance que sugere o caráter errático e desprezivo de Macabéa.

¹⁹⁷ “A escritora deseja, na realidade, denunciar a gravidade da condição humana, única realidade que lhe parece convincente, que é a impossibilidade de um conhecimento pleno. Essa angústia leva-a a uma reação de cólera como forma de escrever”. In: texto divulgado na internet: RÉGIS, Sonia. *O Pensamento Judaico de Clarice Lispector*. O Estado de São Paulo, 14/05/1988. Disponível em <<http://www.clarice-lispector.cbj.net/>> acessado em: 11 de abril 2005.

¹⁹⁸ “Suspendendo pois a sua máscara pública de ficcionista acreditada, ao identificar-se com S.M., na verdade Clarice Lispector, e por intermédio dele com a própria nordestina – Macabéa, a quem se acha colocado o autor interposto -, Clarice Lispector faz-se igualmente personagem [...] Por essa mensagem dirigida aos leitores, Clarice Lispector abre o jogo da ficção – e o de sua identidade como ficcionista”. In: NUNES, Benedito. *Clarice Lispector ou o Naufrágio da Introspecção*. Remate de Males – Revista de Teoria Literária, Campinas: Unicamp, p.66.

ela¹⁹⁹. É nesta configuração espacial que se dá a emboscada existencial de Macabéa, ela que após a morte da tia, vivia sozinha e morava num quarto onde morava outras moças²⁰⁰. Segundo o narrador: “o quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto”²⁰¹. É na grande cidade capitalista que se vê de forma clara como os processos sociais e econômicos se expressam radicalmente na configuração dos processos espaciais²⁰². Segundo o pesquisador Roberto Lobato Corrêa:

Os grupos sociais excluídos têm como possibilidades de moradia os densamente ocupados cortiços localizados próximos ao centro da cidade – velhas residências que no passado foram habitadas pela elite e que se acham degradadas e subdivididas (...) ²⁰³.

A narrativa coloca a personagem dentro desta zona de exclusão que caracteriza a vida de inúmeras pessoas, que se agrupam próximos ao centro das grandes cidades, para se mover com menos dificuldade para o seu local do emprego. Partindo disso, podemos entender o mundo de exclusões e de dificuldades da moça alagoana. Entretanto, mais dramático do que a realidade social é constatar o estado ontológico de Macabéa, um pessoa que: “... vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando”²⁰⁴.

“Rua do Acre para morar, rua do Lavradio para trabalhar, cais do porto para espiar no domingo, um ou outro prolongado apito de navio cargueiro que não se sabe por que dava aperto no coração”²⁰⁵. A excrescência social toma contornos radicais quando o narrador passa a contar os relacionamentos de Macabéa. Convivia com quatro moças, todas tinham

¹⁹⁹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.15.

²⁰⁰ Idem, ibidem. p.30.

²⁰¹ Idem, ibidem. p.30.

²⁰² CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989, p.36.

²⁰³ Idem, ibidem. p. 29-30.

²⁰⁴ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.23.

²⁰⁵ Idem, ibidem. p.31.

por nome Maria²⁰⁶, e com quem muito pouco conversava. Trabalhava num pequeno escritório, profissão: obstinadamente “datilógrafa”, ela que não entendia muito bem o significado das palavras, e batia lentamente letra por letra, palavra por palavra. Inconsciente que para além de si existia um outro (será Deus?), datilografando cada momento de sua vida, o seu autor-narrador, que estranhamente reconhece que seu ato criativo seguia uma “oculta linha fatal”. Sugerindo, que em seu intento de descrever, de narrar as errâncias da nordestina, se faz como um ato de luta contra a realidade, contra a própria sina marcada de Macabéa. E, problematizando ainda mais a questão do fazer literário como um ato divino. Homem e Deus se encontram na mesma condição, ambos são criadores, ao mesmo tempo que são fracassados pois não conseguem alterar o destino de suas criaturas, as personagens.

Para Macabéa tudo está sempre mais distante, mais longe que o necessário, quando seu patrão deixa um livro por cima da mesa, intitulado *Humilhados e Ofendidos*, oferecendo assim uma possibilidade de Macabéa ler o título e quem sabe se reconhecer. A retirante: “Pensou, pensou e pensou! Chegou a conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era por que as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar?”²⁰⁷.

Waldman, diz que:

Ao deixar o livro *Humilhados e Ofendidos* no campo de visão de Macabéa, o narrador acena-lhe com um espelho onde ela poderia contracenar com a própria imagem e se reconhecer. Mas coloca-o fora de seu alcance pois ele pertence ao patrão, ficando a personagem perdida, à mercê do vazio da imagem no espelho, da fascinação que as grandes estrelas de cinema exercem sobre ela e com as quais ela busca uma identificação grotesca e inviável²⁰⁸.

²⁰⁶ “Mas as companheiras de quarto – Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas – não se incomodavam”. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.30.

²⁰⁷ Idem, ibidem. p.40.

²⁰⁸ WALDMAN, Berta. op. cit., p.23.

A rejeição de Macabéa se mostra muito ironicamente quando ela se espelha em *Marilym Monroe*²⁰⁹. Seus ídolos, na verdade, são sua própria negação. Não tem a oportunidade de se espelhar nas personagens do texto literário, do seu título e história. Sua rejeição se dá na narrativa, quando tem que lidar com as pessoas, tem que usar as palavras. É aí que a narrativa mostrará a rejeição de Macabéa e revelará o seu verdadeiro destino!

2.2 Os perigos do mundo

A escritura de Clarice Lispector se caracteriza por ser um narrativa do não-lugar²¹⁰, ou seja, a espacialidade, o território concreto que marcou a literatura desde o realismo, não persiste muito bem na obra de Clarice. Esta afirmação sugere ainda discutir qual o lugar de Clarice dentro da literatura brasileira. Contudo, o que nos interessa dizer é que desde a primeira obra de Clarice, o que sempre a caracterizou foi o monólogo interior²¹¹. Porém, em *A Hora da Estrela*, ao contrário, do restante da obra de Clarice, temos uma reflexão sobre o espaço social. O drama subjetivo de Macabéa só pode ser entendido dentro do dilema social em que está inserida. Conforme Clarisse Fukelman, três perspectivas se mostram no texto: a filosófica, a social e a estética²¹². As três temáticas estão imiscuídas no trabalho do narrador, quando este ora se perde em divagações de ordem ontológica, ora parodia a pobreza e as incapacidades da personagem e, por último, quando focaliza o próprio ato criador.

Situar a realidade espacial da personagem é conhecer o lugar das possibilidades, o terreno onde se dará o próprio desvelamento da narrativa. O desalojamento espacial das suas personagens reflete efetivamente o desajustamento social que sempre caracterizou a

²⁰⁹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.62.

²¹⁰ “Só se perceberá o verdadeiro alcance dessa afirmação sobre a realidade do não-lugar que é a obra de Clarice, se se tiver presente e impositiva obsessão pelo território (o influxo do conceito de territorialidade) num vastíssimo espaço cultural com implicações e razões de ser de ordem muito diversa, em que a literatura é, maioritariamente e em sentido forte, uma literatura do lugar”. In: SOUSA, Carlos Mendes de. op. cit., p.174.

²¹¹ Olga de Sá citando a apreciação de Alvaro Lins, dirá: “Há, com efeito, na Sra. Clarice Lispector as forças interiores que definem o escritor e o romancista [...] O seu recurso de mais efeito e o monólogo interior, é a reconstituição do pensamento em vocábulos”. In: SÁ, Olga de. op. cit., p.201.

²¹² FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.7.

autora²¹³. Contudo, em *A Hora da Estrela* esse deslocamento assume a face do outro, o que aparece agora não são personagens cultas e da classe média, vivendo crises existenciais e sofrendo os dilemas da alma. O que se tem agora é o drama existencial de uma personagem, um alter-ego da autora, que se insere num mundo social infinitamente distante da autora/narrador/leitor²¹⁴. A realidade trágica do sertanejo dentro da cidade grande. A temática do nordestino revela a tentativa do narrador em tentar alcançar o outro em sua rudeza visceral, e isto, o coloca na linhagem do poeta João Cabral de Melo Neto²¹⁵. O espaço social de Macabéa é uma realidade de enfrentamento e humilhações, em que se descobre por meio da incapacidade comunicativa da personagem, a ineficácia da linguagem, e, sobretudo, a crise da cultura e o fracasso da religião.

2.2.1 O problema das palavras

Todo o problema existencial de Macabéa se configura num problema de linguagem. Deflagrando na narrativa um dos grandes impasses que caracteriza o escritor moderno, o dilema diante das formas e das palavras²¹⁶. Antes mesmo do aparecimento da personagem, o narrador já dá indícios de que a protagonista é incompetente para a vida. A moça que “era calada por não ter o que dizer”²¹⁷, trabalhava numa pequena empresa na função: datilógrafa. Macabéa, a exemplo de outras personagens clariceanas, tem na escrita a sua única saída na vida. Entretanto, no caso dela, não estão em jogo questões estéticas ou existenciais, mas, ao

²¹³ Conf. TREVISAN, Zizi. op. cit., p.80.

²¹⁴ “Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia”. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.24.

²¹⁵ “... escolhe o nordestino que mudou de espaço, desenraizou-se, perdeu o respaldo de seu grupo, bloco estigmatizado e mudo na vida da grande metrópole. Comovido, o narrador se desvincula do padrão de interpretação realista, deixando vazar a sua ternura e seu desespero por suas personagens nordestinas [...] Se o interesse pela figura do nordestino se mantém, ela exige, no entanto, uma nova dicção: a da palavra-pedra, da linhagem do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto”. In: FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.16.

²¹⁶ STEINER, George. *Linguagem e Silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.46.

²¹⁷ LISPECTOR, Clarice. o. cit., p.33.

invés disso, está em jogo a sua sobrevivência pessoal. A sua dificuldade com as palavras, com o ato de datilografar, entretece dentro da narrativa as inúmeras situações difíceis que irá passar quando, por exemplo, isto quase custou-lhe o seu emprego²¹⁸.

O seu contato com o mundo era por meio de um rádio que, segundo o narrador, “dava hora certa e cultura”²¹⁹. Dele ouvia as horas e curiosidades culturais, ouvia palavras que em muito tocavam a sua condição, contudo, ela não as entendia. Não conseguia decifrar os significados das palavras, e se embasbacava com informações totalmente antônimas à sua grotesca realidade. Seu deslocamento cultural se expressa em seu desconhecimento das palavras (efeméride)²²⁰. Sua divagação diante do mistério da palavra, não só denuncia sua condição de semi-analfabeta, seu desconhecimento do léxico, como também sinaliza os sentidos profundos da palavra, demonstrando que a palavra no texto possui uma camada ainda a ser descoberta, uma realidade que se encontra oculta²²¹. Além disso, a narrativa mostra o grau de precariedade e desajustamento social em que vive o retirante brasileiro, analfabeto em sua grande maioria, desprovido do conhecimento da língua, de seus jogos e recursos. Situação que torna atual a expressão: “O limite da minha linguagem é o limite do meu mundo”, de Wittgenstein. Limite que assume em Macabéa proporções de destino, inviabilizando à nordestina o poder de desvelar os sentidos profundos da linguagem e de descobrir um sentido último para a sua drástica existência.

²¹⁸ “O Senhor Raimundo Silveira – que a essa altura já lhe tinha virado as costas – voltou-se um pouco surpreendido com a inesperada delicadeza e alguma coisa na cara quase sorridente da datilógrafa o fez dizer com menos grosseria na voz, embora a contragosto”. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.25.

²¹⁹ Idem, ibidem. p.37.

²²⁰ “Havia coisas que não sabia o que significavam. Uma era efeméride”. In: Idem, ibidem. p.40.

²²¹ “Essa perplexidade com as coisas, que é quase um não saber prosseguir (uma vez que imobiliza o sujeito), reveste-se de um tom metafísico ao longo de toda a obra clariceana, e mesmo em seus textos mais tradicionais, onde a estrutura dos gêneros não parece tão ameaçada, Clarice aborda o mundo por um viés torto, esquivo, fazendo com que o que é conhecido, óbvio, adquira um tom inaugural insuspeitado. No entanto, é justamente nesse processo de nomeação quase abstrato, onde a linguagem chega a se falar, que a palavra entre em crise e, por assim dizer, fracassa, pois para o fim que Clarice se propõe as palavras, banalizadas pelo uso comum, já se mostram gastas a priori. É necessário, então inventar um novo léxico, o qual, paradoxalmente, só se torna possível através de seu avesso, da não palavra, do silêncio”. In: texto divulgado na internet: BITTENCOURT GOMES, Júlio César de. *A Palavra e o silêncio: o esoterismo de Clarice Lispector*. Disponível em: http://www.triplov.com/coloquio_05/julio_cesar.html acessado em: 09 de setembro de 2004.

Macabéa, não se caracteriza pelo movimento de busca do outro²²². As poucas ocasiões em que ela tem essa possibilidade, as chances escapam das suas mãos. Isto pode ser visto, na conflitiva relação que tem com Glória, que dentro da narrativa tem o papel de confrontar a feminilidade inócua e precária da nordestina. Glória, ao contrário de Macabéa, “tem tudo: corpo sedutor, família organizada e desenvoltura profissional”²²³. Suas relações e falas são apresentadas pelo narrador como confronto de dois modos de ser. Glória assume o típico papel arrogante, daqueles que travestidos numa linguagem hipócrita e superficial, postulam uma “superioridade pedagógica”, capaz de ensinar àquela simples criatura as idiossincrasias da vida na cidade grande.

O tema da alteridade se mostra radicalmente, com o aparecimento de Olímpico²²⁴, o outro nordestino, que revela a outra face do problema que a narrativa procura denunciar: o deslocamento cultural e social e seus efeitos na constituição da existência humana. “Olímpico de Jesus Moreira Chaves, mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não tem pai”²²⁵. É somente com o aparecimento deste, que a personagem recebe um nome dentro da história. Isto faz lembrar, que o aparecimento do eu depende do reconhecimento de um tu, um tema complexo e recorrente na obra de Clarice²²⁶. Mas, que encontra no último romance da autora, um grande complicador, pois as referências nominais das personagens trazem para o mundo do texto, a tensão de uma unidade que parece inviável.

Demonstrando o permanente jogo em que vive a escritura clariceana, marcada por duas tradições de pensamento, duas formas de pensar e conceber a vida, Macabéa (judaísmo) e Olímpico (filosofia grega)²²⁷. O que aprofunda o aspecto enfrentamento na

²²² Conf. PICCHIO, Luciana Stegagno. op. cit., p.18.

²²³ GUIDIN, Márcia Lígia. op. cit., p.58.

²²⁴ “O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam.” In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.40.

²²⁵ Idem, ibidem. p.44.

²²⁶ Conf. PONTIERI, Regina. op. cit., p.28.

²²⁷ “Dividida entre esse idealismo filosófico e uma tradição religiosa (platonismo e judaísmo), ela tanto pode

narrativa, e coloca em problematização a sua concepção de mundo e de ser²²⁸. Macabéa e Olímpico vivem uma deserotizada relação de amor, caracterizada por “falas de silêncio”, palavras soltas no ar (o que é cultura?), que caracterizam a incapacidade comunicativa de ambos, como no sofrível diálogo abaixo:

Ele: – Pois é./ Ela: – Pois é o quê?/ Ele: – Eu só disse pois é!
 Ela: – Mas “pois é” é o quê?/ Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende./ Ela: – Entender o quê?/
 Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já./
 Ela: – Falar então de quê?/ Ele: – Por exemplo, de você./ Ela: – Eu?!/
 Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente./
 Ela: – Desculpe mas não acho que sou muito gente./ Ele: – Mas todo mundo é gente, Meu Deus!
 Ela: É que não me habituei/ Ele: Não se habituou com quê?
 Ela: Ah, não sei explicar (...) ²²⁹.

Segundo Júlio Galharte, essa passagem da narrativa pode ser entendida como uma convulsão de questionamentos, que só acirra ainda mais a distância entre os dois, “pois cada pergunta é como um soco que os distancia”²³⁰. Um dos debates da narrativa, é sobre o tema da palavra e a sua importância na tensão homem e mundo. Nós somos constituídos como seres de palavra. A importância da palavra na constituição do ocidente, além de remeter à tradição judaico-cristã como sua origem, mostra o grau de importância que a linguagem teve

afirmar meu nome não existe. O que existe é um retrato falsificado de um retrato de outro retrato meu, quanto não sou um sinônimo – sou o próprio nome. Seu desejo é o de uma linguagem literária mais do que significativa: plenamente realizadora”. In: texto divulgado na internet: RÉGIS, Sonia. *O Pensamento Judaico de Clarice Lispector*. O Estado de São Paulo, 14/05/1988. Disponível em <<http://www.clarice-lispector.cbj.net/>> acessado em: 11 de abril 2005.

²²⁸ Ninguém se esforçou mais que Benedito Nunes em estudar a concepção de mundo e de ser de Clarice Lispector, o crítico afirma que: “... é a modulação que lhes impõem determinados motivos [...] e que aparecem freqüentemente combinados ou de maneira isolada, mas com a insistência de leitmotifs que atravessam a obra, repetidos de romance a romance ou de conto a conto: a inquietações, o desejo de ser, o predomínio da consciência reflexiva, a violência interiorizada nas relações humanas, a potência mágica do olhar, a exteriorização da existência, a desagregação do eu, a identidade simulada, o impulso ao dizer expressivo, o grotesco e/ou o escatológico, a náusea e o descortínio silencioso das coisas. Esses motivos, que diferentes situações reconfiguram não apenas se relacionam diretamente com os pontos de referência mais gerais na obra, mas se articulam entre si formando a totalidade significativa de uma concepção do mundo”. In: NUNES, Benedito. op. cit., p.99-100.

²²⁹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.47-48.

²³⁰ Conf. GALHARTE XAVIER, Júlio Augusto. Na trilha da despalavra: silêncios em obras de Clarice Lispector e Samuel Becket. In: PONTIERI, Regina. (org.). *Leitores e Leituras de Clarice Lispector*. São Paulo: Hedra, 2004, p.73.

como abarcadora de quase totalidade da experiência humana²³¹. O que parece haver em Clarice Lispector, bem como, uma trilha de escritores da segunda metade do século XX, é um tenso e acalorado debate sobre os limites da palavra e a vulnerabilidade do ato comunicativo²³². Retomando o que nos propõe o romance, o dilema da personagem não deixa de ser o drama do ser humano na modernidade, enquanto sujeito de um mundo em crise. Como fala brilhantemente, Clarice Fukelman:

(...) o testemunho mais veemente de sua falta de posse sobre si mesma e sobre o mundo é a maneira como lida com a palavra. Ou ela se priva da palavra e permanece em um silêncio que não é opção, mas maneira precária de ser [...] ou ela fala em dissonância. Sempre se expressa inadequadamente ou mostra interesse por palavras e conceitos reveladores de sua condição existencial e social mas que, descontextualizados, não a levam ao autoconhecimento²³³.

As “falas de silêncio”, as palavras soltas que por desconhecimento do significado, não lhe ajudam no reconhecimento de sua condição. Em suma, o problema de Macabéa com as palavras, vai se configurando numa iminente derrocada das palavras e do ser.

2.2.2 Inadequação espacial e fracasso existencial

Todas as negativas dadas pelo narrador à personagem, bem como, a história que ele irá contar, atestam para o fato da narrativa desdobrar-se numa tragédia. Muito embora, isto custasse ao próprio narrador debater o romance, a literatura, e, ainda a sua própria participação na vida da jovem retirante. A inadequação da jovem nordestina dentro da cidade grande toma forma gritante nas sucessivas situações de desencontro. O frígido relacionamento de Macabéa e Olímpico é esfacelado ante o aparecimento de Glória. Olímpico²³⁴, tipificação dos que querem subir a qualquer custo, vê em Glória a

²³¹ Conf. STEINER, George. op. cit., p.46.

²³² Idem, ibidem. p.70.

²³³ FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.15.

²³⁴ “Mas ainda não expliquei bem Olímpico. Vinha do sertão da Paraíba e tinha uma resistência que provinha da paixão por sua terra braba e rachada pela terra seca.” In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.57.

oportunidade de fazer parte do “ambicionado clã do sul do país”²³⁵. O que mostra que a narrativa é uma inversão da história bíblica dos Macabeus. Enquanto nessa, os heróis bíblicos lutaram bravamente contra a dominação helênica, contra os deuses do Olimpo, em *A Hora da Estrela* é o representante pagão (Olímpico) que refuta a personagem bíblica, trocando-a por um ser mais fulgurante, a Glória. Macabéa é trocada como moeda barata, sua feminilidade é relativizada em sua máxima expressão²³⁶.

Macabéa e Olímpico expressam dois modos diferentes de se reagir ao gritante processo de marginalização social. Enquanto ela era passiva, parca em palavras, inconsciente e fraca fisicamente, ele ao contrário, era forte, rude e ambicioso. Neste jogo de adjetivos e de significações, o narrador demonstra a diferença entre os dois nordestinos: “Macabéa é na verdade uma figura medieval enquanto Olímpico de Jesus se julgava peça-chave, dessas que abre qualquer porta”²³⁷.

Inadequada ao ambiente agressivo da grande cidade, incapaz de construir diálogos que pudessem levar ao outro, desconhecadora dos sentidos das palavras, passiva e inconsciente de sua condição e destino. A vida de Macabéa se projeta ao fracasso pleno, à total marginalização. Uma vez que, deixada ao relento em seu relacionamento amoroso, desassistida em sua saúde²³⁸, vivia precariamente ao sabor do nada. Denunciando que o deslocamento cultural, social e afetivo de Macabéa, são fundamentais para a sua alienação e inércia existencial. A trágica história de vida da retirante pode ser entendida sinônima às

²³⁵ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.59.

²³⁶ “Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida? – Não, não, não! Ah por favor quero ir embora! Por favor me diga logo adeus”. In: Idem, *ibidem*. p.60.

²³⁷ Idem, *ibidem*. p.46.

²³⁸ O narrador inúmeras vezes fala do aspecto frágil e doentio de Macabéa, o seu hábito de apenas comer cachorro-quente e leite tornou-a profundamente fraca no estômago e nos pulmões, tanto que chega a passar mal quando come outras coisas. Quando toma a atitude de ir a um médico, o mesmo é descrito na narrativa como mais um de tantos medíocres mercenários que atuam na área da saúde, por não ter conseguido um status maior na vida. Como bem descreve o romance: “Esse médico não tinha objetivo nenhum. A medicina era apenas para ganhar dinheiro e nunca por amor à profissão nem a doentes. Era desatento e achava a pobreza uma coisa feia ...” In: Idem, *ibidem*. p.67.

experiências de violência que tanto G.H.²³⁹ quanto Martim²⁴⁰ sofreram. Ambos, experimentaram situações inumanas. No caso de Macabéa, toda a sua trajetória vivencial é uma história desumana, levando-a a um estado trágico de inumanidade. O que coloca a narrativa muito além de um registro social, a denúncia que se faz por meio da passividade da personagem é o retrato do estado de abandono do próprio Deus²⁴¹. A sua inadequação ao mundo, às pessoas e ao desafio de existir leva-a ao fracasso da existência, ao deslocamento ontológico. E pode ser muito bem resumido na pergunta que sua colega lhe faz: “ – Diga-me uma coisa: você pensa no futuro? A pergunta ficou por isso mesmo, pois a outra não soube o que responder”²⁴².

2.3 A falsa profecia

Curiosamente, o que se segue ao fatídico fim de namoro é sua inerte atitude ante a ação de Glória. Esta, por sua vez, é caracterizada no texto, com um certo tipo de caridade maternal, a constatação da típica atitude hipócrita e despreziva daqueles que dispõem sobras de suas ações aos que estão aparentemente abaixo nas classificações sociais. Dessa forma, indica-lhe uma cartomante para jogar as cartas. A cartomante, segundo ela, não só previa o futuro como quebrava feitiços, o que demonstra o ambiente mágico e sincrético que paira na narrativa.

²³⁹ Personagem do romance *A Paixão Segundo G.H.*, que vive a mais kafkiana das situações dentro da escritura de Clarice Lispector. Se defronta com uma barata dentro do quarto da empregada. A experiência chega ao grau máximo, à sua epifania, quando a personagem come a barata e, por conseguinte, o absorto de uma experiência radical de deslocamento, um ascese mística.

²⁴⁰ Martim, personagem do romance *A Maçã no Escuro*, que foge após supostamente cometer um crime e, vive por um grande tempo dentro da narrativa sem o recurso a palavra, pois perde a linguagem.

²⁴¹ Cabe à Macabéa a mesma análise feita a outras personagens de Clarice, que: “Essa passividade diante do que lhes acontece determina a trajetória que eles realizam como via-crucis, como paixão. De uma certa maneira a trajetória dessas figuras humanas não se resolve, o círculo de seus movimentos não se fecha, porque se trata de um movimento paradoxal. Esses personagens são portadores do paradoxo da figura crística [...] do deus morto, do homem-deus abandonado pelo Deus, da criatura abandonada pelo criador, e eles têm por missão a desistência deles próprios enquanto criadores”. In: OLIVEIRA MACHADO, Regina Helena de. op. cit., p.124.

²⁴² LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.65.

A jovem retirante que quase nunca tomava atitude (explosão)²⁴³, toma a atitude de procurar a cartomante. A narrativa aponta para uma atitude de busca de Macabéa, imbuída ao que parece de uma ousadia desesperada, embora inconsciente de tal, dado ao seu estado pessoal: “estava gasta até a última lona, a boca a se colar no chão”²⁴⁴. Essa procura por uma palavra no escuro, aponta para um dos conceitos-chaves da escritura clariceana: epifania.

O narrador, desde o início do romance, deixa claro que escreve cansado de literatura, entremeando confissões, ironias, desabafos, sentimentos, gritos, sons e imagens. Tudo isso, acontecendo paralelamente ao ato de criar a vida nordestina, sua criação e destino dentro do romance. Ao sinalizar a procura de Macabéa, instaura no romance um estado em suspense, uma áurea de mágica e redenção. Ao criar essa possibilidade, só radicaliza a atitude que o caracteriza em grande parte do romance, sua atitude de se compensar em Macabéa, de se redimir pela redenção da pobre nordestina. A narrativa é o lugar da sua redenção. E esta redenção, ironicamente, pode vir numa situação absolutamente inusitada para ele, enquanto escritor erudito e cético. Entretanto, plenamente possível ao sujeito Macabéa, que possui apenas em sua vivência de negações e sofrimentos, o elemento mágico, como uma possível chance de superação e consolação de sua vida.

2.3.1 O desvelar de Macabéa

Macabéa está diante de madama Carlota, o único recurso possível à nordestina ante a sua sina de perda. A presença da cartomante, além de anunciar um tipo de modalidade mágica²⁴⁵ profundamente enraizada na vivência religiosa brasileira, reporta

²⁴³ Todas as atitudes e decisões de Macabéa dentro do romance, que são poucas por sinal, são precedidas com a expressão “explosão”, sugerindo na narrativa um efeito de grandiosidade, de confronto ao absurdo existencial a que parece destinada.

²⁴⁴ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.70.

²⁴⁵ A cartomancia é uma, entre tantas práticas mágicas de adivinhação, que tem no jogo das cartas a sua procura por revelação. Pode ser entendida como uma prática de: “... adivinhação externa, artificial ou indutiva pela observação e interpretação de sinais exteriores, enviado pelos deuses...” In: JUNIOR, João Ribeiro. *O que é Magia*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. p.24.

intertextualmente o conto *A cartomante*, de Machado de Assis. Clarice, igualmente ao autor de *Dom Casmurro*, coloca numa modalidade mágica, profusamente mal-vista e marginalizada, o meio para sinalizar vida e esperança a personagem. A cartomante é a entidade religiosa da narrativa, a porta-voz da palavra. E a recepção da figura religiosa a Macabéa, não poderia ser em melhor estilo: “O meu guia já tinha me avisado que você vinha me ver”²⁴⁶. A cartomante disfarçada por meio de um discurso de caridade cristã, mascara a realidade da sua sobrevivência de ex-prostituta, pois agora tem o *status* de “vidente”. Ela é um contraponto à não-existência de Macabéa, pois inverte pelo malogro de sua linguagem todas as negativas dadas à nordestina até agora: de “flor murcha” para “minha florzinha”, de “solitária” para “minha queridinha”. Seu nome, que era tão incompreensível e rejeitado por todos, agora passar ser visto como “muito lindo”. Antes, ironizada na escrita argúcia de Rodrigo S.M. como desprovida de um “Deus próprio”²⁴⁷, agora por meio da cartomante “estava ao lado de Jesus”²⁴⁸.

Esse jogo de palavras, expressões e afetos dá a Macabéa tudo que ela não possuía até aquele momento: nome, qualidades e, sobretudo, o favor divino. A cartomante entremeia sua linguagem com um riquíssimo e parodiante sincretismo religioso²⁴⁹, denunciando na narrativa que o ato criativo de Clarice Lispector também se traduz num ato dissimulatório. Não há em Clarice nenhuma preocupação em escrever a partir de focos predeterminados ou tradições estabelecidas. O seu ato artístico não só rompe com as regras dos gêneros, como também põe em tensão as regras de sua tradição de origem, parodia com elementos do cristianismo, e intriga seus leitores com a presença de imagens e expressões que reportam a

²⁴⁶ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.72.

²⁴⁷ “Mas o misterioso Deus dos outros às vezes lhe dava um estado de graça...”. In: Idem, ibidem. p.63.

²⁴⁸ Idem, ibidem. p.73.

²⁴⁹ “Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranjou um jeito [...] Seja também fã de Jesus porque o Salvador salva mesmo. Olhe, a polícia não deixa pôr cartas, acha que estou explorando os outros, mas, como eu lhe disse, nem a polícia consegue desbancar Jesus”. In: Idem, ibidem. p.73.

várias manifestações de religiosidade. Demonstrando, que Clarice constantemente, faz um entrecruzamento de temas, símbolos e religiões²⁵⁰.

O narrador fala em tom ambíguo, pois ironiza, ao mesmo tempo, em que se solidariza: a cartomante pediu à retirante para “cortar as cartas”, “separou um monte com a mão trêmula: pela primeira vez ia ter um destino”²⁵¹. A cartomante era para aquela pobre moça: “... um ponto alto na sua existência”²⁵². E nessa hora tão alta para a existência baixa da pobre nordestina, a vidente estupefata gritou: “ – Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!”²⁵³. É com essa frase de assombro, que a cartomante faz nascer na nordestina um sentimento de perplexidade, pois: “Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim”²⁵⁴.

A consciência existencial de Macabéa só nasce ante o poder desvelatório da palavra. Olga de Sá, em seu estudo sobre o procedimento de epifania, dirá que este conceito é:

(...) a expressão de um momento excepcional, em que se rasga para alguém a casca do cotidiano, que é rotina, mecanicismo e vazio. Mas é também defesa contra os desafios das descobertas interiores, das aventuras com o ser [...] Enfim, a epifania é um modo de desvendar a vida selvagem que existe sob a mansa aparência das coisas, é um polo de tensão metafísica, que perpassa ou transpassa a obra de Clarice Lispector²⁵⁵.

Em *A Hora da Estrela* a palavra está sob julgamento, fazendo Clarice se aproximar de Fernando Pessoa²⁵⁶. Contudo, mais do que qualquer outro texto seu, é nesta narrativa que a palavra aparece como o meio mais poderoso, para desvelar à personagem a precariedade e incongruência de sua existência. Por isto, o vaticínio da cartomante assume o lugar da

²⁵⁰ “É curioso o uso que Clarice Lispector faz das diferentes religiões na organização do seu texto, juntando o cristianismo, religião oficial e hegemônica do país, ao judaísmo, tradição em que se formou, às religiões afro-brasileiras, cujo teor popular e mágico dissemina formas que vão se enlaçar às outras, num conjunto onde ressoam os ecos e a memória de sua diferença”. In: WALDMAN, Berta. op. cit., p.22-23.

²⁵¹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.75.

²⁵² Idem, ibidem. p.75.

²⁵³ Idem, ibidem. p.75.

²⁵⁴ Idem, ibidem. p.76.

²⁵⁵ SÁ, Olga de. op. cit., p.134-135.

²⁵⁶ FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.10.

palavra de Deus. Palavra esta que até aquele momento não havia dado a Macabéa nenhuma possibilidade de contraponto, de esperança.

A narrativa mostra inúmeras vezes a presença do discurso religioso, explicitamente cristão, sendo apresentado apenas como mais um discurso entre tantos outros, a negligenciar da pobre nordestina a esperança de redenção e o confronto de sua realidade²⁵⁷. Se a palavra de Deus, também está sob julgamento, não poderia haver melhor forma para tal, do que por em confronto a linguagem e a religião do Deus cristão. Do que colocar por meio das palavras de uma ex-prostituta, a palavra reveladora, a própria salvação de Macabéa. E a eficácia da cartomante é muito evidente, pois não só falou de seu passado precário: órfã de pais, carente de carinho, alvo de pancadas da tia. Mas, a cada nova palavra, lançava a jovem a uma nova compreensão da sua vida, da sua própria condição. Não bastasse isso, a cartomante ainda revela a perda de seu namorado, como também a perda de seu emprego no futuro. Dando, assim, a possibilidade de um salto, de uma redenção para sua existência.

2.3.2. Falsa profecia ou anúncio de esperança

Como dissemos *A Hora da Estrela* discute a própria literatura, sobretudo, a sua eficácia e capacidade em alcançar aqueles que vivem às margens da sociedade, com as sobras de uma realidade de poucos. A cartomante cumpre em seu ofício tortuoso, o papel daqueles que não deram a Macabéa nenhuma palavra otimista. A vidente, por meio de sua linguagem profundamente religiosa e bíblica, desvela o recurso anfibológico tão comum aos membros de sua estirpe²⁵⁸. E anuncia-lhe em tom de explosão:

... Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a

²⁵⁷ “Outra vez, ouvirá: “Arrependa-te em Cristo e Ele dará felicidade.” Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrependia-se toda e de tudo. O pastor também falava que a vingança é coisa infernal. E então ela não se vingava”. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.37.

²⁵⁸ “A magia de adivinhação usa sempre a forma anfibológica, ou seja, a ambigüidade ou duplicidade de sentido, muito apropriada para se cometer erros de interpretação”. In: JUNIOR, João Ribeiro. op. cit., p.26.

partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra²⁵⁹.

O narrador descreve a sensação da pobre moça, que ouvia tudo como se trombetas dos céus tocassem. Sua fina descrição nota em Macabéa um sentimento até então desconhecido dela, a coragem de ser²⁶⁰. E faz ele confessar a sua própria esperança, a sua própria expectativa, pois: “Jesus enfim prestava atenção nela”²⁶¹. A cartomante profetiza que ela vai ser redimida: vai conhecer um homem rico e estrangeiro, por nome “Hans”, que se casará com ela e a salvará de seu estado de pobreza, dando-lhe uma nova vida relegada com *status* e benesses²⁶². Como bem analisa Nádía Gotlib, o homem da profecia: é o protótipo do capitalista europeu, ou seja, o paradoxo da personagem, e seria o redentor da sua vida, que lhe resgataria de seu passado de restos e infortúnios, e a tornaria um ser-no-mundo, com referências, nome e posição.

Se o romance lançava dúvidas sobre a própria palavra literária, sobre a própria linguagem religiosa, e sobre o próprio Deus, essa cena parece indicar um contraponto, pois a palavra da cartomante, entremeada com o peso da palavra de Deus, dá a Macabéa mais do que qualquer outra situação dentro da narrativa, um sentimento de ser, de consciência e, sobretudo, de esperança. Sugerindo também que na mais escusa das práticas ocultistas, a jovem nordestina parecia encontrar o anúncio de alento e salvação que tanto lhe foi privado. A cartomante é uma figura emblemática, pois assume em seu discurso o papel da religião, e transmite esperanças por meio do jogo de sua linguagem sincrética²⁶³. Pois, é por meio da palavra que ocorre a epifania de Macabéa, o desvelar de sua condição.

²⁵⁹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.76.

²⁶⁰ “Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança”. In: Idem, ibidem. p.76.

²⁶¹ Idem, ibidem. p.76.

²⁶² Idem, ibidem. p.76.

²⁶³ “O sincretismo, ponto de cruzamento de crenças, tradições e culturas, típico de um país como o Brasil, onde há uma contribuição multiétnica e multicultural, é flagrante no universo clariciano. Nesse caldo cultural, porém, as Escrituras têm lugar de destaque”. In: WALDMAN, Berta. op. cit., p.24.

O seu vaticínio tem o poder da verdade: minutos antes de atender Macabéa, havia anunciado a morte futura, de uma outra moça que havia consultado. Mas à Macabéa estava reservado o melhor, é assim que a profecia fala. Agora ela conta com o favor divino, Jesus olhava para ela. Antes tão inconsciente de Deus, agora plena de sua presença, sinalizando assim para uma das temáticas mais caras à escritura clariceana: o relacionamento homem-divindade²⁶⁴.

2.3.3. A força do nome e a explosão do destino

Como apresenta a narrativa, Macabéa sai da casa da cartomante atônita, com vontade de chorar, perplexa pela constatação da sua infelicidade existencial. Mas já era outra pessoa e, como bem medita o narrador, havia sido “mudada pelas palavras ...”²⁶⁵. É a palavra que a torna “uma pessoa grávida de futuro”²⁶⁶, possuidora de um sentido de vida²⁶⁷. O momento epifânico de Macabéa lhe faz descobridora do real, do banal da existência. Mas, como o narrador cria um recurso alarmante para descrever cada decisão que a nordestina toma, é assim que descreve, a cena mais fatídica do romance:

o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a – neste mesmo instante em algum lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho²⁶⁸.

Rodrigo S.M. em tom muito mais solidário do que irônico, fala que Macabéa ainda teve tempo de ver que as promessas já se cumpriam, pois era um enorme carro de luxo.

Como dirá, Waldman:

²⁶⁴ “A adequação do homem ao ser divino, que implica a independência e a cooperação recíproca visando um fim que não se conhece, é, no nosso ponto de vista, uma idéia presente, constante nas histórias de Clarice Lispector...”. In: SZKLO, Gilda Salem. op. cit., p.110.

²⁶⁵ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.79.

²⁶⁶ Idem, ibidem. p.79.

²⁶⁷ “Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero.” In: Idem, ibidem. p.79.

²⁶⁸ Idem, ibidem. 79.

Mas o prognóstico feliz feito pela cartomante é desmentido imediatamente, no momento mesmo em que Macabéa atravessa a rua e é atropelada por um automóvel, e a palavra humana apresentada ao leitor com o peso da palavra de Deus mostra-se em baixa. Degradada, mesclada à magia divinatória, atualizada na palavra da cartomante, é oca e sem peso a voz de Deus²⁶⁹.

A nordestina começa a viver os seus últimos e agônicos minutos de vida, os mais intensos de toda a sua vazia existência. Nasce em sua subjetividade a consciência de ser²⁷⁰. O narrador constata perplexo a voracidade da vida, mas: “Macabéa lutava muda”²⁷¹. Seu discurso perpassa a meditação sobre a condição da personagem, refutando a possibilidade da morte, mascarando-a em sua angustiante divagação²⁷². Ela, que “não acreditava na morte”²⁷³, se confronta com a personagem predileta, segundo o narrador. Macabéa repetia a confissão de sua existência: “eu sou, eu sou, eu sou”²⁷⁴. Suas últimas palavras: “Quanto ao futuro”. Sua agonia se desfecha numa profunda e violenta náusea, que após alguns momentos de confronto, desembocam na morte de Macabéa: vitória²⁷⁵. A sua consciência existencial desvela-se concomitantemente à sua morte física e tragédia pessoal. A morte revela o sentido que está escondido atrás do próprio nome de Macabéa, sentido este que ela desconhecia, e, tanto lhe custou. A palavra Macabéa também possui como referencia etimológica a palavra macabro, cujo sentido é:

Macabro: adj. Diz-se de uma dança alegórica que representa a morte. Ext. fúnebre, tétrico, afeiçoado a coisas lúgubres, 1858. Do francês macabre, de macabré, var. de macabé. Derivado de Macabeus, heróis bíblicos cujo culto estava relacionado com a morte²⁷⁶.

²⁶⁹ WALDMAN, Berta. op. cit., p.23.

²⁷⁰ “hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.” In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.80.

²⁷¹ Idem, ibidem. p. 81.

²⁷² “Vou fazer o possível para que ela não morra. Mas que vontade de adormecê-la e de eu mesmo ir para a cama dormir”. In: Idem, ibidem. p.79.

²⁷³ Idem, ibidem. p.37.

²⁷⁴ Idem, ibidem. p.84.

²⁷⁵ “Nesta hora exata sente um fundo enjôo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas. O que é que estou vendo agora e que me assusta? Vejo que ela vomitou um pouco de sangue, vasto espasmo, enfim o âmago tocando no âmago: vitória!” In: Idem. ibidem p.79.

²⁷⁶ CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, p. 485.

O nome revela o destino da pobre nordestina, e desvela o romance como um espaço literário agônico, que caminha para fragmentação total. No final, o narrador morre junto com a personagem, ele que estava atrelado à sua existência. É o fim da narrativa, que assume caráter de palavra radical. E, por fim, é a morte da própria autora Clarice Lispector, que morre meses depois de ter publicado a obra e, sinaliza com sua autoria na dedicatória do texto, a sua participação na narrativa. Travestida como um autor masculino, ela tenta se esconder, mas fracassa, pois ao final, não alcança seu objetivo: Macabéa, seu próprio heterônimo.

A Hora da Estrela se configura com seus treze títulos, como um texto pluritemático, com excesso de referências e debates. Polissêmico, pois põe em tensão a própria linguagem, o próprio discurso literário, como objeto de representação e debate sobre o ser. Sobretudo, a narrativa é o desfecho agônico da existência, que coloca uma palavra última, uma pergunta inevitável: “... não preciso ter piedade de Deus. Ou preciso?”²⁷⁷.

(...) *A Hora da Estrela* acha-se mergulhado no desassossego da ausência de sentido de tudo e de todos [...] O narrador-escritor está diante da morte de Deus enquanto horizonte de sentido no homem e para o homem e, ao mesmo tempo, padece da figura poderosa do Criador. Vai ele, então, vasculhar a sua interioridade que, no entanto, sempre lhe escapa. Vai ele indagar o sentido da existência de Macabéa e sua tosca manifestação de vida²⁷⁸.

Esse inescapável questionamento que propõe esse midrash contemporâneo, revela o grito dos marginalizados dentro de uma sociedade de poucos, demonstra o profundo sentimento de culpa e constrangimento do narrador (escritor moderno) frente à precária realidade da personagem, a ponto de o levar a retomar a narrativa a todo instante, para fazer vir à luz a vida de Macabéa. Por último, desvela a saga bíblica dessa mulher, pobre e nordestina, exilada na Babilônia dos tempos modernos, vivendo os infortúnios do esquecimento divino. Revelando assim que, ao contrário de seus ascendentes macabeus, sua

²⁷⁷ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.84.

²⁷⁸ FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.9.

sina não é de vitória e sim de derrota, aprofundando o caráter trágico da narrativa. Porém, por meio do jogo de extremos que ondula a obra de Clarice, um aspecto de magia, uma sonoridade de esperança, se desvela na luta sofrida e silenciosa de Macabéa, em sua agônica e inconsciente mística de resistência, que é vivida por ela até o instante final, até a sua hora de estrela.

CAPÍTULO III

CRÍTICA, MÍSTICA E CONFISSÃO

Desde as primeiras linhas de nossa pesquisa estudo, deixamos claro que nossa intenção é possibilitar um diálogo. Reconhecemos, desde então, o enorme grau de dificuldade que enfrentaríamos, sobretudo, porque nos situamos numa intersecção extremamente complexa: o mundo da literatura e os estudos de religião. Como a cautela deve ser companheira do investigador, atentamos em nosso estudo o cuidado em peregrinar no mundo ficcional de Clarice Lispector, atinando para que em nenhum momento a encapsulássemos a um conceito ou definição que a abarcasse de forma arbitrária ou, pior ainda, a sintetizasse, fazendo desvanecer sobre o engodo da palavra, o grau de complexidade e mistério que tem a autora de *A Maçã no Escuro*.

As palavras acima podem sugerir estranheza, no entanto, são idéias-chaves que se expressam a partir da própria leitura do texto clariceano. Por certo, não são os únicos, mas, são os que mais atendem nosso objetivo em perceber os retratos e experimentos do sagrado e do religioso na trama literária de Clarice Lispector. Se no segundo capítulo focalizamos a personagem, o que agora pretende-se é um diálogo a partir de alguns temas que se evidenciam em *A Hora da Estrela*. Para tanto, indispensável será assumir o caminho da interdisciplinaridade, de um diálogo dos saberes: teoria literária, teologia e estudos de mística e religião. Não pretendemos uma discussão ampla, ao invés, assumimos a modéstia

das poucas linhas sem renegar a busca pela profundidade. Dessa forma, tentaremos demonstrar que não se passa pelo mundo de Clarice Lispector sem passear pela trincheira dos saberes, e superar os estanques epistemológicos da modernidade²⁷⁹.

3.1. O espaço da vida e a crítica à religião

Nosso embate com o texto clariceano acontece num confronto de idéias, num conflito de interpretações e num debate de temas. Por seu aspecto polissêmico e pluritemático, a sua narrativa nos impõe alguns paradigmas a serem seguidos. É preciso escolher um caminho, e a escolha reside num dos seus mais difíceis eixos: a religião, o retrato do sagrado em sua narrativa. Como em Clarice tudo ganha outra relevância, fazendo com que os pequenos e grandes temas da existência se equiparem num mesmo patamar, isso claramente situa a noção de existência no texto clariceano como um tema *in extremis*, decidido e vivido visceralmente no cotidiano da vida²⁸⁰.

O debate que o tema da religião proporciona, a partir de *A Hora da Estrela*, é visto como uma amostragem do olhar clariceano em torno do problema humano em sua crueza mais intensa. O romance não pode ser entendido apenas como uma paródia social e regionalista, sem se tomar como ponto maior a discussão que envolve a obra da autora, a questão da condição humana. Ao discutir sobre o ser, Clarice perpassa em todas as dimensões, desvelando feixes de sua visão de ser humano, de mundo e de Deus. O último romance da autora ganha relevância justamente por isso, por focalizar o problema da

²⁷⁹ “A forma como a literatura foi colocada sob suspeita como fonte de saber sobre as dimensões mais profundas do ser, no caso da filosofia; como interpretação coerente sobre aspectos da manifestação do sagrado na história, no caso da teologia; e como análise dos mecanismos sociais e de seus grupos, no caso da sociologia, aponta para questões de fundo sobre o tipo de conhecimento erigido como normativo dentro de uma determinada compreensão de ciência na história do Ocidente”. In: MAGALHÃES, Antonio. op. cit., p.68.

²⁸⁰ “Na hipótese de Macabéa ser lida como o elo de uma cadeia partida, o romance que a conta também se mostra desarticulado. Tocados pela feiura e pequenez da protagonista, os grandes temas se amesquinham, embora o contrário também seja verdadeiro. As perguntas tolas e mal formuladas da personagem a respeito do que a palavra alcança dizer, por exemplo, são retomadas em outra instância da narrativa transformando o pequeno e o grande em escalas relativas e intercambiantes...”. In: WALDMAN, Berta. op. cit., p. 25.

pobreza humana numa dimensão muito mais profunda²⁸¹. Trazendo à tona uma gama de signos e referências, que entretecem numa só tessitura literária problemas sociais, questões estéticas, dilemas metafísicos e um apelo incomparável a um sentido e resposta à vida humana, que, inevitavelmente, se encontra para além de si. Tudo isso é claro, imiscuído a uma profunda e instigante ira dessacralizadora, que impõe as representações da religião institucional uma profunda e pertinente crítica.

É num jogo entre belo e jocoso, entre crítica e apelo, que se conjugará o *modus operandis* de *A Hora da Estrela*. Desvelando o aspecto ambíguo da obra literária²⁸², seu descompromisso com a “verdade” enquanto instituto arbitrário ou ideológico²⁸³. Fazendo vir à tona, a cada linha e entrelinha no texto, o jogo da linguagem, que ora a leva à busca da salvação pela arte e ora demonstra o caráter demoníaco da palavra²⁸⁴. Por tematizar a crise do ser humano, configurando-a como um dilema que está intimamente relacionado com Deus, e, por conseguinte, com todas as representações de sua presença, no caso, a igreja, Clarice se situa muito bem ao lado dos grandes escritores do século XX, que focalizaram o embate em que vive o homem moderno²⁸⁵, em sua busca por um horizonte e sentido, num tempo marcado por fatalidades mundiais e perda dos referenciais simbólicos constitutivos do humano.

²⁸¹ “Como se vê, a pobreza de Janair (A paixão segundo G.H.) é acentuada neste romance. Embora a pobreza se traduza no desemprego, na falta de bens materiais, no deslocamento do nordestino vivendo no sul do país, ela implica um estado de carência mais amplo. É como o humano desnudada que Macabéa vai ser apresentada: resumida a si mesma, carente de origens...”. In: WALDMAN, Berta. op. cit., p.93.

²⁸² “Na verdade, o Deus apresentado pelos autores da literatura distancia-se do Deus apresentado pela Igreja, pois, na literatura, assume-se a ambigüidade e as contradições dentro da experiência de fé, enquanto a fala conceitual da teologia sobre Deus procura justamente superar e dissipar toda e qualquer ambigüidade”. In: MAGALHÃES, Antonio. op. cit., p.141.

²⁸³ “O termo verdade, quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com freqüência qualquer coisa como a genuidade, sinceridade ou autenticidade [...] ou a verossimilhança [...] ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade”. In: ROSENFELD, Anatol. op. cit., p.18.

²⁸⁴ Conf. MARTINS, Gilberto Figueiredo. *Culpa e Transgressão*. Revista Cult. São Paulo: Lemos Editorial, dez/1997, p.51.

²⁸⁵ “Em boa parte, a literatura do século XX aponta para a própria crise de consciência histórica que se dá dentro da modernidade em relação a Deus e ao dogmatismo das Igrejas”. In: MAGALHÃES, Antonio. op. cit., p.141.

3.1.1. O fracasso dos símbolos

Persiste em toda as linhas de *A Hora da Estrela* o deflagrar de ironias, confissões e perguntas que põem em destaque o aspecto de questionamento do livro: “Este livro é uma pergunta”²⁸⁶. Aliás, toda a obra de Clarice Lispector se calca em interrogações fundamentais²⁸⁷. A narrativa é o campo de batalha onde autora, narrador e personagem confluem seus desencontros com a palavra, com o outro e consigo mesmo. Isso se evidencia na tensão simbólica da própria narrativa, que recebe várias definições ao longo do texto: “relato”²⁸⁸, “escritos do corpo”²⁸⁹, “fotografia”²⁹⁰, “desabafo”²⁹¹. Essas definições não só põem em discussão os gêneros literários, mas, além disso, trazem para dentro da narrativa o drama dos desencontros humanos. Narrador, personagem e autora, estão dentro de uma mesma realidade ficcional de problematização da linguagem. Há um clima de nostalgia da palavra²⁹², que instaura um descenso do simbólico, um esvaziamento da narrativa, uma impossibilidade de experiência do numinoso. O descompasso existencial da personagem é um acontecimento que assume feições de tragédia. A via de incapacidades de Macabéa torna-a incompetente para ler, compreender e experimentar tudo que era possível para fazê-la um “animal simbólico”. Neste sentido, podemos dizer que ela não conseguia transcender sua vida precária, pois não reconhecia os símbolos constitutivos do ser humano, aqueles que falam de nossa condição e expressam os mistérios mais profundos do nosso ser²⁹³.

²⁸⁶ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.17.

²⁸⁷ Conf. SOUSA, Carlos Mendes de. op. cit., p.169.

²⁸⁸ “Bem, é verdade que também eu não tenho piedade de meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio.” In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.13.

²⁸⁹ “Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é névoa úmida”. In: Idem, ibidem. p.16.

²⁹⁰ “Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda...”. In: Idem, ibidem. p.16.

²⁹¹ “Como é chato lidar com fatos, o cotidiano me aniquila, estou com preguiça de escrever esta história que é um desabafo apenas...”. In: Idem. ibidem. p.72.

²⁹² “Mas a realidade da repugnância por palavras dos enunciadores de Clarice e de Beckett não é total, pois apesar de o silêncio ser aclamado, tais figuras não conseguem viver só de mudez. Depois de algum jejum verbal, a nostalgia da palavra logo os assalta, fazendo com que se dêem conta do valor e da necessidade de seu uso”. In: GALHARTE XAVIER, Júlio Augusto. op. cit., p.73.

²⁹³ “... o símbolo toca em núcleo, pontos internos nossos que remetem a campos e áreas profundos e amplos. Esses campos são os lugares que contém histórias que um dia vivemos, imagens que criamos, emoções que tivemos, e, ao serem tocados, ressurgem e expressam nossos mistérios de vida/morte”. In: NASSER, Maria Celina de Q. Carrera. *O que dizem os símbolos?* São Paulo: Paulus, 2003. p.6.

Esse desprovimento simbólico da narrativa se expressa no tom de desencanto e de ironia dessacralizadora dos hábitos religiosos praticados inconscientemente por Macabéa:

Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém (...)²⁹⁴.

Ou ainda, quando diz: “... Ela rezou automaticamente em agradecimento. Não era agradecimento a Deus, estava só repetindo o que aprendera na infância”²⁹⁵. Ironia, sátira, ou ainda, banalização, mas acima de tudo, confissão de um fracasso. Os hábitos inconscientes praticados pela personagem não lhe dão ciência de sua condição, de seus mistérios e dramas. Rubem Alves, em seu livro *O que é Religião?*, diz que a religião é um dos fios que estruturam o cotidiano humano²⁹⁶, essa teia indispensável à estrutura antropológica humana, é violentamente problematizada no romance. Essa é um das linhas mestras de nossa leitura do romance, não dá para pensar o fracasso da linguagem, o repúdio à palavra, de forma desconexa, sem se dar conta do problema religioso que caracteriza o homem moderno. O fracasso da palavra é também uma profunda confissão de um desencanto cosmológico, uma dessacralização da força simbólica da religião. A denúncia social que a obra apresenta, desvela uma existência que não foi alcançada pelo “consolo da religião”, o que se expressa no tom de culpa e perdição do próprio texto, e também da própria autora²⁹⁷. Esse desconolo que caracteriza autora e personagem, pode ser entretecido na narrativa, quando Macabéa

²⁹⁴ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.34.

²⁹⁵ Idem, ibidem. p.55

²⁹⁶ “Mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre para panoramas externos, é como um espelho que nos vemos. Aqui a ciência da religião é também ciência de nós mesmos...”. In: ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, p.13.

²⁹⁷ “Não lhe sendo destinado o consolo da punição previsto pela crença religiosa institucionalizada, Clarice sente-se culpada com frequência: imputa-se tal condição em relação às empregadas, as quais julga explorar; acusa-se pelo “amor torto” aos filhos; pune-se por estar se traindo ao fazer da escritura um ofício, escrevendo em jornais para ganhar dinheiro...”. In: MARTINS, Gilberto Figueiredo. op. cit., p.51.

não consegue perceber os símbolos religiosos imbricados no seu cotidiano. Símbolos que não assumem na dinâmica da sua vida, expressões desveladoras do infinito²⁹⁸. Como já pontuei anteriormente, o romance é assumido como um midrash, ou seja, um comentário/questionamento sobre a vida da retirante dentro da realidade da cidade grande. O fracasso que nela se evidencia, também caracteriza o narrador da história: “Quando eu rezava conseguia um oco de alma – e esse oco é tudo que posso eu jamais ter”²⁹⁹. A narrativa é caracterizada por essa “marca de nostalgia” que lança para longe de autor/narrador/personagem a experiência dos sentidos, a transcendência dos atos. Tudo estava num outro tempo e estado, muito provavelmente o “tempo das origens”, lançando a narrativa e, porque não dizer toda a obra de Clarice, numa busca do tempo ideal (o éden), que não se encontra mais. Este aspecto, além de demonstrar um misticismo primitivo no texto, deflagra aos olhos dos leitores o aspecto de frustração que consterna toda a narrativa, levando o narrador a dizer: “... quero experimentar pelo menos uma vez a falta de gosto que dizem ter a hóstia. Comer a hóstia será sentir o insosso do mundo e banhar-se no não”³⁰⁰.

A autora de origem judia, que se insinua na história como um narrador/homem, lança para muito além da discussão de gênero uma outra questão: o debate das representações sociais, das práticas cotidianas e dos atos simbólicos do dia-a-dia. O narrador cético deseja comer o pão da comunhão cristã, não para sentir a transcendência do símbolo, ao contrário, quer constatar a derrocada dos ritos e o “desgosto” da religião. Não há comunicação de sentidos, nem pronunciamento de esperanças e, talvez por isso, o narrador se assuste tanto ao ver/escrever que apesar de toda precariedade da vida de Macabéa, parecia haver nela uma espécie de crença: “Pois, por estranho que pareça, ela acreditava”³⁰¹. Essa perplexidade de Rodrigo é uma radicalização da narrativa. Pois, se de um lado ela parece ter um suposto

²⁹⁸ “Os símbolos religiosos valem-se da realidade infinita para expressar a nossa relação com o infinito”. In: TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992, p.89.

²⁹⁹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.55

³⁰⁰ Idem, ibidem. p.19.

sentimento de “fé”, isto é, uma aparente atitude positiva frente ao quadro de negativas da sua vida, por outro, constatamos a alienação radical da personagem, da consciência de si e, mais ainda, da possibilidade de transcendência da vida humana. “... Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia”³⁰².

A crise da literatura, a ineficácia da palavra, lança outra discussão, o fracasso dos símbolos e a sua incapacidade de comunicar sentidos à vida humana. Macabéa é desprovida das coisas que a tornariam humana, é desassistida das possibilidades de experiência do belo, do transcendente e do numinoso. Apesar de fazer as perguntas necessárias à sua vida, de praticar atos capazes de transcender e alterar sua condição, seus atos religiosos não passam de atitudes banais, inconscientemente praticados no entremeio do cotidiano. Não alcançam sua interioridade, muito menos sua realidade social. Por isso, concordamos com Suzi Sperber, quando diz que:

Clarice Lispector apresenta a estrutura interna do ser humano massacrado. Com este, processo aparentemente de pura introspecção e de pura fabulação filosófica, ela questiona o mundo organizado e a cultura dominante, resgatando do preconceito os ofendidos e humilhados³⁰³.

O fracasso simbólico que paira a narrativa é a constatação de uma subjetividade massacrada, de uma existência negada. Essa derrota simbólica tem como pano de fundo uma denúncia, uma crítica radical a todos os valores e alicerces que fundamentam a sociedade moderna, a realidade de Macabéa. A denúncia social do romance se amplia, por ser uma palavra radical à religião em que se forjou e ainda se fundamenta essa sociedade. Em outras palavras, a narrativa parece ser um não ao cristianismo e suas idiossincrasias. É essa denúncia que suscita de nós melhor e maior compreensão dentro do romance.

³⁰¹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.39.

³⁰² Idem, ibidem. p.34.

³⁰³ Suzi Frankl SPERBER apud SÁ, Olga de. op. cit., p.225-226.

3.1.2. Crítica à religião

Como já dissemos, não queremos enclausurar Clarice em termos, conceitos e muito menos dentro de um grupo religioso. Até porque isso seria impossível, primeiro, porque o que nos interessa aqui é o texto-obra como desvelador de um mundo e realidade própria, que independe da biografia ou história psicológica de seu autor. Segundo, porque em Clarice não há nenhuma explícita adesão à religião³⁰⁴, era judia, mas não era nenhuma fervorosa atuante da comunidade judaica. O que há, e isto sim parece ser a grande característica que persiste ressoante em sua obra é o de viver a tensão do mistério, a polaridade entre ser e não-ser, o dilema entre imanência e transcendência. Será essa grande característica, que polarizará as falas do narrador, que vive a tensão entre belo e jocoso, entre literatura e populacho, entre vida e morte³⁰⁵. Esse conflito é vital em todo o percurso da narrativa e marcará a forma como a personagem é vista, como o próprio narrador se enxerga e como a própria obra se revela. Como nos lembra Clarisse Fukelman:

Em meio à tensão entre homem e mundo é que surge o debate em torno da palavra [...] O narrador-escritor está diante da morte de Deus enquanto horizonte de sentido no homem e para homem e, ao mesmo tempo, padece da figura poderosa do Criador³⁰⁶.

O ceticismo do narrador burguês é confrontado com seu desejo de alcançar a vida miserável da nordestina. Nesse entremeio de desejos e frustrações é que a narrativa se inscreve, como um desabafo, o expurgo de uma consciência martirizada pelo drama da culpa e da responsabilidade. Essa sensação, que se nota a cada linha de *A Hora da Estrela*, amplia e aprofunda o processo de fracasso de simbólico, levando a um espécie de crítica a

³⁰⁴ “Não há possibilidade de se chegar a uma precisa conclusão sobre suas crenças religiosas – a dúvida aflora sempre no limiar de sua conversão – mas, sim, ao seu itinerário espiritual, claro e positivo, em quase toda a sua obra. As confissões, as contradições, o contínuo recorrer ao tema, fizeram com que algumas pessoas e críticos a considerassem como uma grande mística de nossa época”. Conf. BORELLI, Olga. *A difícil definição*. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.254.

³⁰⁵ Conf. NUNES, Benedito. op. cit., p.161.

³⁰⁶ FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.10.

todos os sistemas simbólicos do fazer humano: literatura, arte, e, porque não, a própria religião.

Se a narrativa não poupa a própria literatura, não deixaria por menos com a religião, atestando o olhar sombrio que se lança ao ser humano, e o descobrimento de sua incômoda e trágica condição. Macabéa ouve em seu rádio relógio palavras e informações interessantes que poderiam revelar a sua situação, e torná-la cônica de sua história. Ao contrário disso, a ficção escancara a derrocada da linguagem e da própria comunicação humana, pois não se estabelece na vida da personagem teias de significados.

Outra vez. ouvirá: “Arrependa-te em Cristo e Ele te dará felicidade.” Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrependia-se toda e de tudo. O pastor também falava que a vingança é coisa infernal. Então ela não se vingava³⁰⁷.

O rádio relógio é porta-voz das palavras mais importantes da sua existência, e também, o atestado de sua alienação. Ouvir a palavra da religião, ainda que lhe provoque medo, só radicaliza seu processo de confinamento existencial, de inércia frente a sua tragédia pessoal. Não saber o significado da palavra “arrependimento” é mais um indício não só da incapacidade comunicativa da religião, mas também de mais uma oportunidade perdida, pois “arrependimento”, circunscreve justamente, consciência frente aos atos de sua vida e disponibilidade de conversão (*metanóia*): mudança de caminho, o que não acontece com Macabéa. Além disso, o aspecto moroso de Macabéa atesta o caráter repressor da religião institucional: “... O pastor também falava que a vingança é coisa infernal. Então ela não se vingava”³⁰⁸.

Além de usar, como bem se explicita na narrativa, a imagem forte e contundente das religiosidades pentecostais, com sua típica pregação conversionista, demonstrando mais uma vez, que Macabéa é marcada pelos limites do seu mundo, da sua realidade social. Por

³⁰⁷ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.37.

³⁰⁸ Idem, ibidem. p.37.

ser o pentecostalismo uma religiosidade que se configurou com forte presença na periferias das grandes cidades brasileiras, em grande parte, o único espaço onde é alternado aos participantes, as insignificâncias do cotidiano, onde lhe é dado *status* de membro e, sobretudo, de pessoa humana.

Contudo, o que se nota de mais veemente na obra de Clarice Lispector, é a terrível consciência de impossibilidade da redenção humana³⁰⁹. Em outras palavras, não há consolo para autora e personagem, nenhuma palavra é suficiente. Podemos ver isso na dessacralização da palavra da religião no episódio da cartomante. O desfecho trágico desmente violentamente a profecia anunciada, a personagem, assim como toda a narrativa, se inscreve como um sensação de perda, desassistida até no último momento pelo Deus que parecia falar por aquela vidente. Por isso, concordamos com Waldman, quando diz que:

(...) não há mais vínculo entre esse deus indigno de confiança que fala através da cartomante, e sua criatura. Assim, corta-se a pertença a todo um passado, pondo a perder um sentido projetado que inclui uma promessa em relação ao futuro. Sobra apenas o presente ralo desgarrado do dia-a-dia pelos galos que avisavam mais um repetido dia de cansaço e pela Rádio relógio que pingava cada minuto do dia, presente sem amarras com um antes em um depois, configurado com o instante fragmentário impossibilitado de reabilitar uma totalidade perdida³¹⁰.

É esse tom de desencanto que se anuncia na obra, deixando muito claro seu aspecto de panfleto e de manifesto. Ao retratar os gestos religiosos inconscientemente praticados, além de refutar o aspecto simbólico dos atos, o autor ficcional expressa o seu grau de ironia e descrença com o Deus que se esconda por trás destas práticas: “... A quem interrogava ela?

³⁰⁹ “Nascida na Ucrânia e brasileira por opção, Clarice Lispector morou alguns anos em Recife, estudando em colégio judaico, assimilando – na escola e com a família – preceitos inerentes a toda formação religiosa. Desde cedo, como mostra a pungente confissão que abre este ensaio, conheceu o sentimento de culpa irremissível, desenvolvendo na maturidade a consciência da impossibilidade de redenção do homem pela via dos artificiosos paraísos espirituais futuros e das engenhosas fontes de consolação”. In: MARTINS, Gilberto Figueiredo. op. cit., p.48.

³¹⁰ WALDMAN, Berta. op. cit., p.26.

a Deus? Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus”³¹¹.

Desdenha:

Ela rezou automaticamente em agradecimento. Não era agradecimento a Deus, estava só repetindo o que aprendera na infância ³¹².

Ironiza:

Depois pediu perdão ao Ser abstrato que dava e tirava. Sentiu-se perdoada. O Ser a perdoava de tudo ³¹³.

Radicaliza:

O rinoceronte lhe pareceu um erro de Deus, que me perdoe por favor, sim? Mas não pensara em Deus nenhum, era apenas um modo de ³¹⁴.

O narrador Rodrigo S.M. é a voz de Clarice, que expressa o seu tom de crítica e denúncia de toda força alienatória da realidade. Sobretudo, das forças e fundamentos que são imprescindíveis para a constituição da sociedade, que marginaliza Macabéa de todas as possibilidades de ser. Neste sentido, denunciar a realidade também é criticar o “Deus” em que ela se fundamenta. Ao contrário da crítica burguesa e estética do existencialismo, *A Hora da Estrela* assume com tom de urgência e pobreza literária, o dilema do desfavorecimento divino, da descrença, do desejo, do sarcasmo e do grito. O narrador, a exemplo do profeta bíblico, sofre de uma nostalgia de Deus ³¹⁵. As suas palavras radicais e irônicas sobre o Deus da religião institucional, ao contrário do que aparenta, escondem na verdade suas últimas expressões de esperanças. O autor ficcional, ainda que abismalmente

³¹¹ LISPECTOR, Clarice. op. cit, p.26.

³¹² Idem, ibidem. p.55.

³¹³ Idem, ibidem. p.66.

³¹⁴ Idem, ibidem. p.55.

³¹⁵ “Onde está ele? Onde está ele? Pergunta estranha para um profeta. Não há dúvida de que este profeta sabe que as coisas mudaram desde os tempos de Moisés, como também sabiam os narradores deste mesmo período nos livros dos Reis e de Esdras. E em tom nostálgico que o profeta fala a Deus de seu desejo de que Ele voltasse a Se fazer conhecer através dos milagres como naqueles velhos tempos”. In: FRIEDMAN, Richard Elliot. op. cit., p.84.

distante da personagem, quer salvá-la a todo custo. O criador da história, da mesma forma que o Deus do judaísmo e cristianismo, quer salvar sua personagem, ao ponto de confessar sua angústia: “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria salvação”³¹⁶.

Rodrigo (Clarice) demonstra o seu desencanto com as forças da própria sociedade: cultura, educação, religião, arte etc. Mas não consegue esconder o seu desejo de salvação, de redenção da personagem, o que parece ser a última possibilidade da própria nordestina, ser salva por seu próprio autor/criador, ser salva pela arte, como dirá alguns estudiosos de Clarice³¹⁷, salvação que não esconde seu aspecto religioso, sua relação com o transcendente. Como nos lembra Gilda Salem Szklo, a idéia de redenção é uma obsessão tanto ao judaísmo, quanto a Clarice, o que revela seu fascínio por demonstrar o caráter incorrigível da vida, e seu desejo de redimí-la.

Esse aspecto marca as suas narrativas, especialmente em *A Hora da Estrela* levando o autor a reconhecer desde o início a sua própria dificuldade e, por fim, o próprio fracasso. O destino do narrador está atrelado ao destino de Macabéa. Neste sentido, liberdade e livre-arbítrio³¹⁸ são conceitos-chaves questionados radicalmente na obra, pois ambos estão “marcados” por seus destinos ficcionais. Questionar os valores constitutivos da existência humana, sobretudo, estes que estão profundamente ligados à própria idéia de ser humano construída ao longo dos séculos pelas religiões monoteístas, especialmente, o cristianismo. Pode ser a expressão de não só querer compreender o ser humano em sua face mais nítida, em sua situação mais inumana. Mas, além disso, pode ser o desejo radical de um novo

³¹⁶ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.33.

³¹⁷ “... Sem a imanência da matéria, a transcendência da forma não se faz. Mas sem transcendência não há sequer a consciência da imanência. Sem vida, não existe literatura. Mas a literatura é o modo de salvar, para a eternidade da arte, a vida que constantemente se esvai no fluxo do tempo que tudo consome. Com sua arte, Clarice se salva e nos salva. Salva-nos do estereótipo ideológico que asépticamente classifica, separa, exclui...”. In: PONTIERI, Regina. op. cit., p.28.

³¹⁸ Conf. MARTINS, Gilberto Figueiredo. op. cit., p.48.

ethos, uma nova forma de se conceber o humano, o que coloca a narrativa como um texto revolucionário.

O romance expressa seu ápice de problematização da religião, quando coloca numa cartomante o papel de tirar o véu existencial da nordestina. O discurso sincrético, as palavras consoladoras, o tom monocórdio e a presença do divino, tudo isso, joga para a cena da cartomante e suas previsões devastadoras com o desfecho trágico que se seguiu, um não-radical à palavra da religião e, por que não dizer, a própria palavra de Deus. Nas palavras de Waldman, a palavra de Deus é desmentida visceralmente, o que demonstra a ineficácia dos meios religiosos em revelar e alterar o estado de alienação de milhares de pessoas, e, ainda, denuncia o esvaziamento dos valores religiosos como fundamentos de uma sociedade, que se conjuga em sua dinâmica, de forma violenta e assoladora. Macabéa tem apenas a hora última como o único instante de glória, como o único momento de transcendência³¹⁹.

A Hora da Estrela é e sempre será um desafio aos leitores e estudiosos de Clarice, por se tratar de um texto-obra que chama a atenção para vida do pobre sertanejo na cidade grande. Contudo, mais do que debate social, a narrativa problematiza relações humanas, inscreve dilemas existenciais e, acima de tudo, deflagra a via dolorosa de um ser deslocado numa realidade de morte, uma nordestina que desde o início aparece como “cabra marcada para morrer”. Tal sina, só é contraposta por uma estranha mística do sofrer, um enigmático aspecto que parece soprar a Macabéa o seu único alento em sua dolorosa agonia.

³¹⁹ “A morte de ambas as Marias, em Clarice Lispector em J.E. Eielson, não representa simplesmente um atropelamento simbólico da modernidade. A morte violenta de María e de Macabéa quebra, de um lado, o idílio pastoral e de outro, as ilusões triviais de Macabéa. A morte é única possibilidade e ao mesmo tempo é a necessidade de ultrapassar o limite de seu ser e encontrar a realização. Ele não é tragédia, mas sim redenção.” Conf: NITSCHACK, Horst. *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector) e *Primera Muerte de María* (Jorge Eduardo Eielson): Superação de uma estética da mimesis. In: PONTIERI, Regina (org.). op. cit., p.229.

3.2. Nos caminhos de Scholem

Trilhar a via do diálogo é complexo e em nosso caso, se complica ainda mais. No entanto, é impossível fugir de tal desafio quando se está diante do texto de Clarice Lispector. Evocando as palavras de Massaud Moisés, é o texto que suscita a teoria a ser utilizada³²⁰. E a narrativa clariceana é um universo ficcional amplamente multivoco e polissêmico, alcançando todas as dimensões do existir humano. Suscitando sempre as mais diferentes abordagens e teorias. Neste caminho, filosofia e mística sempre estiverem presentes à mão dos estudiosos da autora. Parece contraditório, e o é com certeza, como nos lembra Olga de Sá: “Os limites entre filosofia e mística são conhecidos. A filosofia não pode ultrapassar o âmbito racional, e é característica da mística ultrapassá-la e não saber exprimir o êxtase”³²¹. Essa delimitação de Sá fica mais clara quando acrescentamos que o texto de Clarice inscreve um permanente elemento de tensão, uma polarização entre palavra e silêncio. A lógica do texto clariceano não se permeia pela lógica dos sentidos e dos conceitos, tal como figura em nossa mentalidade cartesiana.

Em nosso caso, além de filosofia e mística, incluiremos como saber dialógico a teologia. Como já afirmamos, não pretendemos trabalhar com a teologia dogmática reinante nos setores conservadores das igrejas cristãs, ou ainda, a especulação vazia das teologemas fundamentalistas. Falamos da teologia como busca, no dizer de Waldecy Tenório³²², da teologia que, ao lado da literatura, expressa o comum e o mistério da vida humana, sua realidade, bem como, sua transcendência³²³. A teologia, não como verdade absoluta como se figurou na escolástica, mas da teologia como um saber imbricado nas teias simbólicas da

³²⁰ MOISÉS, Massaud. Op. cit., p.21.

³²¹ SÁ, Olga de. op. cit., p. 281.

³²² “É de outra que se fala, como aos poucos se verá. Direi provisoriamente que seu rumo é outro, é o da *fides quaerens intellectum*, de ressonância agostiniana. Em outras palavras, uma teologia da busca”. In: TENÓRIO, Waldecy. op. cit., p.37.

³²³ MAGALHÃES, Antonio. op. cit., p.179.

existência humana e, que vê em outros saberes possíveis parceiros em seu intento em compreender o mistério mais profundo de nossas vidas³²⁴.

Por ser diálogo, necessário se faz considerar caminhos percorridos por estudiosos que já se debruçaram sobre o tema que elegemos compreender. Por isso, o nome de Gershom Scholem, aparece em destaque no escopo de nosso trabalho. Com certeza, não há pesquisador que tenha feito mais esforço que Scholem em entender e caracterizar os movimentos místicos judaicos. Scholem era judeu, o que nos faz lembrar, que todos de uma certa forma estão configurados por sua tradição. Contudo, a preocupação do estudioso não era meramente religiosa, mais do que isso, sua preocupação é existencial. Ele quer entender como a mística judaica foi essencial para a própria sobrevivência do judaísmo. Esse esforço lhe rendeu o apelido de “o contador”, dado por seu grande amigo, Martim Buber³²⁵. Nosso intento é dialogar a partir de algumas referências fundamentais ao misticismo judaico. No entanto, ao contrário de Scholem, nosso foco não é histórico e, sim, literário. Queremos entender quais as ressonâncias da tradição judaica no texto de Clarice Lispector. O texto que estamos analisando, em suas múltiplas preocupações e temas, esconde aparentemente dos olhos do leitor uma possível evidência do caráter religioso e místico. Em outros textos da autora essa tensão se experimenta de forma clara, como no conto *Perdoando Deus*. Todavia, quando inscrevemos nossa leitura e percepção do romance, a partir do pressuposto que a questão social não pode ser desvinculada do problema da religião, o fazemos a partir das evidências internas do texto, daquilo que as suas entrelinhas nos permitem ver e sentir.

Em outras palavras, o dilema que entretetece toda a narrativa, em seus múltiplos aspectos e nuances, não nega como leitura o drama místico da escrita. Se trata de um dilema místico, porque entreve num mesmo patamar; linguagem, texto e vida. E constantemente

³²⁴ “É também uma dinâmica textual na relação entre teologia e literatura, permitindo que ambas se pertençam na interpretação do mistério e do sentido mais profundo de nossas vidas”. In: Idem, *ibidem*. p.207.

³²⁵ Conf. BOGOLOMETZ, Davy. O misticismo judaico: um cartão de visitas. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004, p.229.

coloca a estas a pergunta pelo sentido de ser. Essa tensão alcança e penetra em todas as dimensões da existência, daí o seu caráter plurifocal mas, além disso, sinaliza uma cadeia interna de sentidos e etapas que só podem ser descobertas ao adentrar os muros escondidos da ficção. A exemplo do texto sagrado, o texto clariceano deve ser cuidadosamente observado e estudado, até se chegar as possíveis verdade e sentido do texto³²⁶. Talvez seja por isso que Affonso Romano de Sant’ana observou que *A Paixão Segundo G.H.*, poderia ser lido como uma escritura sagrada³²⁷. A narrativa clariceana não nos propõe explicações, ao contrário, nos explícita angústias e desafios, desabafos e embates, em busca do próprio sentido da existência humana e dos valores e símbolos que a representam: a linguagem, o texto e a palavra.

3.2.1. O problema da linguagem

Falar de mística judaica é se embrenhar num problema de linguagem. Essa característica é, na verdade, fundamental ao judaísmo num todo. Berta Waldman define o judaísmo como um drama da linguagem, e isso ocorre por uma série de fatores, especialmente e, porque não dizer, sobretudo, pela forma que a própria teologia judaica desenvolveu a sua compreensão de Deus³²⁸. Sobre esse tema, as considerações feitas por

³²⁶ “A partir desta perspectiva, a figura que Scholem chama de “aquele que busca a verdade” deve se submeter ao poder do texto, da mesma maneira que o copista de Benjamin, que se dobra ao seu comando. Como consequência, não resta muito espaço para o desenvolvimento de um discurso autônomo, que não esteja diretamente subordinado à autoridade do texto revelado: O comentário [a ênfase é de Scholem], e não o sistema, é a forma legítima de se chegar verdade”. In: ALTER, Robert. *Anjos Necessários: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.117.

³²⁷ “... A linguagem de conteúdo religioso e místico mantém uma estrutura hierática. Hierática significando o sagrado, o elevado, mas sobretudo em sua conotação com aquilo que de hierático tem o hieróglifo. Pois o hieróglifo era a escrita sagrada dos sacerdotes, em oposição à escrita demótica, mais popular e profana [...] Reiterando de um lado o caráter hierático de sua obra, mas também remetendo para a questão do enigma, do mistério, possibilitando à crítica estabelecer conotações entre hieróglifo e as metáforas do sonho, conforme Freud. Como texto hierático e hieróglifo é que talvez se devesse ler a nota introdutória do livro...”. In: SANT’ANA, Affonso Romano. *O ritual epifânico do texto*. In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.254.

³²⁸ “... a afirmação básica do judaísmo é a existência de Deus. É esse dado que o torna uma religião. Esse Deus apresenta a peculiaridade de proibir formalmente toda a figuração pela imagem ou pela escultura, só podendo ser representado pela escritura de seus nomes: Shadai, El, Eloim, Makom, Yah, e por fim o tetragrama ilegível, oferecendo-nos um exemplo eloqüente da equivocidade da linguagem [...] A concepção de Deus aparece, assim, como o próprio paradigma da linguagem...”. In: WALDMAN, Berta. op. cit., p.51.

Richard Friedman são importantíssimas para o nosso trabalho, pois, o estudioso da literatura hebraica defende que há um fenômeno impressionante que ocorre dentro do desenvolvimento da teologia bíblica, e que marcará decididamente judaísmo e cristianismo: a idéia de ocultamento da face de Deus. No judaísmo em especial, esse aspecto será tão emblemático que moldará a forma do judeu cultuar esse Deus, bem como, a forma de construir sua própria vida. A vida, a exemplo de Deus, sempre terá um caráter indizível. Scholem, em sua magistral obra, *As Grandes Correntes da Mística Judaica*, pontua como característica comum a todos os misticismos judaicos, a atenção especial que deram à linguagem. Isso se percebe quando olhamos para maneira com que compreenderam a própria língua, o hebraico com seu *status* de língua sagrada, possui um caráter mistagógico, que reflete a própria natureza espiritual do mundo³²⁹.

Por ser um problema de linguagem, o misticismo sugere inevitavelmente uma dificuldade com a própria razão. A mística se constitui portanto, como um problema à lógica racional que se figurou como dominante no ocidente cristão. Primeiro, porque chega aos limites da própria comunicação humana, sinalizando que algo escapa à palavra. E também por suplantar em sua estrutura mental a presença e o encontro dos paradoxos. A mística então, é um desafio à forma cartesiana de se pensar a ciência, os sujeitos e a própria vida humana. Noutras palavras, a existência humana não é concebida em fragmentos, em partículas, ao contrário, é entendida numa totalidade.

A escritura de Clarice Lispector recebeu, desde os primeiros ensaios críticos atenção dado ao seu caráter de estranheza e singularidade. Antonio Candido, chamou o seu primeiro livro de “romance de aproximação”, por ser a alma o seu grande campo de atuação³³⁰. Isso já sublinha, o elemento tenso e perigoso em que se modulará a obra da autora. Posteriormente, essas características serão chamadas de metafísicas, ou ainda, de mística. O

³²⁹ SCHOLEM, Gershom. *As Grandes Correntes da Mística Judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1995, p.19.

³³⁰ Conf. CANDIDO, Antonio. op. cit., p.128.

que parece haver, é que Clarice, a exemplo de outros autores da literatura mundial, institui o texto como meio de refletir o ser humano. Ou seja, a narrativa é a única alternativa para a autora, a única maneira que tem para meditar e descobrir as vicissitudes da vida, seus desencontros e embates. Ao fazer isso, Clarice inevitavelmente esbarrará no problema da alteridade, do outro que se encontra absolutamente distante de si, mas fará isso tocando no problema da linguagem. A cada texto ela questionará a própria palavra, isso se intensifica no seu último romance, onde debaterá sobre o próprio ato criativo, sobre o próprio valor da literatura como instrumento capaz de falar das incongruências mais abissais do ser humano.

Existe um apelo em Clarice Lispector, por meio de sua linguagem ela entretece uma tentativa de busca por algo que parece não se encontrar. Isso está muito claro em *A Hora da Estrela*, pois o dilema lingüístico de Macabéa a coloca sempre mais distante das pessoas. Ao invés de um encontro, suas palavras desencadeiam desencontros. Este elemento, além de sugerir um debate sobre a linguagem, instaura no plano do texto um aspecto de absurdo. A cada nova etapa do texto, a cada nova palavra desconhecida que ela profere, Macabéa é distanciada das possibilidades de ser, é podada do encontro com o outro (tu), e alienada da consciência de si (eu).

Na mística judaica, especialmente no cabalismo, o aspecto de drama é muito mais intenso no que em outros movimentos, como por exemplo, a *Mística da Mercabá*. Cada etapa do mundo místico do cabalista está intrinsecamente ligado ao problema da criação e da cosmogonia³³¹. Cada instante de busca está ligado a um ato de decisão e de autoconhecimento³³². Esse desafio que figura o místico em cada etapa de sua trajetória, encontra correspondências fortíssimas com o mundo ficcional de Clarice. Suas personagens têm o desafio constante de se conhecerem, e desvelar por meio da epifania (o momento maior do texto clariceano) a consciência de sua condição humana. Esta é uma marca em

³³¹ SCHOLEM, Gershom. op. cit., p.81.

³³² Idem, ibidem. p.81.

Clarice e é, em nossa compreensão, mais uma maneira de se entender, as relações entre a sua linguagem literária e a linguagem cabalística³³³.

O dilema de linguagem que se percebe no romance é a revelação de uma obra e autora (já que Clarice é a maior refém de seu mundo literário), que tem na forma de pensar e exercer a escrita o grande segredo de sua vida: a sua bênção e maldição. A própria autora, em mais de uma vez, declarou suas dificuldades com o ato de escrever, bem como, seu aspecto de maldição incorrigível. Se o intento disso era o de desmitificar a áurea de mistério que se criou em torno dela, o efeito deu justamente o contrário, pois, é impossível pensar sua obra, sem se afixionar com sua estranheza, sua esfera de magia e mistério. Como disse a própria autora: “Sou uma iniciada sem seita. Ávida do mistério”³³⁴.

Ler Clarice, então, pressupõe uma iniciação, um conhecimento mínimo de seus dilemas e debates³³⁵. Descobrir personagens e, acima de tudo, narrativas que nos põem a cada instante a difícil decisão de nos perguntar: quem somos? Com isso, radicaliza-se o problema lingüístico de *A Hora da Estrela*, já que somos desafiados a pensar o próprio destino da narrativa, o próprio sentido da existência da pobre nordestina. Macabéa, em suas empreitadas fracassadas por meio da palavra, atesta que a narrativa propõe um movimento místico que se desfecha num desencontro do TU. A derrota que se apresenta ao final do romance não invalida o mais importante de tudo, aquilo que foi narrado. Pensar os dilemas da linguagem é estar diante dos incontáveis segredos que caracterizam as palavras no texto clariceano. É tentar descobrir o que escondem, é tentar debater o que pretendem.

³³³ SANT’ANA, Affonso Romano de. op. cit., p.196.

³³⁴ LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.30.

³³⁵ “Seus fãs são como uma confraria de adeptos, sempre a lembrarem-se, um ao outro, não episódios ou personagens, nem situações ou palavras [...] mas a reviverem sensações: um cheiro, um arrepiar de pele, um vazio de alma”. In: PICCHIO, Luciana Stegagno. op. cit., p.18

3.2.2 Os segredos das palavras

O romance apresenta, desde sua dedicatória, o embate que escolhe trilhar. Seu autor (na verdade, Clarice) deixa claro que a sua preocupação no texto vislumbra uma dimensão absolutamente abstrata (metafísica): “... Eu medito sem palavras e sobre o nada”³³⁶. A narrativa não se restringe a um mero recorte da realidade social, antes disso, o narrador a inscreve como um texto de profundo questionamento ontológico, de meditação metafísica, uma atitude de silêncio. Rodrigo polarizará seu discurso, ora em direção ao silêncio: “Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta”³³⁷. Sinalizando com isso, inúmeras razões e sentidos, porém, partindo do que debate *George Steiner*, duas possíveis razões seriam o fundamento do silêncio do escritor moderno: primeiro, a revolta do escritor moderno frente atrocidades do nosso século; e, ainda, o dilema do autor em dar sentido à literatura em tempos de cultura de massa³³⁸. No entanto, ainda que à beira do abismo e a busca do silêncio, será por meio da peregrinação da palavra que Clarice deixará entrever, claramente, as ressonâncias do judaísmo encalacrado nas veias de sua narrativa.

“Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evolva um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases”³³⁹.

Quando o narrador fala que o seu material essencial é a palavra, deixa claro que não se pode fugir dos recursos da representação gráfica dos sinais. Porém, ao invés de permitir a fruição grotesca de um texto que se perde em meio à falta de coerência e de coesão textual,

³³⁶ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.10.

³³⁷ Idem, ibidem. p.16-17.

³³⁸ George Steiner discute em seu livro *Linguagem e Silêncio*, o sentido da literatura em tempos de cultura de massa e uso ideológico do linguagem. Neste sentido, o crítico franco-americano discute a via do silêncio que caracterizou alguns autores do século XX, e sinalizou como responsáveis dessa revolta: “A possibilidade de que a desumanidade do século XX e certos elementos na sociedade tecnológica de massa que se seguiu à erosão de valores burgueses europeus tenham causado dano à linguagem ...”. In: STEINER, George. op. cit., p.69-70.

³³⁹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.14.

ele intenta escrever uma narrativa que assume a polissemia dos signos e a transcendência do texto. Clarice instaura em *A Hora da Estrela* o mesmo embate que marca visceralmente os místicos judaicos medievais. Estes, eram sabedores dos limites das palavras, mas, reconheciam a impossibilidade de viver sem os seus recursos, tanto que criaram um sistema que enfatiza a busca mística pela palavra. Ainda que incapazes, os jogos que simulavam por meio das palavras, sinalizavam a transcendência dos sentidos, a constatação da áurea misteriosa das letras. Esta simples questão já é o bastante para mostrar o aspecto de dilema que caracteriza a estrutura de mentalidade dos misticismos: a experimentação dos extremos, a vivência dos paradoxos. É perfazendo esse jogo de linguagem que se configura na mística judaica uma verdadeira obsessão pelo aspecto enigmático das palavras. Tanto, que o seu maior estudioso, *Gershom Scholem*, possuía verdadeiro fascínio pela idéia de potencialidades que existem nas palavras e no nome de Deus³⁴⁰. Esta veneração do nome de Deus reflete, na verdade, dentro da mística judaica, o sentido de toda a existência humana. Todo mistério circunscrito ao âmbito da palavra se calca no sentido e no mistério que rodeia o nome de Deus³⁴¹.

Daí, a contemplação das letras e dos sentidos secretos que elas podem ter, o fascínio por suas combinações e os segredos que elas podem revelar ao iniciado do mundo místico. A meditação das palavras exerce verdadeiro frenesi no judaísmo, segundo Friedman, pois ainda em pleno desenvolvimento da teologia bíblica, ocorre uma substituição dos atos divinos por uma super-valorização das palavras de Deus³⁴². Conforme o estudioso, rabinismo e cristianismo são respostas distintas a este fenômeno que ocorre na interioridade

³⁴⁰ Como observa, Robert Alter: "... É improvável que ele tomasse esta idéia ao pé da letra, mas, como deixou claro numa carta que escreveu a Franz Rosenzweig em 1926, levava muito a sério a noção de que as palavras em hebraico estavam saturadas de uma potencialidade espiritual especial: *shamayim*, céu; *ruah*, vento/espírito; *tehom*, abismo; *'adamah*, terra; *tselem*, imagem; *da'at*, conhecimento; e todo o resto do inquietante vocabulário das origens empregado no Gênesis." In: ALTER, Robert. op. cit., p.120.

³⁴¹ SCHOLEM, Gershom. op. cit., p.149.

³⁴² "Sob a perspectiva do desaparecimento de Deus, ironias como essa pululam. Em primeiro lugar, na Bíblia Hebraica, nós vemos os atos de Deus sendo substituídos pela palavra de Deus. Depois, na história cristã, "o verbo era Deus..." In: FRIEDMAN, Richard Elliot. op. cit., p.145

do texto sagrado. A valorização que ambos deram à palavra mostra bem como esta experiência foi condicionante para a formação de ambas religiões. O rabinismo se tornou o ramo majoritário do judaísmo e, além disso, o seu próprio espectro identitário. O cristianismo, por sua vez, forjou os alicerces da civilização ocidental, e tem na palavra, ou no logocentrismo, como dirá Derrida, a sua característica mais fundamental. Se a palavra exerce fascínio e terror em Clarice, é porque ela reconhece nesta o poder vibrante de esconder sentidos, de provocar mistérios e de instaurar um ambiente de plurissignificados. Em *A Hora da Estrela* isso fica claro, quando o narrador descreve a cena em que Macabéa está para atravessar a rua, atordoada pelas revelações da cartomante: “Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada por palavras. E mudada por palavras – desde Moisés se sabe que a palavra é divina”³⁴³. O judaísmo, não assumido no plano institucional, vibra dissimuladamente na tessitura do texto clariceano. A sua tradição, bem como as características mais basilares de sua religião, se desvelam em sua linguagem. E se linguagem está em julgamento, como fala Fukelman³⁴⁴, conseqüentemente o judaísmo também está. Por isso, reiteramos Waldman, quando trabalha a idéia de *A Hora da Estrela* ser lida como a metáfora de um judaísmo em crise.

Estamos diante de uma narrativa que nos propõe pensar nos possíveis e perigosos simulacros das palavras. O nome Macabéa, cujas referências já sinalizamos, é um exemplo. Ele aparece na narrativa como uma preocupação fundamental, ressoando a doutrina cabalística do nome: o nome é a coisa. Prescreve no texto uma preocupação suprema com o nome, tal como se entende no judaísmo, onde pensar o nome é buscar o destino. O crítico Carlos Mendes de Sousa dirá de forma mais clara, que: buscar o nome é buscar, na verdade, o que é próprio de Deus³⁴⁵, expressando assim, a relação que há entre nome e a própria idéia de destino último. Contudo, a alienação dos significados do nome deflagra o desprovento

³⁴³ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.79.

³⁴⁴ FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.6.

da personagem, e sinaliza terrivelmente o seu destino errante e fracassado. Desconhecer o nome atesta a falta de sentido de sua existência. Demonstrar como as derrocadas do ser humano, podem ser vistas numa dimensão muito mais profunda, isto é, em nossa leitura um tema radical do romance. Por isso, não dá para pensar os temas da obra e passar de largo pelas excrescências ontológicas da personagem: a inviabilidade da epifania, a impossibilidade do outro e o desencontro de Deus. Macabéa, em sua via torta e errante, em sua alienação existencial e inconsciência histórica, sinaliza não possuir uma preocupação última³⁴⁶.

Contudo, mesmo trilhando a via da nomeação, Clarice admite que algo escapa à palavra e circunscreve a dimensão inominável da existência humana: “A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior: não tem uma só palavra que a signifique”³⁴⁷. Tem-se dito que o narrador é o homem moderno, que vive sobre a égide do niilismo, sem um horizonte de sentido, palavra ou razão. Entendemos ser isso inegável, contudo, tal abordagem não exclui e nem diminui a correspondência mística que há na narrativa. Até porque, como veremos mais à frente, o cabalismo não exclui a possibilidade do nada, ao contrário, o cabalista, de certa forma, é preparado para o Nada Absoluto. Esse caráter de abismo demonstra o aspecto indizível da vida, bem como, a incapacidade das linguagens humanas (religião, arte e filosofia) em prover sentido e esperança ao ser humano.

Na mística cristã, escolhe-se uma via negativa, como vemos em mestre *Eckhart* ou *Angelo Silesius*, que fazem da impossibilidade de se nomear Deus a fonte primeira da experiência humana: *nomem innominabile*. No judaísmo, esse tema se apresenta de forma

³⁴⁵ SOUSA, Carlos Mendes de. op. cit., p.181.

³⁴⁶ “A preocupação religiosa é última. Ela exclui todas as outras preocupações de uma significação última. Ela as transforma em preliminares. A preocupação última é incondicional, independente de qualquer condição de caráter, desejo ou circunstância. A preocupação incondicional é total: nenhuma parte de nós mesmos ou de nosso mundo está excluída dela. Não há lugar onde fugir dela. A preocupação total é infinita: nenhum momento de pausa ou descanso é possível em face da preocupação religiosa que é última, incondicional, total e infinita”. In: TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 3ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p.20.

ainda mais radical, pois não se restringe a ser a qualidade de um grupo apenas, ao contrário, se trata de uma idéia constitutiva do modo de ser judaico. É claro que nos misticismos esta doutrina ganha nuances de extremidade, pois não falar o nome de Deus é a constatação de que a divindade possui um aspecto de mistério, um caráter impenetrável e uma essência inalcançável, como bem expressa a doutrina mística do *Ein-Sof*³⁴⁸. O místico busca, por meio do caminhos das *sefirot*, conhecer a divindade, mas a sua jornada já começa com a consciência de seu fracasso, pois, por mais que se conheça de Deus, algo permanece oculto, impenetrável e ininvestigável. Essa tensão marca a relação do místico com o texto, pois é por meio dele que ele trilha a sua viagem e, por isso, a exegese é um recurso vital à investigação mística. A busca pelas dimensões escondidas do texto marca o trabalho dos pesquisadores místicos, dos sábios rabinos, e de toda uma tradição que se perpetuou ao longo dos tempos, e que ressoa profundamente em obras literárias, como a de Kafka e Clarice Lispector, como tentaremos demonstrar ao longo deste estudo.

A partir dessas considerações, um pressuposto se construiu, que é o de nunca desprezarmos o valor das palavras e os jogos de sentidos que elas podem desencadear dentro do texto literário. As palavras cumprem um propósito dentro do texto, mas escapam ao propósito que o seu autor quisera dar, pois são invadidas por um excesso de sentido e referências. Dentro do romance, um exemplo que nos intriga a pensar é com relação aos jogos de identidades que se evidenciam, tal como pontuou o filósofo Benedito Nunes. A relação: Clarice/Rodrigo/Macabéa é bastante tensa e complexa dentro do texto, pois: “O narrador de *A Hora da Estrela* é Clarice Lispector, e Clarice Lispector é Macabéa...”³⁴⁹. Esse jogo problematiza questões estéticas e de foco narrativo. Entretanto, quando pensamos

³⁴⁷ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.79.

³⁴⁸ “As fórmulas favoritas dos primeiros cabalistas espanhóis são paráfrases especulativas, como “Raiz de todas as Raízes”, “Grande Realidade”, “Unidade Indiferente”, e, principalmente, *Ein-Sof*. A última designação revela o caráter impessoal deste aspecto do Deus oculto do ponto de vista do homem, tão claramente quanto os outros, ou talvez do ponto de vista do homem, tão claramente quanto os outros, ou talvez ainda mais claramente do que eles”. In: SCHOLEM, Gershom. op. cit., p.14.

³⁴⁹ NUNES, Benedito. op. cit., p.161.

esse jogo a partir de alguns princípios da exegese mística, que é o de contar o número de letras de cada palavra, vemos como o jogo de nomes e identidades se aprofundam no texto:

C l a r i c e – R o d r i g o – M a c a b é a
1 2 3 4 5 6 7 1 2 3 4 5 6 7 1 2 3 4 5 6 7

Os três nomes possuem sete letras, revelando a mesma quantidade de letras a mesma força como palavra (nome). O número sete tem uma profunda simbologia dentro da mentalidade bíblica, significa totalidade³⁵⁰. Assim, como a narrativa possui sete personagens, como adverte o narrador no início da ficção³⁵¹, notamos então, uma tentativa de Clarice de compor uma história que tenha sentido e força de totalidade, que possua verossimilhança, que seja a narrativa de uma vida primária que teima existir à despeito das forças contrárias. Por tudo isso, *A Hora da Estrela* nos lança, ainda, o desafio de debatermos como se desenvolve e se processa a vida e a subjetividade de Macabéa, diante da constatação de um mundo carente de sentido e valor.

3.2.3. Do vazio do mundo ao mundo do vazio

A sensação de estranhamento é contínua no desenrolar do texto clariceano. Suas obras tem, por vocação, nos colocar diante da perplexidade da vida. Há em Clarice a mesma experiência que se tem ao ler, por exemplo, os textos de Kafka. Talvez por isso, vislumbrar as correspondências entre estes dois grande autores, seja um interessante tema a ser estudado e debatido. Nos cabe retomar a perspectiva, que existe nas linhas do texto clariceano um aspecto de *nostalgia do sagrado*, uma saudade de um tempo das origens, onde o ser humano possuía uma íntima e radical consciência da divindade³⁵². Tal aspecto,

³⁵⁰ MONTENEGRO, João Alfredo. *História e Ontologia em A Hora da Estrela, de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001. p.42-43.

³⁵¹ “A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro.” In: LISPECTOR, Clarice. Op. Cit., p.79.

³⁵² Esse aspecto de nostalgia é profundamente importante para se entender a estrutura da mentalidade mística. Está se caracteriza como a soma de dois estágios de consciência humana: o mito e a revelação. No primeiro, deuses e homens se confundem, não há consciência de distância, pois tudo está junto; no segundo, divindades e

traz para o texto clariceano uma intensa sensação de abismo, de distância e perigo, suscitando sempre, um evento desvelador, a epifania. Tal intensidade do sagrado, nos suscita a trazer algumas afirmações de Antonio Magalhães, em *Deus no Espelho das Palavras*:

O texto literário é visto como amostra e interpretação da realidade humana e, como tal, não possui, aparentemente, uma consistência teológica, sem que seja negado o valor teológico, que ele possui [...] À literatura é concedido o valor teológico porque ela pode apresentar possibilidade de compreensão do mundo no qual a teologia deseja se encarnar (...)³⁵³.

Com esse pressuposto metodológico, Magalhães quer deixar claro que o texto literário não pode ser confundido com textos da esfera da religião ou da teologia. Assim, como não pode ser entendido como um texto de filosofia, apesar de evocar questões filosóficas, a obra literária circunscreve outras preocupações e caminhos que não foram, ao longo dos últimos séculos, nem o da teologia e muito menos o da filosofia. Tais afirmações nos indicam pensar o texto clariceano como possuidor de valor teológico, dado as suas características, preocupações e dilemas, o que nos suscita retomarmos tal perspectiva mais a frente.

Por ora, nos cabe traçar por algo incontornável à obra de Clarice e, sobretudo, em *A Hora da Estrela*: o drama subjetivo da personagem. Todas as personagens clariceanas vivem dilemas que se configuram em sua interioridade. O movimento que perfaz a busca pela alteridade e o retorno a si mesma, numa afirmação de que a identidade humana se constitui num encontro do EU com o TU, é tema de bastante controvérsia no último romance da autora. Sobretudo, quando a queremos ler a partir dos pressupostos da filosofia e da mística judaica.

humanos são radicalmente separados, é tempo do surgimento das grandes religiões monoteístas. Quanto à mística, Scholem dirá: “O misticismo [...] tenta reagrupar os fragmentos quebrados pelo cataclismo religioso, recuperar a antiga unidade que a religião destruiu, mas num novo plano, onde o mundo da mitologia e o da revelação se encontrem na alma do homem”. In: SCHOLEM, Gershom. op. cit., p.10.

³⁵³ MAGALHÃES, Antonio. op. cit., p.190.

Quando vemos o narrador afirmar: “O pior momento de sua vida era nesse dia ao fim da tarde: caía em meditação inquieta, o vazio do seco domingo”³⁵⁴. Nos deparamos com um dilema que se configura no limite da palavra. Macabéa, perdida numa inquieta, agônica e, sobretudo, indizível meditação. Nos suscita a pensar sobre a sua interioridade, sobre a experiência que se desvela a sua frente. Para isso, basta lembrar, parafraseando as palavras do grande estudioso da religião, Rudolf Otto, que a vastidão nos leva a sentir os ecos do numinoso³⁵⁵. Essa impressão se problematiza na narrativa, pois há o retrato de uma experiência do sagrado que não se mostra, que não alcança a mulher e sertaneja Macabéa. O narrador argumenta que ela era possuidora de vida interior, porém a retrata como alienada de si³⁵⁶. Nas palavras de Fukelman, Macabéa é desprovida de subjetividade³⁵⁷. Dessa forma, pode-se dizer que o deslocamento atinge esferas mais profundas do ser, a nordestina é sobrepujada da experiência do belo, do sagrado e do indizível.

Este aspecto negativo não anula a discussão sobre o tema da religião, como podemos ver nas palavras do autor-ficcional:

Um dia teve êxtase. Foi diante de uma árvore tão grande que no tronco ela nunca poderia abraça-la. Mas apesar do êxtase ela não morava com Deus. Rezava indiferentemente. Sim. Mas o misterioso Deus dos outros lhe dava às vezes um estado de graça³⁵⁸.

Ou ainda:

Às vezes a graça a pegava em pleno escritório. Então ela ia ao banheiro para ficar sozinha. De pé e sorrindo até passar (parece-me que esse Deus era muito misericordioso ela: dava-lhe o que tirava) (...) ³⁵⁹.

³⁵⁴ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.35.

³⁵⁵ “Ao lado do silêncio e da obscuridade o oriente conhece um terceiro meio de produzir uma impressão numinosa: é o vazio. O vazio espacial é o sublime no plano horizontal. A vastidão do deserto, a imensidão e uniformidade da estepe são sublimes e despertam em nós, pela associação de sentimentos, ecos do numinoso”. In: OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista/Ciências da Religião. 1985, p.72.

³⁵⁶ “Tinha o que se chama de vida interior e não sabia que tinha.” In: LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.37.

³⁵⁷ FUKELMAN, Clarisse. op. cit., p.14.

³⁵⁸ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.63.

³⁵⁹ Idem, *ibidem*. p.63.

De fato, não tem como fugir, estamos diante de um problema. Cabe bem, neste momento, a expressão que sintetiza o tom do narrador ao final do romance: “A vida é um soco no estômago”³⁶⁰. Essa estranha e incômoda experiência literária se expressa quando constamos um narrador que, tomado radicalmente pelo problema do outro, fala das mais viscerais incongruências da eleita e resistente Macabéa. Ela que, em sua tacanha e inócua vida, teve a chance de um êxtase, de uma sensação entendida como abrupta e apofática, que instaura no ser uma nova compreensão de existência, de relacionamento e de Deus. É assim que se caracteriza as experiências dos grandes místicos, a experiência da transcendência na imanência. Tal como há em *A Paixão Segundo G.H.*, quando a personagem G.H. tem, por meio da barata, uma experiência do numinoso. Porém, o sagrado que persiste, intenso e movente em Clarice Lispector, encontra em *A Hora da Estrela*, sua mais intrincada realidade. Pois, apesar do êxtase, Macabéa não “morava em Deus”, não avançou em nenhum estágio espiritual em sua experiência e nem constituiu com a alteridade absoluta nenhum tipo de comunhão radical. Parafraseando a idéia de Benedito Nunes, quando argumenta que a perspectiva mística problematiza o possível existencialismo sartreano de Clarice³⁶¹, posso dizer que Macabéa problematiza a possível perspectiva mística de Clarice.

Essa aparente contradição demonstra, uma vez mais, o aspecto de tensão da narrativa, o encontro e a presença de perspectivas antagônicas, que no entanto se engalfinham na realidade literária. Além disso, retoma o aspecto contínuo e emblemático, entre negar e confessar. E acrescento ainda, como observação, uma intuição resultante dos estudos feitos por Robert Alter sobre a perspectiva cabalística de Franz Kafka³⁶², que há em Clarice, à exemplo do autor tcheco, uma possibilidade do nada. O pesquisador estadunidense sinaliza este aspecto como algo que aproximava profundamente Kafka e a cabala, ambos de certa

³⁶⁰ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.83.

³⁶¹ NUNES, Benedito. op. cit., p.100.

³⁶² Conf. ALTER, Robert. O Cabalista Kafka. In: *O Espelho Crítico*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

forma estavam preparados para o nada absoluto³⁶³. Essa perspectiva abismal também ronda a obra de Clarice, e faz seus estardalhaços; pois vitima suas personagens, afeta seus narradores e toca profundamente a alma de seus leitores.

A fina ironia dessacralizadora de Rodrigo S.M. não resiste à tentação de inscrever sagazmente entre parênteses: “... parece-me que Deus era muito misericordioso: dava-lhe o que tirava”. Numa inversão parodiante do texto bíblico mais contundente do Livro de Jó: “O Senhor deu, o Senhor tomou, bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21)³⁶⁴. A narrativa bíblica de Jó põe em debate uma das perguntas mais fundamentais da história dos saberes: “Quem explica o sofrimento do justo? Indagação muito parecida com aquela pergunta feita por Agostinho e muitos pensadores: “*Se Deus é bom, por que o mal?*”.

Todas estas questões vêm à tona quando ousamos passear pela obra de uma escritora que privilegiou demonstrar em seu texto as ressonâncias e tragédias do cotidiano na subjetividade de suas personagens. Neste sentido, pode-se dizer que Clarice possui uma escrita torta, pois narra seu discurso com um certo humor dessacralizador, sobretudo, o último narrador clariceano, que de modo singular, revela, ironiza e debate, a tragédia espiritual de sua personagem.

3.3. O judaísmo encalacrado

Será mesmo que a ação ultrapassa a palavra? Mas que ao escrever – que o nome real seja dada às coisas. Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se-a. Esse vosso Deus que nos mandou inventar. Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz o conteúdo³⁶⁵.

A Hora da Estrela tem lugar de destaque no conjunto ficcional de Clarice Lispector, não apenas por ser o último livro da autora, mas, muito mais por ser uma obra que dialoga e

³⁶³ ALTER, Robert. op. cit., p.187.

³⁶⁴ A Bíblia Sagrada, edição revista e atualizada no Brasil.

³⁶⁵ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.17-18.

problematiza toda escritura clariceana. É um livro que traz à tona as suas preocupações mais importantes, é uma espécie de acerto de contas com a sua história e tradição. Macabéa evoca simultaneamente as duas referências da escritora: de um lado o seu judaísmo, ao criar uma personagem bíblica perdida numa grande cidade do século XX, de outro, a sua referência nordestina, já que se criou no nordeste desde os primeiros meses de vida até a sua adolescência. Com isso, o romance se revela um texto emblemático, desafiador e instigante, pois, circunscreve como em nenhum outro texto clariceano a sua preocupação social.

Clarice elabora um simulacro, ao criar um autor ficcional (Rodrigo) para imprimir uma distância do texto e da vida da retirante. No entanto, não consegue esconder-se em sua própria obra e, muito menos, deixa de transparecer que sua escrita se circunscreve possuída de uma preocupação suprema, isto é, Clarice escrevia imbuída de uma razão extática, para aqui fazer jus a uma das idéias mais interessantes da obra de Tillich³⁶⁶. Escrevia movida por sentimentos, não apenas para imitar à vida, mas, para indagar as suas vicissitudes. Fez de sua arte um ato de busca, um busca pela palavra, por algo que ela nunca conseguiu descrever, nomear ou dominar. Isso tudo a coloca muito bem dentro da tradição judaica, ainda que negasse tal condição. É inviável negar as estranhezas de suas linhas, com a presença de imagens, sons e vibrações, ou ainda, a presença de mitologemas e divagações filosóficas que, de certa maneira, deflagra o substrato religioso de sua obra e a sua correspondência com textos da tradição mística³⁶⁷. No entanto, foi a sua preocupação com a literatura e a forma como assumiu esta em sua vida, que a situa profundamente em sua tradição religiosa. Clarice fez do escrever o sentido de viver.

³⁶⁶ “Razão extática é a razão possuída por uma preocupação última...”. In: TILLICH, Paul. op. cit., p.52.

Tillich ao discutir o aspecto racional da teologia, descreve que o teólogo, ainda que circunscrito pelos limites da razão, deve apoiar seu labor teológico numa razão extática, isto é, trabalhar com uma preocupação suprema. Neste sentido, uso tal expressão entendendo que todo autor literário, que constrói sua obra a partir de uma preocupação última, também pode ser caracterizado como possuidor de uma razão extática.

³⁶⁷ SCHOLEM, Gershom. op. cit., p.97.

Em Clarice, a idéia tillichiana de cultura teônoma encontra profunda pertinência³⁶⁸, pois se trata de uma escritura que não estancou em espaços distintos as dimensões do ser humano. Há em Clarice uma compreensão de totalidade do ser. Se trata de uma escritora que não escreveu movida por outra coisa que não fosse a sua preocupação com o humano. Nisso, Clarice não consegue fugir e renegar o judaísmo que pulsa vibrante e enalacrado em seu texto. Ao indagar as vicissitudes do ser humano, ao querer perscrutar os sentimentos das suas personagens, inscreve seu texto como um comentário, como um midrash. Isso é visível em *A Hora da Estrela*, o narrador não se limita apenas a contar, ele faz um verdadeiro comentário sobre a vida de Macabéa. Questiona o porquê de seus desencontros e lamenta agonicamente sua morte.

Dessa forma, a narrativa de Macabéa é o ato de vingança de Clarice Lispector, a palavra última: primeiro, por ser o último texto da autora; segundo, por ser um texto de desabafo e confissão. Temos com isso, uma realidade existencial que só acentua mais a própria radicalidade do texto, a palavra final de Clarice ressoa de forma irônica e violenta em nossas letras, como mostra do caráter atual e vibrante de sua ficção.

3.3.1. A vingança do texto

(...) E minha vida, mais forte do que eu, responde que quer porque quer vingança e responde que devo lutar como quem se afoga, mesmo que eu morra depois. Se assim é, que assim seja³⁶⁹.

Em todos os aspectos que trabalhamos, procuramos atentamente demonstrar e dialogar em torno das possíveis ressonâncias da escritura clariceana com características centrais da tradição judaica e, especialmente, com a tradição mística. Contudo, nenhuma outra característica evoca mais o judaísmo do que esta, a de ser justamente texto. As três grandes

³⁶⁸ “A religião é a substância da cultura e a cultura, a forma da religião”. In: TILLICH, Paul. op. cit., p.89.

³⁶⁹ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.81.

religiões monoteístas se caracterizam, fundamentalmente, em serem religiões do livro. No entanto, enquanto no islamismo o livro sagrado é uma espécie de nicho metafísico, um presente de *Alá* aos fiéis, no cristianismo e, especialmente no judaísmo, o livro sagrado, se constitui na história humana, em suas lutas e exílios, e é o lugar da revelação, onde Deus deve ser buscado. Toda força simbólica destas duas religiões se fundamentam justamente neste aspecto, a de serem religiões do livro. E por isso, são decisivas a influência que exercem no desenvolvimento da própria literatura.

No caso específico do judaísmo, atentamos para o fortíssimo desenvolvimento que terá na formação de escolas e tradições de pensamento. Todos os movimentos místicos, assim como toda a tradição judaica, nutrem profunda admiração à palavra. É bem verdade, que no cabalismo este aspecto se intensifica de forma mais visceral. Pois, conforme Scholem, o texto bíblico na mística da Cabala é símbolo da própria vida divina³⁷⁰. Essa idéia é uma profunda mostra de como o texto se tornou decisivo para a própria contemplação mística, bem como, para perpetuação da própria tradição religiosa. Isso, nada mais é, do que uma continuação e ampliação do legado rabínico que foi determinante para a própria formação e sobrevivência do judaísmo, tal como conhecemos. Esse debate sobre a importância do texto escrito pode ser mais claramente entendido numa impressionante história contada no Talmude:

Naquele dia, Rabi Eliezer usou todos os argumentos do mundo. E eles não aceitaram a sua opinião. Ele lhes disse: “Se a lei é como eu digo, que esta alfarrobeira o prove.” E a alfarrobeira foi deslocada em cem cúbitos do lugar onde estava. E alguns chegam mesmo a dizer quatrocentos cúbitos. Mas eles disseram: “Não se pode comprovar nada com uma alfarrobeira.” E ele respondeu dizendo: “Se a lei é como eu digo, que o aqueduto prove.” E o aqueduto virou ao contrário [i.é., a água mudou de direção, passando a correr para cima]. Mas eles lhe disseram: “Não se pode comprovar nada com um

³⁷⁰ “O Deus oculto *Ein-Sof*, manifesta-se aos cabalistas sob dez aspectos diferentes, que por sua vez abrangem uma variedade infinita de tons e gradações. Todo grau tem seu próprio nome simbólico. Em escrita conformidade com suas manifestações peculiares. Sua soma total constitui uma estrutura simbólica altamente complexa, na qual toda palavra bíblica corresponde a um das *Sefirot*. Esta correspondência [...] capacita os cabalistas a basearem sua interpretação da Bíblia na suposição de que todo versículo não só descreve um evento na natureza ou história, mas além disso é um símbolo de uma certa fase do processo divino, um impulso da vida divina”. In: SCHOLEM, Gershom. op. cit., p.97.

aqueduto.” E ele responde dizendo: “Se a lei é como eu digo, que as paredes da academia o provem.” E as paredes da academia se curvaram para cair. Mas Rabi Josué repreendeu-as [as paredes]. Disse-lhes: “Se os estudiosos discutem uns com os outros sobre a lei, o que tendes com isso? Elas não caíram, em respeito ao Rabi Josué. E não se endireitaram, em respeito ao Rabi Eliezer. E ainda continuam curvas. E ele respondeu dizendo: “Se a lei é como eu digo, que eles os provem dos céus.” Uma voz emanou e disse: “Que [lugar] tendes ao lado de Rabi Eliezer, pois a lei é como ele diz em todos os casos.” Rabi Josué se levantou e disse: “Não está nos céus.” O que quer dizer “Não está nos céus”? Rabi Jeremias respondeu: “[Quer dizer] que a Torá já foi ditada no monte Sinai. Nós não damos atenção a uma voz, pois no monte Sinai Tu já escreveste na Torá: “seguir a maioria.” Rabi Natan encontrou Elias. E lhe perguntou: “O que o Santíssimo, Abençoado Seja Ele, fez naquele dia?” E ele respondeu: “Ele riu. E disse: “Meus filhos me derrotaram. Meus filhos me derrotaram”³⁷¹.

A historieta acima é uma pequena mostra da importância do texto para o judaísmo, como vemos, os rabinos baseados na Torá, desautorizam o próprio Deus. Parafraseando as palavras de Friedman, o que importa agora é o texto, e não mais Deus em si³⁷². A preocupação e a busca se dá por meio da palavra, ou seja, por meio dos sentidos secretos e dissonantes do texto.

Chamamos atenção, desde as primeiras linhas desta pesquisa, que nosso olhar e preocupação estaria no texto. Concebemos que todo esse debate sobre a relação do texto no judaísmo se insere como mais uma mostra de como Clarice, ainda que inconsciente, evoca muito bem a sua tradição. A referência intertextual de *A Hora da Estrela*, o livro de Macabeus faz parte do conjunto de textos apócrifos, isto é, que não faziam parte do cânon da Bíblia Hebraica. É inegável o valor simbólico e teológico dessa narrativa dentro do judaísmo³⁷³, mas, é impossível passarmos por esse dado, sem constatarmos mais uma vez, o jeito oblíquo de Clarice compor sua obra. A autora, que tinha grandes problemas com

³⁷¹ FRIEDMAN, Richard Elliot. op. cit., p.138.

³⁷² Idem, ibidem. p.142.

³⁷³ “A revolta dos asmoneus foi, com efeito, a única das muitas rebeliões dos judeus, sob o domínio greco-romano, que culminou com uma vitória judaica [...] Este fato, junto com a compreensão de que estes foram acontecimentos que salvaram a religião judaica, através das gerações. Sua memória é preservada em Hanucá, o mais importante dos feriados judaicos, que não estão enraizados no cânone judaico e nas orações ligadas a ele, que exalta a vitória dos poucos contra muitos”. Conf. STERN, Menahem. *A Revolta dos Asmoneus e seu Papel na História da Religião e da Sociedade Judaica*. In: UNESCO. *Vida e Valores do Povo Judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p.106.

rótulos e definições, traz à tona em seu último texto, ainda que de forma dissimulada, ainda que retomando um texto apócrifo, Clarice revela e resgata a sua tradição. Ação que não pode ser entendida como uma preocupação confessional. Ao contrário, Clarice nunca esteve preocupada com os chavões da religião institucional e, sim, com as histórias e situações humanas que as narrativas ensinam. Por isso, há em toda a sua obra, uma intrigante marca bíblica. Waldman dirá que *A Hora da Estrela*, a exemplo de tantos outros textos, se mostra como um comentário à Bíblia³⁷⁴. Isso, aliás, será para a pesquisadora de Clarice uma de suas características mais fontais, esse movimento de busca e compreensão que se inscreve nos grandes comentários exegéticos, que reiteradamente intentam chegar pela via do texto à divindade, o que, nas palavras de Waldman, se trata de: “... tarefa de antemão fada ao fracasso”³⁷⁵. Esse movimento contínuo de comentário é claramente visível na ação do narrador de *A Hora da Estrela*. Rodrigo vai passo a passo, não só narrando, mas explicando, comentado e, sobretudo, se engajando com Macabéa. O esforço do narrador, a exemplo do trabalho exegético e de investigação mística, está fadado ao fracasso, à frustração de não conseguir alcançar e nem salvar a pobre sertaneja.

Essa ação de comentário traz a tona, uma vez mais, as proximidades entre Kafka e Clarice. O que suscita dizer que ambos, cada um à sua maneira e contexto, responderam aos reflexos de sua tradição comum. Robert Alter, em seus estudos sobre três grandes monstros da modernidade, Kafka, Scholem e Benjamim, descreve variadas vezes, a preocupação que a obra do escritor tcheco provocou no grande estudioso da mística judaica. Este intitulou a obra de Kafka, como “luz do canônico”, por serem narrativas provocadoras de sentido e desencadeadoras de interpretações³⁷⁶. Creio que essa evocação de Scholem, por parte de Alter em seus estudos, serve plenamente para nosso trabalho, no que tange a situar Clarice dentro dessa tradição de textos permeados por uma insígnia do canônico. Seus textos, tais

³⁷⁴ WALDMAN, Berta. op. cit., p. XXVII

³⁷⁵ Idem, ibidem. p. XXVII

como o de sua tradição, são marcados por uma gama muito vasta de provocações temáticas, por um excesso de sentidos e referências nas palavras.

A tradição, nunca confessada plenamente por Clarice Lispector, se desvela claramente em *A Hora da Estrela* como amostra de uma vingança do texto. Não apenas como catarse, o que me leva discordar de Nádya Gotlib, até porque a própria Clarice parecia rejeitar essa idéia de literatura³⁷⁷. Mas, ao invés disso, como um prova de que todo movimento da autora em seu próprio mundo ficcional, se desfecha no retorno ao tempo das origens, num acerto de contas com um passado duramente vivido, e como mostra de um futuro ansiosamente esperado. Em *A Hora da Estrela*, a vida humana luta agônica e visceralmente até o último momento.

3.4. Macabéa e a luta pela vida

A polissemia pontua cada linha de *A Hora da Estrela* nas várias indagações que apresentam nas tristes ironias que confessa, nas esperançosas revoltas que faz. Como bem se nota, a narrativa apresenta uma gama variada de expressões e sentimentos, os mais intensos e ambíguos, o que forma uma tessitura agônica e radical, em busca da palavra exata, ao encontro da frágil nordestina. Sentimentos que se expressam do constrangimento até a sensação de culpa, pela incapacidade que apresenta o texto em poder alcançar/salvar a nordestina Macabéa, de seu destino previamente anunciado. Ao inscrever seu nome na dedicatória do livro, a autora entra na história e manifesta de forma última e radical a sua relação existencial com o texto, que se encerra com a morte da personagem e da autora. Por mais que privilegiemos os aspectos de sua tradição, bem como, as interessantes formas que

³⁷⁶ ALTER, Robert. op. cit., p.98.

³⁷⁷ “Quanto ao fato de eu escrever, digo – se interessa a alguém – que estou desiludida. É que escrever não me trouxe o que eu queria, isto é paz. Minha literatura, não sendo de forma alguma uma catarse e que me faria bem, não me serve como meio de libertação. Talvez de agora em diante eu não mais escreva e apenas aprofunde em mim a vida. Ou talvez esse aprofundamento de vida me leve de novo a escrever”. In: BORELLI, Olga. op. cit., p.24.

o texto apresenta e debate o problema da religião, não podemos fugir do grito ético que apresenta a obra, o que procuraremos discutir no desfecho de nosso trabalho.

Em *A Hora da Estrela*, a literatura mostra a sua poderosa capacidade de revelar o cotidiano da existência, de forma muito mais ampla e profunda, do que nossos tradicionais referenciais de análise e leitura sociológica. Quando temos à frente o desafio de pensar o tema da religião dentro dos processos sociais e históricos em que estão encrostados, não nos damos conta de como a literatura manifesta de forma diversa e rica um importante cabedal de perguntas e lições para as nossas reflexões. Neste sentido, olhar para o último romance de Clarice Lispector é descobrir como a temática social tocou profundamente a alma da autora, e de como ela inscreve seu texto final como um ato revolucionário. Clarice nos dá em sua agônica e existencial obra de arte sua cartada final, o desfecho e manifestação de sua preocupação absoluta: o outro.

3.4.1. Mística agônica

O grande tema de *A Hora da Estrela* é o problema da alteridade. Em outras palavras, a obra deve ser vista como a tentativa desesperada de se encontrar o outro que vive no abscondito de nossa existência. Esse outro inscreve no romance várias dimensões. Porém, a busca intensa do narrador pela inócua Macabéa é o movimento da narrativa em busca desse outro estranho e imperceptível que persiste em nossa realidade. O ato da narrativa, é um busca por Deus, busca por um horizonte de sentido e esperança frente as atrocidades históricas do cotidiano. A “predestinada de Javé” vive passo a passo num limbo de desencontros, numa via de errância. Sua ignorância cultural deflagra um desprovimento que se espreita no próprio limite do ser, em sua ontologia. Macabéa vive na fronteira do ser, e sua impessoalidade histórica manifesta o seu aspecto de não-ser. O que nos coloca numa

história ficcional, que revela como os limites da própria vida estão intrinsecamente ligados com as relações concretas de nossa existência humana.

O tom ambíguo e contraditório do narrador atesta a sua propensão à dimensão sensível. Não se trata de um intelectual e, sim, de alguém que “escreve com o corpo”³⁷⁸. Sua fala assume aspectos de angústia e, em sua busca por Macabéa, não resiste à tentação de fazer breves, porém, agudas sátiras sobre Deus. A sensação não pode ser outra, como podemos pensar ou falar em Deus quando olhamos para a vida de Macabéa. O narrador, a exemplo de Nietzsche, constata a ausência de Deus. Essa tragédia interna perpassa toda a ficção, contaminando a sua forma de narrar a vida de Macabéa. Toda narrativa nos mostra um grito em busca de sentido num mundo de aniquilações ontológicas. Por isso, assumo as palavras do crítico literário Silviano Santiago: “Clarice não fala do céu e do inferno, estes, escreve ela, “nós já conhecemos”. Ela dá continuidade à reflexão filosófica sobre um existir humano que desafia à moral dos preceitos teológicos canônicos”³⁷⁹.

Clarice é um desafio à teologia? Sim, sobretudo, aquela que se reduz ao dogma e as idiosincrasias das instituições religiosas. Por evocar em sua própria tessitura, ressonâncias da tradição mística, a exemplo destes, ela se coloca numa área *in extremis*. Os místicos viviam no limite da religião, pois desejavam aquilo que havia de mais profundo na própria revelação. Dentro dessa dinâmica, *A Hora da Estrela* revela como as contingências históricas possuem uma camada muito mais profunda.

Ao contrário da narrativa dos Macabeus, a história de Macabéa não é marcada por grandes atos de bravura e, sim, por uma sina de luta e sofrimento dentro dos limites da existência. Luta que acontece no mundo do texto, que do início ao fim mostra o movimento moroso, inquieto e agônico de Macabéa rumo ao seu *scathon*. Todas as meditações de Macabéa, suas contemplações vazias na grande amplidão que se mostrava à sua frente,

³⁷⁸ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.16.

³⁷⁹ SANTIAGO, Silviano. Bestiário. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo: IMS, 2004, p.213.

revelam o caráter misterioso da personagem, a mística da própria narrativa. Essa liberdade interior que possuía foi o único espaço absoluto de Macabéa. Por isso, a busca do narrador em nos mostrar as ponderações de Macabéa, sua vacuidade e desejo, revelam o intento de também nos mostrar a transcendência do texto e da vida. Dentro disso, se inscreve o embate interno da obra: “... como é que num corpo cariado como o dela...”³⁸⁰, possuía lascívia, crença e, sobretudo, vida. Como diante de todas as desarticulações históricas, ela persistia existir, inconsciente de sua história e de seu futuro, limitada por seu próprio ser. A radicalidade de *A Hora da Estrela* nos mostra não só um aspecto de ambigüidade da prosa, mas também de compulsividade pela vida. “Essa audácia lhe deu um inesperado ânimo para audácia maior (explosão)...”³⁸¹.

Nas palavras de Nádía Gotlib, *A Hora da Estrela* é uma narrativa agônica³⁸², é o desfecho existencial de personagem e autora. O que nos faz atentar, para a luta visceral que se inscreve no romance, em prol da vida. Clarice, a mulher que se caracterizou por sua estranheza e singularidade, deixa entrever em toda a sua obra e vida a sua preocupação suprema com o mistério da morte³⁸³ e, além disso, a sua relação tensa e radical com a palavra, vivida até o último sopro de vida³⁸⁴. Há uma paixão pela existência, que marca personagens e autora, que se intensifica em Macabéa em sua mística agônica, em suas tentativas de se buscar um outro que sempre se colocava mais distante: (“Ah, pudesse eu pegar Macabéa...”³⁸⁵, dirá o narrador). E, acima de tudo, em sua luta final pela vida:

Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio

³⁸⁰ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.61.

³⁸¹ Idem, ibidem. p.71.

³⁸² GOTLIB, Nádía Battela. op. cit., p. 472.

³⁸³ “O que chamo de morte me atrai tanto que só posso chamar de valoroso o modo como, por solidariedade com os outros, eu ainda me agarro ao que me chama de vida. Seria profundamente amoral não esperar, como os outros esperam, pela hora, seria esperteza demais a minha avançar no tempo, e imperdoável ser mais sabida do que os outros. Por isso, apesar da intensa curiosidade, espero”. In: LISPECTOR, Clarice. *Espera Impaciente*. In: *A Descoberta do Mundo*, (crônicas). Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 205, (publicada em 28/06/69).

³⁸⁴ “A paixão pela existência está também muito presente no modo como Clarice Lispector se relaciona com o texto. Embora se debatesse entre a desilusão e a alegria dolorosa que a atividade literária lhe proporcionava, e o desejo de simplesmente viver, ela escreveu até a morte”. In: WALDMAN, Berta. op. cit., p.41.

³⁸⁵ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.59.

profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá. [...] Um gosto suave, arrepiante, gélido e agudo como no amor. Seria esta a graça a que vós chamais de Deus? Sim? Se iria morrer, na morte passava de virgem a mulher. Não, era a morte pois não a quero para a moça: só um atropelamento que não significava sequer desastre. Seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher³⁸⁶.

A morte foi o grande *eros* de Macabéa, no limiar de sua existência, desvendou-se todos os mistérios da sua condição: sua feminilidade, a consciência de sua história e o esforço último em prol de sua vida. A estranha marca agônica e mística de sua existência *in extremis*, de sua busca fracassada, porém, entretecida até o final. Do esforço último que lhe fez sabedora de sua “trágica vida”, sua luta travada na sarjeta da existência, metáfora de nossa condição e culpa, onde ela pronuncia com força e desejo: “*Quanto ao Futuro*”³⁸⁷.

3.4.2. Quanto ao futuro

O desfecho da narrativa põe em discussão a questão do pobre de forma nunca vista em nossas letras. O romance, em seu retrato da vida, imita a própria interioridade do ser, e deflagra como os desajustes históricos que enfrentamos são muito mais emblemáticos do que podemos pensar. A narrativa nos faz testemunhas de um assassinato, já que como leitores somos cúmplices do jogo literário. *A Hora da Estrela* nos desafia a refletir o modo como pensamos os processos históricos e, mais ainda, a maneira como assumimos participar da sociedade em que vivemos. Há uma verdadeira desmontagem dos valores e fundamentos de nossa vida social e cotidiana no romance. Em todas as cenas e situações mais banais da vida de Macabéa, ela é relativizada em sua máxima expressão. Não se trata apenas de inconsciência histórica, é, além disso, a negação da subjetividade do ser, da sua liberdade e autonomia. *Paul Tillich* dirá que a primeira marca básica do mal é a perda do “eu”, isto é, da

³⁸⁶ LISPECTOR, Clarice. op. cit., p.84.

³⁸⁷ Idem, ibidem. p.85.

capacidade cognitiva e filosófica de nos indagarmos sobre nós mesmos³⁸⁸. Neste sentido, pode-se dizer que a narrativa nos revela como os processos aniquiladores que operam na história humana são revelações do próprio mal, da própria nulidade humana.

Não dá para fugir do constrangimento ético da narrativa, pois fica evidente que a exemplo da autora e do narrador, todos somos cúmplices no processo de destruição gradativa das capacidades potencializadoras do ser. Quando pensamos no problema da religião, não há como esquecer o esforço feito pela *Teologia da Libertação* em pensar o problema do pobre à luz da fé cristã. Sem dúvida, deve se ressaltar o papel histórico dessa corrente teológica. Contudo, quando olhamos para a própria história da teologia latino-americana, constatamos, atônitos, como a questão social ficou fadada em muitos casos a um mero esforço hermenêutico de se reler a teologia cristã a partir do prisma da libertação³⁸⁹. Debates se deram, livros foram feitos, encontros produzidos, mas a afirmação que nos atordoava como uma pergunta inquiridora ainda persiste: Quanto ao Futuro?

É impossível fugirmos à pergunta, porque a literatura alcança todas as dimensões da vida humana. Sobretudo em Clarice Lispector, que debate profundamente os limites da própria existência. A teologia encontra aqui uma grande aliada, em sua revisão metodológica e lingüística, em sua tarefa de falar sobre os sentidos ficcionais da existência humana³⁹⁰.

O grito ético que se ouve nas entrelinhas do texto, bem como, a singularidade da linguagem clariceana (literária) nos desafia pensar o dilema histórico dos sujeitos, sem negar a sua dimensão mais radical: a dimensão do sagrado. Se o problema de Macabéa é desafiador para pensarmos o problema da religião, é justamente por tocar no fundamento de

³⁸⁸ TILLICH, Paul. op. cit., p.52.

³⁸⁹ Conf. ASSMAN, Hugo. Por uma teologia humanamente saudável. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). *O Mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Soter/Loyola, 2000, p.123.

³⁹⁰ ASSMAN, Hugo. op. cit., p.117. O interessante texto de Hugo Assman nos aponta os equívocos e limites que marcaram a teologia latino-americana em seu percurso histórico e, aponta interessantes aspectos a serem considerados na revisão e reflexão sobre o fazer teológico.

nossa sociedade e vida: Deus. Se já assumimos o pressuposto de lermos a obra de Clarice Lispector como um texto sagrado, é por ser este, capaz de provocar extensas buscas e inesgotáveis exegeses. E como tal, é capaz de nos dizer coisas novas sobre a nossa própria vida e mistério. Partindo do pressuposto de Eli Brandão, que toda linguagem literária propiciadora do sagrado é teologia³⁹¹, ousou dizer que *A Hora da Estrela* é um intenso texto teológico, que possui profundo valor teológico, retomando as palavras de Magalhães, porque como tal, nos inquirir a realidade da existência humana e a sua relação com a transcendência, mais ainda, porque nos suscita confrontar e refletir postulados de nossa linguagem e conteúdo teológico e, sobretudo, porque revela o drama humano numa dimensão muito mais profunda.

A narrativa clariceana nos coloca uma prospectiva: o desafio de pensarmos, o estranho texto que cada um de nós tem a sua frente: nossa biografia, existência e realidade mais profunda. Por último, o romance nos alarma para um trágico perigo em nossos tempos pós-modernos: o esquecimento do outro. Sobre isso, creio que as últimas palavras da autora na dedicatória do texto, nos dão conta do grande desafio que nos propõem:

Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo me dê. Vós?³⁹².

³⁹¹ SILVA, Eli Brandão. op. cit., p.120.

³⁹² LISPECTOR, Clarice. op. cit. (dedicatória do livro).

CONCLUSÃO

*É que só sei ser impossível,
não sei mais nada. Que é que
faço para conseguir ser
possível?*

Macabéa

Nosso embate com o texto clariceano, chega ao seu término, ciente de suas limitações, dificuldades, mas, sabedor dos incontáveis benefícios de se contrapor a uma narrativa extremamente inquiridora. Não se sai ileso ao se enfrentar Clarice. Investigar e refletir sobre o seu ato criativo e, mais ainda, se espreitar pelo mundo da mística e pelas reflexões da religião, nos coloca o desafio de pensarmos nosso próprio trajeto científico, bem como, existencial. Por tal razão, nosso caminho dentro do mundo clariceano, foi progressivo, tateante e reflexivo, e procuramos muito mais do que responder, refletirmos sobre a obra da autora.

Para tanto, primeiramente, passeamos pelas inúmeras contribuições dos que se debruçaram pensar a interface literatura e religião. Nesse aspecto, somos devedores a Waldecy Tenório e sua bailadora andaluza, que baila poderosamente nas páginas poéticas de João Cabral de Melo Neto, sinalizado como sagrado, pode expressar o grito do justo em sua realidade de vida e morte severina. Além disso, refletimos sobre *Deus no Espelho das Palavras*, de Antonio Magalhães, e seu esforço louvável de mostrar as relações intrínsecas

entre literatura e cristianismo, suas origens históricas e as razões para o afastamento do pensamento teológico da força imagética da literatura, e sua fossilização nas redes autoritárias do aparato eclesiástico. Nos defrontamos ainda com o *Deus de Saramago*, o pertinente trabalho de Salma Ferraz, que compõem a partir das principais obras do escritor português, um vitral que mostra o quão impiedoso e satírico é o Deus do Cristianismo, bem como, demonstra a crítica do autor português às mazelas históricas que marcaram a fé cristã.

Dessa forma, estávamos bem acompanhados em nossa trajetória e, assim, ousamos adentrar o universo ficcional de Clarice Lispector. Primeiramente, dialogando a partir de sua própria vida, bem cientes de que nessa não encontraríamos, explicação à sua obra, ao contrário, constataríamos atônitos como a escritora fez-se refém de sua própria arte. Submissão que sempre a caracterizou, revelando por meio dessa, seu estranho fascínio por bichos, nos instigando a pensar como esses aspectos revelam profundas ressonâncias com figurações do primitivo, demonstrando, uma nostalgia de um tempo distante, como sinalizamos ao evocar algumas idéias de *Georges Bataille*. Nos coube ainda, demonstrar o drama que caracteriza as personagens em suas emboscadas ficcionais, e a temática existencial que se espraia em suas linhas, seu compromisso e reflexão permanente sobre a condição do existir humano.

Como fizemos por camadas, por estágios, respeitando as próprias características da escritura clariceana, tentamos demonstrar os principais aspectos dessa escritura metafórica-metafísica, sua linguagem simbólica, intimista e humana. Feito isso, começamos a considerar os elementos bíblicos que marcam a narrativa de Clarice, em suas temáticas, alusões, inversões e, acima de tudo, em sua linguagem multivoca, que assume de artemão o fracasso de sua empreitada, o limite de sua fala. Com isso, estamos diante do romance *A Hora da Estrela*, o texto-obra que privilegiamos em nossa abordagem, o midrash que torna

atual e urgente a discussão sobre a realidade dos mais fracos e nos narra as vicissitudes da figura bíblica Macabéa e sua vida nos escombros da grande cidade.

Com isso, adentramos o mundo ficcional da personagem Macabéa, que para nós, a partir das considerações de Rosenfeld e Antonio Candido, é vista como desveladora da realidade ficcional. A bem da verdade, desveladora de uma verdade mais profunda que o próprio real, já que estamos diante de sua história e interioridade. E dessa forma, caminhamos passo a passo no texto, comentando e dialogando os encontros e desencontros de Macabéa, sua via de negativas, seu desfavorecimento social, seu desprovimento cultural, sua tragédia ontológica. Contudo, mostramos seu momento alto, a porta que se mostrou à sua frente, a palavra que lhe vaticinou vida e esperança, demonstrando a busca do narrador/autora até o final por Macabéa. Profecia anunciada e desmentida ao primeiro passo de sua nova vida, explode o destino existencial de Macabéa, a revelação de seu nome e a razão de nosso problema: onde estava Deus?

Foi perpassando essa preocupação suprema, que levantamos temas da própria teoria literária para debatermos em nossa investigação. A ironia dessacralizadora da narrativa para com os valores e símbolos da religião, sua incapacidade comunicativa na vida de Macabéa, e a aguda crítica que apresenta à religião em sua forma institucional, denunciando o quão distante se encontra do ser humano e o fracasso enquanto instrumento desvelatório da realidade humana.

Entretanto, o narrador clariceano não é um niilista, um intelectual, ao contrário, é um homem que “escreve com corpo”, que é tocado pela tragédia humana, que é sensível ao seu descompasso, daí sua insistente e fracassada busca por Macabéa, revelando-nos o caráter ambíguo de *A Hora da Estrela*, é crítica, mas também é apelo, esperança. Tal aspecto traça na narrativa um tom midrashico, de comentário e exegese, por isso trouxemos à luz algumas temáticas desenvolvidas por Scholem, em seus estudos sobre a mística judaica e, ainda, de

Robert Alter sobre o cabalismo de Kafka. Por meio disso, pudemos descobrir como o descompasso existencial de Macabéa é revelador de uma narrativa de problematização do elemento místico, aspecto que não anula e nem exclui a ressonância de uma religião que pulsa encalacrada e vibrante nas veias da escritura clariceana. Vindo ser evidente e incontornável no manifesto *A Hora da Estrela*, a palavra última, o acerto de contas do texto para com a história da autora e da personagem.

Dessa forma, descobrimos como em Clarice a escrita foi assumida como razão última, e, seu último texto desvela a relação agônica que a autora viveu em toda sua atividade literária, em toda sua intensidade existencial e em toda sua busca textual pelo nome proibido. O desfecho de nosso trabalho ressalta o término do romance e a morte da autora, constata como personagem e autora viveram uma relação mística agônica com o texto, o outro e a vida. Tal aspecto suscitou em nós um breve e necessário debate sobre as questões éticas do romance e sua relação com o pensamento teológico.

Como falar de Deus diante da realidade dos pobres? A antiga pergunta da reflexão teológica latino-americana encontra guarida em nossa abordagem. Nossa ousadia e desafio é que, inscrevemos *A Hora da Estrela* como um intenso texto teológico que revela o drama humano numa dimensão muito mais complexa. Um texto que desafia nossas mentalidades a pensar a questão do ser humano, numa perspectiva mais ampla e profunda. Só assim poderemos perceber e descobrir como a religião teima dissimuladamente em viver nos limites da própria existência humana.

BIBLIOGRAFIA

Livros de Clarice Lispector

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo*. (crônicas). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A Maçã no Escuro*. 9ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*: ficção. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *O Búfalo*. In: *A Palavra é Amor*, (seleção de contos e notícias biográficas). Ricardo Ramos(org.). 2ª ed., São Paulo: Scipione, 1990.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* Ed. crítica, Coord. Benedito Nunes. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago de Chile: Allca XX, 1988. (2ª ed. 1996, 1ª reimp. 1997 – Coleção Archivos, 13).

LISPECTOR, Clarice. *Clarice por ela mesma*. Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: : Instituto Moreira Salles, nº17-18, 2004.

Livros sobre Clarice Lispector

ABDALA JUNIOR, Benjamim e CAMPEDELLI, Samira Youssef (orgs). *Clarice Lispector* - seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico. São Paulo: Abril Educação, 1981.

- ARÊAS, Vilma e WALDMAN, Berta.(orgs.). *Clarice Lispector*. Remate de Males - Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, nº 9, 1989.
- ARÊAS, Vilma e WALDMAN, Berta. Eppur, Si Muove. In: *Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.* 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 1992.
- BORELLI, Olga. A difícil definição. In: *A Paixão segundo G.H.* Ed. crítica, Coord. Benedito Nunes. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago de Chile: Allca XX, 1988. (2ª ed. 1996, 1ª reimp. 1997 – Coleção Archivos, 13).
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª ed./6ª reimp. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BRASIL, Assis. *Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora, 1969.
- CAMPOS, Haroldo de. apresentação. In: SÁ, Olga de. *A Escritura de Clarice Lispector*. 3ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- CANDIDO, Antonio. No Raiar de Clarice Lispector. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. p.123-131.
- COELHO, Nelly Novaes. *Clarice Lispector: a escritura existencialista de Clarice Lispector*. In: *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Siciliano, 1993.
- COSTA PINTO, Graziela R. S. *O ser e a escritura*. In: CULT – Revista Brasileira de Literatura n.º 5, São Paulo, dez/1997, p.52-56.
- FUKELMAN, Clarisse. *Escrever estrelas (ora, direis)*. apresentação de A Hora da Estrela, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

- GALHARTE XAVIER, Júlio Augusto. Na trilha da despalavra: silêncios em obras de Clarice Lispector e Samuel Becket. In: PONTIERI, Regina (org.). *Leitores e Leituras de Clarice Lispector*. São Paulo: Hedra, 2004.
- GOTLIB, Nadia Battela. *Clarice – Uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- GOTLIB, Nádia Battella e Equipe IMS. *A Descoberta do Mundo*. Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo: : Instituto Moreira Salles, nº17-18, 2004.
- GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de Leitura: a hora da estrela de Clarice Lispector*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1998.
- KADOTTA, Neiva Pitta. *A Escritura Inquieta: linguagem, criação e intertextualidade*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1999.
- LIMA, Luís Costa. “A mística ao revés de Clarice Lispector”. In: *Por que Literatura*. Petrópolis: Editora Vozes, 1966. p.98-124.
- MARTINS, Gilberto Figueiredo. *Clarice e a crítica*. In: CULT – Revista Brasileira de Literatura n.º 5, São Paulo, dez/1997, p.57-60.
- MARTINS, Gilberto Figueiredo. *Culpa e transgressão*. In: CULT – Revista Brasileira de Literatura n.º 5, São Paulo, dez/1997, p.47-51.
- MONTENEGRO, João Alfredo. *História e Ontologia em A Hora da Estrela, de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- NITSCHACK, Horst. A Hora da Estrela (Clarice Lispector) e Primera Muerte de María (Jorge Eduardo Eielson): Superação de uma estética da mimesis. In: PONTIERI, Regina (org.). *Leitores e Leituras de Clarice Lispector*. São Paulo: Hedra, 2004.
- NUNES, Benedito. *Clarice Lispector ou o Naufrágio da Introspecção*. In: Remate de Males – Revista de Teoria Literária, Campinas: Unicamp, n.º 9, 1989
- NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Ática, 1989. (Série: Temas; v.12- Estudos Literários Local).

- NUNES, Benedito. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- OLIVEIRA MACHADO, Regina Helena de. *Crime e desistência nos textos de Clarice Lispector*. Remate de Males – Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, n.º 9, 1989.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *Epifania de Clarice*. In: Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, n.º 9, 1989.
- PONTIERI, Regina Lúcia. *Clarice Lispector: uma poética do olhar*. 2ª ed., Cotia: Ateliê Editora, 2001. (Série: Estudos Literários).
- PONTIERI, Regina Lúcia. *Os tantos outros que sou – Clarice Lispector e a experiência da alteridade*. Petrópolis: Revista Cultura Vozes; v.88, n.º 4, Jul-Ago/1994. p.26-30.
- PRADA, Cecília. *Estranha e Apaixonada*. São Paulo: Revista Problemas Brasileiros; v.35, n.º 323, Set-Out/1997. p.42-44.
- PRADO JR, Plínio W. *O impronunciável: notas sobre um fracasso sublime*. Remate de Males – Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp. n.º 9, 1989.
- ROSENBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002. (Folha Explica).
- ROSENBAUM, Yudith. *Metamorfozes do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp/Fapesp, n.º 17, 1999. (Série: Ensaios de Cultura)
- ROSSONI, Igor. *Zen e a poética auto-reflexiva de Clarice Lispector (uma literatura de vida e como vida)*. – São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- SÁ, Olga de. *A Escrita de Clarice Lispector*. 3ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: A travessia do oposto*. São Paulo: Anablume, 1993. (Tese de Doutorado - PUC-SP).
- SÁ, Olga de. *Uma metafísica da matéria ou uma poética do corpo*. In: Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n.º17-18, 2004, p.140.

- SANT'ANA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SANT'ANA, Affonso Romano. O ritual epifânico do texto. In: *A Paixão segundo G.H.* Ed. crítica, Coord. Benedito Nunes. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago de Chile: Allca XX, 1988. (2ª ed. 1996, 1ª reimp. 1997 – Coleção Archivos, 13).
- SANTIAGO, Silviano. *Bestiário*. In: Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº17-18, 2004,
- SOUSA, Carlos Mendes de. *A Revelação do Nome*. In: Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo: : Instituto Moreira Salles, nº17-18, 2004.
- SZKLO, Gilda Salem. “*O Búfalo*”: Clarice Lispector e a Herança da Mística Judaica. In: Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, n.º 9, 1989.
- TREVISAN, Zizi. *A reta artística de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Pannartz Ltda, 1987.
- VIEIRA, Nelson H. *A Expressão Judaica na Obra de Clarice Lispector*. In: Revista Remate de Males, Campinas: Unicamp, n.º 9, 1989.
- VV.AA. *Clarice Lispector*. Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº17-18, 2004.
- WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.* 2.ed. ver. e ampl. São Paulo: Escuta, 1992.
- WALDMAN, Berta. *Entre Passos e Rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Perspectiva/Fapesp/Associação Universitária de Cultura Judaica. 2003.

Bibliografia sobre a Interface Religião e Literatura

- BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993.
- FERRAZ, Salma. *As Faces de Deus na Obra de um ateu – José Saramago*. Juiz de Fora: UFJF; Blumenau: Edifurb, 2003.
- JOSSUA, Jean-Pierre & METZ, Johann Baptist. *Teologia e Literatura*. (editorial). In: Concilium 115, 5 (1976).
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e a escritura: retratos teológicos-literários*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000. (Série: Literatura e Religião)
- MAGALHÃES, Antonio et all. *Teologia e Literatura*. São Bernardo do Campo: UMESP/Ciências da Religião, nº 9, 1997. (Série: Cadernos de Pós-Graduação).
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- SILVA, Eli Brandão. *O Nascimento de Jesus-Severino no Auto de Natal Pernambucano como Revelação Poético-Teológica da Esperança: hermenêutica transtexto-discursiva na ponte entre Teologia e Literatura*. 2001. (Tese de doutorado – Universidade Metodista de São Paulo).
- TENÓRIO, Waldecy. *A Bailadora Andaluza: a explosão do sagrado em João Cabral*. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial; São Paulo: FAPESP, 1996.

Bibliografia Complementar

- ALMEIDA, João Ferreira. (trad.) Ed. revista e corrigida. *A Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblia do Brasil, 1994.

- ALTER, Robert. *Anjos Necessários: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- ALTER, Robert. Na Senda da Cabala. In: *O Espelho Crítico*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. 2ª ed., São Paulo: Loyola, 2000.
- ASSMAN, Hugo. Por uma teologia humanamente saudável. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). *O Mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Soter/Loyola, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal).
- BAKKEN, Norman K. *De que tipo é a Linguagem Bíblica*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1985. (Estudos Teológicos). p. 64-76.
- BATAILLE, Georges. *Teoria da Religião*. São Paulo: Ática, 1993.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. (Coleção Sociologia e Religião).
- BOGOLOMETZ, Davy. O misticismo judaico: um cartão de visitas. In: *No limiar do mistério: mística e religião*. Faustino Teixeira (org.), São Paulo: Paulinas, 2004.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *A percepção e representação do mal na religiosidade popular brasileira – Contribuições das Ciências Sociais para um debate teológico*. Estudos de Religião, nº 21; Pós-Graduação em Ciências da Religião; São Bernardo Campo: UMESP, 2001.
- CANDIDO, Antonio. A Personagem de Romance. In: VVAA. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. p.51-80.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2002.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989.

- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.
- CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira.
- DEBRAY, Régis. *Deus, um itinerário: material para a história do Eterno no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência da religião*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FRIEDMAN, Richard Elliot. *O Desaparecimento de Deus: um mistério divino*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- JUNIOR, João Ribeiro. *O que é Magia*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. A Cartomante. In: *Contos Escolhidos*. São Paulo: Klick Editora/O Estado de São Paulo, 1999. (Coleção Vestibular).
- MARASCHIN, Jaci Correa.(org.). *Teologia sob Limite*. São Paulo: ASTE, 1992.
- MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MUIR, Edwain. *A Estrutura do Romance*. Porto Alegre: Editora Globo. 1982.
- NASSER, Maria Celina de Q. Carrera. *O que dizem os símbolos?* São Paulo: Paulus, 2003.
- NEGRÃO, Lísias. A Religiosidade do Povo – visão complexiva do problema. In: *A Religiosidade do Povo*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista/Ciências da Religião. 1985.

- PINKUSS, Fritz. *Tipos de Pensamento Judaico*. São Paulo: Centro de Estudos Judaicos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo/Federação Israelita de São Paulo, 1975.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: VVAA. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. p.9-50.
- SANTOS SOARES, Angela Maria. A Crítica. In: SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SCHOLEM, Gershom. *As Grandes Correntes da Mística Judaica*. 3ª edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da Literatura*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- STEINER, George. *Linguagem e Silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. (Tradução.: Gilda Stuart e Felipe Rajabilly.) – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- STERN, Menahem. A Revolta dos Asmoneus e seu Papel na História da Religião e da Sociedade Judaica. In: UNESCO. *Vida e Valores do Povo Judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- TEIXEIRA, Faustino.(org.) *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Religião e Cultura).
- TILLICH, Paul. *Religião e Cultura*. In: A Era Protestante. São Paulo: Ciências da Religião, 1992. p.81-137.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 3ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- TOSAUS ABADÍA, José Pedro. *A Bíblia como literatura*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VAN DERR BORN, A. (org.) *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 4ª ed.; Petrópolis: Vozes, 1987, p.911-912.

VVAA. Babel: Cadernos de Semiótica e Religião. São Paulo: PUC/Lorena: Centro Cultural Tersa D'avila. n° 1, 1997.

WARREN, Austin, WELLEK, René. *Teoria da Literatura*. 2ª ed. Publicações Europa-América, (Biblioteca Universitária).

Pesquisa na Internet

BITTENCOURT GOMES, Júlio César de. *A Palavra e o silêncio: o esoterismo de Clarice Lispector*. Disponível em: http://www.triplov.com/coloquio_05/julio_cesar.html acessado em: 09/set/04.

RÉGIS, Sonia. *O Pensamento Judaico de Clarice Lispector*. O Estado de São Paulo, 14/05/1988. Disponível em <http://www.clarice-lispector.cbj.net/> acessado em: 11/Abr/05.

WILDZEIS NETO, José. *Cabala e Filosofia em Água Viva*. Lorena: Revista Ângulo/Fatea, http://angulo.fatea.br/angulo_95/angulo95_artigos07.htm acessado em: 14/set/04.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)